

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Bruno Cervilieri Fedri

**DOR DE MÃE: LUTOS POSSÍVEIS E IMPOSSÍVEIS DAS VÍTIMAS DA
VIOLÊNCIA URBANA**

Mestrado em Psicologia Clínica

SÃO PAULO

2014

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Bruno Cervilieri Fedri

**DOR DE MÃE: LUTOS POSSÍVEIS E IMPOSSÍVEIS DAS VÍTIMAS DA
VIOLÊNCIA URBANA**

**Dissertação apresentada à Banca Examinadora
da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
como exigência parcial para obtenção do título de
MESTRE em Psicologia Clínica sob orientação
do Prof. Dr. Alfredo Naffah Neto**

Mestrado em Psicologia Clínica

**SÃO PAULO
2014**

Banca Examinadora

Ao amigo Nilton Carlos (in memorian)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de, primeiramente, agradecer a meus pais, Célia e Elisir, e meus irmãos, Roberta, Bianca e Renzo, cujo auxílio e compreensão sempre pude contar. Obrigado pelas conversas, pelas orientações e pelo amor incondicional.

Agradeço a Eduardo Costa, pelo apoio, companheirismo e carinho.

Agradeço ao meu avô Eliseu Fedri (in memorian), meu exemplo de vida.

Agradeço a Capes pela bolsa concedida para viabilização desta pesquisa.

Agradeço à Denise Sanchez Careta, minha psicoterapeuta, especialmente por ter sobrevivido ao meu ódio e ao meu sofrimento, tornando-se assim digna de meu amor. Obrigado a me ensinar a nadar no raso em tempos de mar agitado e a mergulhar profundo na confiança de poder retornar, repetidamente.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Alfredo Naffah Neto, pela atenção, escuta e pelas orientações fundamentais para a condução desta dissertação.

Agradeço às Profas. Dras. Maria Helena Franco e Rosa Maria Lopes Affonso, pelo carinho e transmissão de valiosos conhecimentos.

Agradeço à Cristiane Pereira, coordenadora geral do CRAVI, por aprovar a realização das entrevistas imprescindíveis a esta pesquisa e realizar com grande dedicação, profissionalismo e respeito aos recursos públicos a coordenação das unidades do Centro de Referência e Apoio à Vítima.

Agradeço aos colegas e às colegas do CRAVI, psicólogas, assistentes sociais, defensores públicos, estagiárias, oficiais administrativos e demais funcionários que, diariamente, disponibilizam-se para acolher vítimas, escutando seus relatos de sofrimento e auxiliando na transformação da violência em ação de cidadania.

Agradeço aos colegas e às colegas da Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania, funcionários públicos exemplares, que trabalham incansavelmente para garantir o acesso aos direitos de todos os cidadãos.

Agradeço também à Lígia Vezzaro Caravieri, coordenadora do Centro Regional de Atenção aos Maus-tratos na Infância (CRAMI), cuja confiança me convidou a trilhar caminhos desafiadores e conquistas singulares.

Agradeço, especialmente, às vítimas da violência urbana, que compartilharam suas histórias para a realização desta dissertação, parabenizando-as pela esperança de não desistir de lutar por justiça e cidadania, em todos os dias de suas vidas.

Como eu me sinto hoje? Hoje eu me sinto melhor... até pintei minhas unhas!
A.F., mãe de Danilo, vítimas da violência urbana

RESUMO

Este estudo teve por objetivo verificar, por meio de registros de atendimentos psicoterapêuticos e entrevistas, as diferenças no processo de enlutamento de duas mães cujos filhos foram vítimas fatais da violência urbana, na cidade de São Paulo. Nos atendimentos psicoterapêuticos, verificou-se que algumas mães apresentavam maior dificuldade em lidar com a perda violenta de seus filhos em relação às outras mães, suscitando questionamentos ligados à possibilidade e à impossibilidade de realização do luto. Para tanto, foram escolhidas duas mães que apresentavam diferenças na relação com o filho perdido: uma em que a mãe voltou a aplicar atenção e interesse por outras atividades e objetos, em detrimento à mãe que não apresentou interesse por outros elementos e objetos a não ser pelo filho perdido. Para desenvolver essa questão, foram levantados estudos sobre a violência urbana na cidade de São Paulo, considerações sobre o lugar do psicanalista no atendimento às vítimas de violência, o perfil dessas vítimas, seguido de estudos relacionados à morte e ao morrer como forma de demarcar o aspecto social e cultural inerente ao tema. Também foram realizados estudos relacionados à neurose traumática, seguindo para a análise clínica do caso, desde as noções freudianas de luto e melancolia à teoria do amadurecimento pessoal de D. W. Winnicott. Desse estudo é possível concluir que a possibilidade de lidar com a perda de um filho é condicionada a conquistas emocionais relacionadas ao estágio do concernimento, sendo o insucesso dessa conquista relacionado à impossibilidade de realização da elaboração do luto.

Palavras chave: 1. Luto 2. Violência 3. Winnicott

ABSTRACT

This study was aimed at assessing, through psychotherapeutic session records and interviews, the differences in the mourning process of two mothers whose children were fatal victims of urban violence in the city of São Paulo. In psychotherapy sessions, it was found that some mothers had greater difficulty in dealing with the violent loss of their children in relation to other mothers, posing questions related to the possibility and impossibility of mourning. Therefore, two mothers who had differences in the relationship with the lost son were chosen: one in which the mother reapplied attention and interest in other activities and objects, rather than the mother who showed no interest in other elements and objects unless the lost son. To develop this point, studies of urban violence in the city of São Paulo, considerations about the place of the psychoanalyst in the assistance to victims of violence and the profile of the victims were raised, followed by studies related to death and dying as a way to demarcate social and inherent cultural aspects to the subject. Related traumatic neurosis studies were also performed according to the clinical examination of the case, from the Freudian notions of mourning and melancholy to the Winnicott's theory of personal maturation. From this study, it can be concluded that the possibility of dealing with the loss of a child is conditioned to emotional achievements related to the stage of concern, being the failure of this achievement related to the impossibility of the mourning process.

Key Words: 1. Mourning 2. Violence 3. Winnicott

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – VIOLÊNCIA URBANA	14
1.1 Um Centro de Referência e Apoio à Vítima	22
CAPÍTULO 2 – O LUTO	26
2.1 Luto – História e Contextualização	26
2.2 Luto – Morte Violenta	28
2.3 A Morte e o Morrer na Psicanálise	30
2.4 O Luto na Psicanálise	32
CAPÍTULO 3 – WINNICOTT E A AQUISIÇÃO (OU NÃO) DA CAPACIDADE DE ELABORAR O LUTO	37
3.1 Por que Winnicott?	37
3.2 A Teoria do Amadurecimento Pessoal	40
3.3 O Estágio do Concernimento: A Depressão como Conquista do Amadurecimento.	43
CAPÍTULO 4 – O HOMICÍDIO E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA A CAPACIDADE DE ELABORAÇÃO DO LUTO	49
CAPÍTULO 5 – METODOLOGIA	53
CAPÍTULO 6 – CASOS CLÍNICOS	57
6.1 Rosa	57
6.2 Telma	60
CAPÍTULO 7 – DA VIOLÊNCIA URBANA AO AMBIENTE SUFICIENTEMENTE BOM: A ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	64
7.1 Rosa	64
7.2 Telma	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS	74

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	77
APÊNDICES	80

INTRODUÇÃO

Esta dissertação é produto de observações e questionamentos relacionados ao atendimento psicoterapêutico às vítimas da violência urbana, mais especificamente aquelas que perderam seus filhos por homicídio, na cidade de São Paulo. Perdas cotidianas que convidam aos desafios de intervir em acontecimentos, algumas vezes, concebidos como incontornáveis na clínica psicanalítica.

Ainda assim, na tentativa de contorná-los, as vítimas da violência urbana encontram diferentes formas de lidar com o ocorrido. Essa diferença relaciona-se aos recursos psicossociais que essas vítimas dispõem, bem como ao tipo de violência sofrida, uma vez que diferentes violências inferem diferentes possibilidades de atravessamento¹.

Vítimas de diversos tipos de violência, como física, psicológica, sexual, negligência, de crimes contra a vida; vítimas da violência urbana, acompanhadas do sofrimento de ter de recomeçar, depois de um fator surpresa imprimir em suas vidas uma marca impossível de se apagar.

Nas violências urbanas em que o resultado é a morte de um ente querido, as características do sofrimento e da forma como este se apresenta são singulares. É possível encontrar mães, pais, filhos, amigos, relatando o que conheciam sobre a vida e a morte violenta da vítima, geralmente homem, jovem, negro ou pardo, morador de uma das regiões periféricas da cidade de São Paulo. Relatos carregados de sentimentos de injustiça e sofrimento, que demandam acolhimento e apoio.

Segundo dados da Secretaria da Segurança Pública do Estado de São Paulo, durante o ano de 2011, ocorreram 4.189 homicídios dolosos no Estado. Esse número, como assinalado por essa Secretaria, sofreu um decréscimo em comparação ao ano anterior, o qual compreendeu 4.321² homicídios no Estado.

O levantamento dos índices de homicídio realizado pelo Escritório das Nações Unidas Sobre Drogas e Crime aponta que, durante o ano de 2012, ocorreram 40.974 homicídios nas diferentes regiões do Brasil, levando o Brasil a ocupar o trigésimo terceiro lugar no ranking

¹Prefiro utilizar o termo “atravessamento” ao termo “superação”, uma vez que o primeiro denota a característica de “passar através do sofrimento”, como algo que pode ser atravessado, porém deixando marcas indeléveis.

² Mesmo considerando esse decréscimo, os números se encontram no limiar estabelecido pela Organização das Nações Unidas, a qual considera violência epidêmica 10 homicídios por grupo de 100 mil habitantes.

de país mais violento do mundo, porém, o primeiro em números absolutos de crimes de homicídio.

Tais dados não consideram, entretanto, o número de pessoas indiretamente afetadas pela perda de um ente querido. Se forem compreendidos os pais, familiares e amigos da vítima assassinada, há a possibilidade desse número ser ainda maior. As vítimas indiretas não encontram visibilidade a partir dos levantamentos estatísticos do Estado.

Dentre as vítimas, indiretamente afetadas pela violência urbana, são especificamente as mães, em sua grande maioria, que procuram ajuda. Desamparadas pela insensibilidade das instituições públicas, e desorientadas pela falta de informações sobre as circunstâncias do crime, essas vítimas aparentam viver um duplo processo, ou seja, o luto da perda e a luta por justiça.

No âmbito do atendimento psicoterapêutico, lugar privilegiado de acolhimento do humano e seu sofrimento, verificam-se os discursos interrompidos, ora por choros copiosos, ora pela apresentação de fotos do filho assassinado, não raro acompanhadas de muitas folhas de papel organizadas em uma pasta, sob o braço. As vítimas da violência urbana trazem consigo uma série de dúvidas relacionadas às circunstâncias do homicídio, como: Por quê? Por quem? E agora?

Relatam estar “sem chão”, vivendo como que por obrigação. Perdem o interesse pelas atividades cotidianas, envolvem-se em crises de relacionamento, afastam-se dos amigos e conhecidos e deixam de sair de casa. Aos poucos, aparentam renunciar à vida.

O objetivo desta dissertação é aprofundar os conhecimentos sobre o luto por morte violenta, utilizando como base teórica os pressupostos da Psicanálise, mais especificamente da teoria do amadurecimento pessoal de Donald Woods Winnicott, por meio do atendimento psicoterapêutico às mães que perderam seus filhos por homicídio, na cidade de São Paulo.

Por conceber ambos, violência e luto, como fenômenos sociais, esta dissertação será escrita tendo como cenário a violência que ocorre na grande cidade em suas variadas formas.

Assim, no primeiro capítulo, será apresentado um panorama da violência urbana, delimitando sua caracterização bem como apresentando o Centro de Referência e Apoio à Vítima – CRAVI - como o local de atendimento das duas vítimas de violência entrevistadas para esta dissertação. Nesse capítulo, também serão abordadas considerações sobre o lugar do psicanalista no atendimento à vítima de violência.

No segundo capítulo será abordado o luto, tendo como ponto de partida sua contextualização histórica, passando ao aprofundamento no tema da morte violenta como fenômeno singular e central desta dissertação. Tendo estabelecido o contexto histórico e social onde o luto por morte violenta se desenvolve, serão concentrados nos estudos da Psicanálise os temas da morte e do morrer, realizando um paralelo inicial entre a obra *Luto e Melancolia* e os sintomas apresentados pelas vítimas de violência.

O terceiro capítulo inicia-se com uma justificativa para a utilização da teoria winnicottiana no desenvolvimento desta dissertação. A partir de então, a teoria do amadurecimento pessoal é apresentada privilegiando a capacidade para deprimir, produto da conquista relacionada ao estágio do concernimento como indispensável para a elaboração do luto nos casos de violência urbana.

No quarto capítulo, serão abordadas, de forma aprofundada, as considerações sobre o crime de homicídio e as particularidades que esse crime outorga à capacidade para elaboração do luto. Será possível verificar que as qualificações do crime estão correlacionadas às qualidades do luto, constatação que justifica a necessidade de assistência jurídica, concomitantemente ao atendimento psicoterapêutico para as vítimas de violência.

O quinto capítulo apresenta a metodologia utilizada – pesquisa com o método psicanalítico – que privilegia as relações transferenciais e contratransferenciais entre analista e vítima.

O sexto capítulo compreende a apresentação dos dois casos escolhidos para esta dissertação, casos que apresentam diferenças na forma como a perda dos filhos foram sentidas e relatadas.

O sétimo capítulo apresenta a análise das entrevistas, por meio de recortes de vinhetas compreendidas à luz da teoria do amadurecimento emocional de Winnicott, passando ao oitavo capítulo, as considerações finais.

CAPÍTULO 1 – VIOLÊNCIA URBANA

A violência urbana é tema de inúmeros estudos acadêmicos de diversas áreas do conhecimento, visto que é compreendida como um fenômeno multifatorial. Dependendo da forma e do contexto no qual ocorrem, as violências urbanas são subtipificadas, por meio de diferentes nomenclaturas, úteis para o levantamento de ocorrências anuais realizadas pelos órgãos pertinentes, com o objetivo de elaborar estatísticas para o desenvolvimento de políticas públicas de enfrentamento e prevenção da violência.

Violência doméstica, sexual, física, psicológica, socio-estrutural, por arma de fogo, por arma branca, negligência, abandono, contra a vida, contra a dignidade humana, contra o patrimônio, de gênero, de agentes de Estado, de grupos de extermínio, dos interesses das classes dominantes. Violências urbanas, que de acordo com Endo (2005), tem como alvo os cidadãos, gerando consequências na cidade por meio de suas desigualdades.

A começar pela violência das guerras, as declaradas, como no caso da “Guerra Contra o Terror”, protagonizada pelos Estados Unidos contra o Afeganistão, após o atentado terrorista de 11 de setembro de 2001, a qual, segundo o jornal O Estado de São Paulo, vitimou mais de 13.000 pessoas ao longo de dez anos.

As não declaradas e, portanto, mascaradas sob notícias de crescimento sustentável e aumento do produto interno bruto, que vitimam cidadãos cotidianamente, como o tenente Douglas Alfredo Silva, de 36 anos, morto após escapar de uma emboscada na favela da Vila Industrial, em São Bernardo do Campo.

Violências urbanas ocorrem todos os dias e afetam o cotidiano das cidades e de seus habitantes. Violências explícitas e de fácil reconhecimento, transmitidas pelos rádios e pelas televisões causando comoção nacional e clamor público por justiça, como por exemplo, o assassinato de Ives Ota, aos oito anos de idade, ocorrido em 1997, o assassinato de João Hélio, aos seis anos de idade, também ocorrido em 2007, e o assassinato de Isabela Nardoni, aos cinco anos de idade, ocorrido em 2008.

Violências que atingem jovens estudantes, como o assassinato de Vitor Hugo Deppman, ocorrido ano passado, por se recusar a entregar o celular, bem como a chacina na escola de Realengo, perfazendo 12 vítimas fatais.

Há violências quase que imperceptíveis, como as aplicadas pelo Estado, por seus meios burocráticos de funcionamento, e sua negligência aos direitos fundamentais, como

violências tão silenciosas que os próprios envolvidos não conseguem perceber. Violências negadas (MARIN, 2002), que desqualificam o que já é desqualificado pela própria violência, como a afirmação do deputado federal Jair Bolsonaro (2013), “não existe homofobia no Brasil”. Violências legitimadas por força da lei, na opressão das revoltas populares recentes por melhores condições de vida e de transporte, violência que oprime outra forma de violência que, de acordo com Maffesoli (1987), é imbuída de uma capacidade rejuvenescedora do tecido social.

Violências acolhidas pela sociedade, como o Massacre do Carandiru, ocorrido em 1992, onde 111 detentos foram assassinados pela Polícia Militar do Estado de São Paulo, mesma polícia que, anos depois, seria autora da chacina na Favela Naval, em Diadema, matando uma pessoa e ferindo gravemente duas.

O Massacre da Candelária, ocorrido em 1993, onde oito adolescentes foram assassinados. Um dos sobreviventes, Sandro Barbosa do Nascimento, protagonizaria anos mais tarde, em 2000, o assassinato de Geíza Firmino Gonçalves, dentro de um ônibus, crime transmitido ao vivo para todo o país, que ansiava pela morte do autor. A violência urbana evidenciando sua característica transgeracional.

Violências temidas pela sociedade, como os ataques do Primeiro Comando da Capital (PCC) contra policiais e delegacias de polícia, mobilizando toda a Polícia Civil e Militar do Estado de São Paulo e amedrontando a população, apática diante da violência que lhe acomete diariamente. Quando a violência deixa a periferia e se aproxima do centro e dos bairros mais abastados, de uma cidade, torna-se tragédia. Tragédia respondida com outra tragédia aos moldes de talião: 493 pessoas foram mortas.

Sociedade que conhece a inexistência da pena de morte, no mesmo compasso em que a aplica, especialmente, nos casos onde a violência urbana apresenta sua face mais vulnerável, isto é, os jovens pardos, negros e pobres do Brasil. Para eles, os Direitos Humanos são direitos acessórios.

Violência urbana que marca as cidades, que, por sua vez, tentam encontrar formas de apagá-la, negando sua existência, ao mesmo tempo em que negam sua responsabilidade. Berlim, capital alemã, exibe com infundável embaraço as marcas deixadas pela segunda guerra e pelo holocausto. O Brasil, por sua vez, desconhece um holocausto ocorrido em seu próprio território, enquanto São Paulo dilui a removedor e tinta os protestos contra a ditadura escritos nas celas do museu do Departamento de Ordem Política e Social, o DOPS, e implode

o complexo penitenciário do Carandiru: uma tentativa desesperada de esquecer a desqualificação da pessoa humana pela qual o Estado também é responsável.

A tentativa de esquecer, ao invés de encarar, é própria da história de exclusão que acompanha o desenvolvimento das grandes cidades brasileiras, como a abolição do trabalho escravo, ocorrido em 1888, que aumentou ainda mais o número de homens à procura de trabalho, os quais combinados à pobreza e às condições precárias de moradia resultavam em criminalidade (BUORO; SCHILLING; SINGER e SOARES, 2010).

Os governos dessas grandes cidades, no esforço de equiparar suas cidades à Belle Époque francesa, ampliavam suas vias públicas, embelezavam a arquitetura das construções e afastavam a pobreza dos grandes centros, favorecendo a criminalização das classes sociais menos favorecidas. Endo (2005) descreve o oferecimento de energia elétrica e transporte público para lugares específicos da cidade em detrimento a outros, operação que demarcava quem era cidadão e quem não era, dentro de uma mesma cidade.

É justamente onde o Estado não está (a não ser por meio da força policial) que são erigidos verdadeiros campos abertos em que se pratica a violência de modo cotidiano e corriqueiro (ENDO, 2005, p. 26). Historicamente, as regiões onde a violência se torna parte intrínseca do cotidiano paulistano são as do extremo sul e leste da cidade de São Paulo. É o lugar em que a clandestinidade triunfa sobre o Estado, subsidiando a concepção de violência como produto da falência do poder, como cita Hannah Arendt, em seu livro *Sobre a Violência* (1970).

O desenvolvimento de novas tecnologias, próprias do sistema capitalista e da divisão da sociedade em classes dominantes e dominadas, aparenta um desconcertante contrassenso. Enquanto a cidade de São Paulo procura calcular o valor do Imposto Predial e Territorial Urbano, o IPTU, por meio da análise das dimensões de territórios, por leitura a laser, realizadas com aeronaves, e a União desenvolve urnas eletrônicas com leitura biométrica inviolável, as perícias realizadas pelas polícias científicas continuam precárias, realizadas com viaturas sucateadas e dispendo de um número cada vez menor de peritos.

Ademais, não há instrumentos disponíveis para coleta de materiais referentes ao ato criminoso e, muitas vezes, a cena do crime é violada por falta de cuidado dos próprios policiais, levando a Folha de São Paulo a noticiar que menos de 10% dos homicídios investigados em São Paulo são capazes de apontar sua autoria, sendo esses homicídios

relegados ao arquivamento, aguardando, muitas vezes, novos indícios de autoria colhidos pelos próprios familiares das vítimas, já descrentes do sistema de justiça.

Esse desconforto relacionado à morosidade da justiça e à desconfiança, no que se refere à sua eficácia, convida diversas vítimas de violência a procurar órgãos de imprensa para que estes ofereçam a visibilidade que o judiciário não consegue oferecer. As vítimas de violência sabem que a ampliação da comoção da sociedade para com sua situação pode resultar em maior celeridade no processo e coibir a impunidade.

Esta busca de visibilidade e justiça pelos meios midiáticos apresenta efeitos positivos e negativos para as vítimas de violência, pois, enquanto essas vítimas conquistam a visibilidade por meio da veiculação de suas vozes, anteriormente caladas pela violência e pelo sistema de justiça, historicamente marcado pela impessoalidade e pela falta de atenção às questões relacionadas à vítima, também tornam-se objetos do sensacionalismo midiático, que provoca a ira da população e seu desejo de vingança sem discutir com profundidade necessária os problemas estruturais mais graves que afetam a sociedade, como a miséria, a má distribuição de renda, a falta de escolas e hospitais.

A violência urbana, assim, deixa de ser compreendida como um produto de desigualdades sociais históricas passando a ser produto de possíveis destemperos emocionais dos indivíduos envolvidos. Deixa de ser urbana para se tornar tragédia da vida privada, servindo como modelo do que não se deve ser ou fazer na sociedade. Dessa forma, as motivações de seus horrores são constantemente perseguidas dentro do âmbito intrapsíquico, e nos saberes da Psiquiatria e da Psicopatologia.

Os “porquês” da violência, objeto de profundo interesse dos espectadores e das vítimas diretamente e indiretamente atingidas, não são orientados ao pano de fundo da violência urbana, que é a estrutura da cidade e seus recortes desiguais. Tal raciocínio desfavorece o desenvolvimento de compreensões mais profundas e coletivas acerca das origens da violência, que apontariam para a responsabilidade de todos diante desta inserida nas noções de Direitos Humanos.

A ampliação da pacificação social ao longo da história foi baseada na ampliação e reconhecimento efetivos dos direitos do cidadão (BUORO; SCHILLING; SINGER e SOARES, 2010). Ampliação que teve início em meados do ano de 1688, por meio da carta de direitos promulgada pelo parlamento inglês, carta que já garantia os direitos de ir e vir dos cidadãos, bem como os direitos à livre expressão e crença.

Ao longo da história, diversas leis e estatutos foram criados, com o objetivo de ampliar a pacificação social, e ainda outros deverão ser desenvolvidos para que se consiga acompanhar a evolução das sociedades e das violências que ocorrem no cotidiano das cidades. Os medos e anseios dos homens e mulheres diante da violência são tão dinâmicos quanto os tipos de violências que lhes são aplicadas.

É com base nesta ampliação da pacificação social que se amplia também a sensibilidade dos cidadãos diante da violência, fazendo com que seu fenômeno não seja identificado apenas por meio de ações concretas, como a agressão física. Atualmente, grande parte da população já nomeia de violência as diversas manifestações de negligência do Estado diante de seus direitos fundamentais.

Também é com base nesta ampliação da pacificação social que disciplinas foram criadas com o objetivo de estudar o fenômeno da violência, seus personagens, suas origens, para assim estudar suas formas de prevenção. Citam-se, por exemplo, os estudos da vitimologia e da criminologia, que têm como objetivo de estudo o criminoso, a vítima e as variáveis que sustentam a emergência de uma atitude criminosa.

Com essas disciplinas e seus estudos, uma quantidade importante de cartilhas de prevenção à violência é desenvolvida para os mais diversos segmentos, como mulher, crianças e adolescentes, homossexuais, bissexuais e transgêneros, ampliando também o repertório de comportamentos que podem evitar a violência nas grandes cidades. *A polícia me parou: e agora?*, *Da Dor à Busca por Justiça: Orientações Para Vítimas de Violência*, *Quanto Custa o Machismo? – Cartilha Sobre a Lei Maria da Penha*, entre outros materiais que, juntamente com os conselhos de nossos pais a respeito de “Não falar com estranhos” e “andar em grupo” legitimam a necessidade de instrumentalizar a sociedade diante da violência que a surpreende.

Desse modo, é possível afirmar que a violência urbana é um fenômeno histórico e complexo, que se relaciona com as esferas públicas e particulares dos cidadãos, muitas vezes, indiferenciando-as. Como afirma Souza (2005), espaços psíquicos e sociais perdem suas fronteiras, as fantasias se tornam atos. Um fenômeno que deixa marcas, como a passagem de um tornado ou um terremoto, que promove a destruição juntamente com a demanda de elaboração.

Assim é a violência urbana nos casos de homicídio: a perda violenta de um ente querido deixa um rastro de destruição nas vidas dos familiares, em suas relações interpessoais,

em seus projetos de vida e perspectivas de futuro. Uma destruição que jamais será restaurada como em sua forma original. Haverá sempre uma rachadura, uma fratura, um vazio que jamais poderá ser restaurado, especialmente nas mães cujos filhos jovens foram as vítimas fatais – as principais vítimas da violência urbana.

De acordo com Waizelfisz (2013), a taxa de homicídios juvenis, que em 1996 compreendia 42,4 jovens por 100.000 habitantes, atingiu no ano de 2011 53,4 jovens. De acordo com uma pesquisa realizada pelo mesmo autor, no ano de 2010, foram registrados 34.983 homicídios contra pessoas negras, enquanto 14.047 pessoas brancas perderam a vida pelo tipo de mesmo crime. Dados como estes evidenciam que a pena de morte no Brasil existe, e tem perfil.

Essa pesquisa encontra ressonância nos dados levantados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE, o qual aponta que, entre os anos de 1992 e 2009, ocorreu um aumento de 19,2 para 27,1 dos homicídios por 100.000 habitantes, sobretudo contra jovens do sexo masculino.

De acordo com o Programa de Aprimoramento das Informações de Mortalidade (PRO-AIM), a cidade de São Paulo registrou, no ano de 2012, o número de 16.782 homicídios notificados como agressões por terceiros, sendo destes 5.574 jovens entre 10 e 24 anos de idade.

Como os destroços que ficam após a passagem de um furacão, são as mães e os pais que permanecem após a tragédia, fraturados emocionalmente e, por vezes, também fisicamente, não raro sem qualquer recurso, apoio e assistência.

É sobre esta violência urbana e seus efeitos que a presente dissertação discorrerá, violência que restringe os espaços públicos, degrada os laços sociais e, portanto, reivindica, dado a sua gravidade e intensidade, juntamente com ações públicas e sociais, um trabalho clínico psicoterapêutico que conduza aqueles que permaneceram nos trilhos da vitimização à sobrevivência.

Trabalho este que pode viabilizar a voz dos familiares, não por meio do sensacionalismo midiático já citado e conhecido, mas por meio de um espaço no qual os direitos humanos e a valorização da vida podem ser reconsiderados como os mais altos e importantes direitos de todo cidadão: o setting psicoterapêutico, de escuta e intervenção, que também é lugar de cidadania, que carrega em seu bojo a responsabilidade de acolher os indivíduos da maneira como se apresentam.

O setting psicoterapêutico tem essa potência, e o psicanalista tem um importante papel. Não raro o psicanalista é questionado sobre sua “resistência” diante de um trabalho que envolve invariavelmente o sofrimento humano em dimensão catastrófica, bem como sua capacidade em oferecer ajuda sem “misturar-se” com as questões do outro, sobretudo quando esse outro traz relatos de violência e morte.

Concomitantemente, o trabalho com vítimas de violência remete o psicanalista a refletir sobre suas possibilidades de auxiliar a vítima a encontrar formas de atravessamento da violência sofrida, forma esta, por vezes, questionada pelo próprio profissional, que se encontra entre o terreno do possível e do impossível quanto à efetividade de sua intervenção nesse contexto.

Em seu livro *A Violência no Coração da Cidade – Um Estudo Psicanalítico* – Paulo Endo (2005, p. 15) afirma que “a violência é maior do que nós”. Assim, diante dessa violência o ser humano se sente, não apenas impotente, mas também imbuído pela responsabilidade do que pode ou não pode fazer diante dela:

Estávamos lá e não pudemos – ou quisemos – fazer nada para evitar o pior. Mas o que é pior? Ser morto ou matar? Como poderíamos “melhorar” o horror, sem saber ao certo o quanto o determinamos e o quanto o ajudamos a se edificar? (ENDO, 2005, p. 15).

Observar uma situação de violência e prestar atenção nela e nos relatos de quem a testemunhou torna o indivíduo, obrigatoriamente, parte desse contexto e, diante disso, há um posicionamento a ser tomado.

Maria Laurinda Ribeiro de Souza, em seu livro *Violência*, e Nilo Odália, em seu livro de mesmo nome, descrevem um posicionamento “isolante”, que se retrata inclusive na arquitetura das cidades:

A arquitetura das cidades e das casas, notadamente a partir da década de 90 reflete este estado da alma. É uma arquitetura do medo: condomínios fechados, necessidade de identificação em qualquer prédio, cercas eletrificadas, sensores de presença, muros altos, lanças cada vez mais sofisticadas, câmeras nas ruas, nos prédios, nas lojas. (SOUZA, 2006, p. 13)

Hoje a arquitetura perdeu seu sabor pela vida exterior, interioriza-se, e o que se busca, desesperadamente, é a segurança e a defesa. Defendemo-nos de tudo. Os espaços são fechados, a casa é projetada para dentro de si mesma, o exterior é abandonado, pois é o perigo a ser evitado, não a beleza a ser conquistada... Preocupa-se em assegurar, para os moradores de uma residência, a segurança de um

caramujo ou de uma tartaruga. A casa é um espaço fechado, os jardins passam a ser de inverno (num país tropical). (ODÁLIA, 2004, p. 11)

Características arquitetônicas que traduzem um posicionamento individual e social diante da violência e seus efeitos. Tentativa desesperada de não se misturar à catástrofe oriunda desse fenômeno, na tentativa de se manter integrado e seguro. Uma forma de sobreviver a ela?

Como prestar atendimento psicoterapêutico à vítima de violência, sem abrir as portas para aquilo que tende à destruição e à desqualificação do humano? Ou melhor, como se manter humano diante de seus efeitos e não coisificar ou coisificar-se? Manter contato defensivo, como que pelo buraco da fechadura, é suficiente para apoiar aquele que sofre e auxiliar no atravessamento dos efeitos da violência?

Observar, testemunhar, escutar relatos de sofrimento de uma vítima de violência é também fazer dela, parte de seu cotidiano e, dessa maneira, parte de sua responsabilidade. Se for tomado como referência o efeito isolante e individualista que o fenômeno da violência propicia, pode-se verificar, no encontro com a vítima de violência e na escuta de seu relato, a aposta na restauração do estatuto de humano daquele que foi violentado. É não se misturar e, ao mesmo tempo, não fechar a porta, os olhos e os ouvidos para o horror relatado, mas sim trazê-lo à tona como forma de transformação do ato em palavra por meio da escuta psicanalítica, que tem como uma de suas principais atribuições escutar o insuportável.

Nesse sentido, conduzir um trabalho como esse não depende da resistência do psicanalista ou de qualquer outro profissional, mas sim, da disponibilidade e sensibilidade desse profissional em oferecer sua atenção para algo que a violência urbana aparentou furtar: o sentido e o sentir daquilo que se perdeu.

1.1 Um Centro de Referência e Apoio à Vítima

Dentre a grande variedade de centros de atendimento às vítimas de violência existentes, na cidade de São Paulo, há o CRAVI, um programa da Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania, fundado em 1998, com o objetivo de oferecer assistência e apoio à vítima de violência. Segundo Santos Júnior (2011), a iniciativa de construir um Centro de Referência e Apoio à Vítima foi provocada pelo crescente número de homicídios, na cidade de São Paulo, alguns deles emblemáticos e de grande comoção social, como o caso do assassinato do menino Ives Ota, em 1997.

Ressalta-se que em 1997, a porcentagem de homicídios, segundo Waiselfisz (2012), era de 36,1%, em 100 mil habitantes, sendo 51,3%, em 100 mil, apenas na capital. Tal porcentagem, segundo o Mapa da Violência (2012), obteve decréscimo a partir do ano de 1999, sendo que em 2010, a porcentagem era de 13,9%, no Estado (15,6% na capital).

O Centro de Referência e Apoio à Vítima é sustentado pelos artigos 245, da Constituição Federal, e 278, da Constituição Estadual de São Paulo 1989, os quais afirmam que:

A lei disporá sobre as hipóteses e condições em que o Poder Público dará assistência aos herdeiros e dependentes carentes de pessoas vitimadas por crime doloso, sem prejuízo da responsabilidade civil do autor do ilícito. (BRASIL, 1988)

O Poder Público promoverá programas especiais, admitindo a participação de entidades não governamentais e tendo como propósito: VI – Instalação e manutenção de núcleos de atendimento especial e casas destinadas ao acolhimento provisório de crianças, adolescentes, idosos, portadores de deficiência e vítimas de violência, incluindo a criação de serviços jurídicos de apoio às vítimas, integrados a atendimento psicológico e social. (SÃO PAULO, 1989)

O CRAVI é composto por uma equipe de profissionais de Psicologia, Serviço Social e Direito, os quais desenvolvem seus trabalhos de forma interdisciplinar.

De acordo com as estatísticas de acolhimento e atendimento, realizadas pelo CRAVI, entre os anos de 1998 a 2012³, foram realizados 1.368 atendimentos e acolhimentos. Desses atendimentos, 74% compreendem mulheres, e destas, 26% mães cujos filhos foram assassinados.

³ Estatísticas realizadas até julho de 2012.

Segundo Oliveira, Pavez e Schilling (2002), o diferencial do CRAVI, em comparação com outros serviços de atendimento à vítima, reside em seu trabalho com as vítimas *indiretas* de violência:

Um grande desafio, pois trata-se de uma ampliação da compreensão da vitimização provocada pela violência. É um novo conceito, que não é óbvio ou de imediata apreensão. Parte-se da premissa de que o ato violento gera repercussões em um grupo muito grande de pessoas, gerando vitimizações indiretas ou difusas... O atendimento a vítimas indiretas da violência nos leva a uma reflexão sobre o direito à vida (OLIVEIRA; PAVEZ e SCHILLING, 2002, p. 7).

Direito que é colocado em questão a cada homicídio ocorrido, dentro de uma sociedade que tende à banalização da vida. Esta *ampliação da compreensão da vitimização* é um convite à reflexão sobre quais são as alternativas encontradas pelas vítimas indiretas de violência, para acessar a justiça e ter acesso aos direitos.

Não raro, a vítima de violência não se julga como pessoa que tenha o direito de falar sobre o ocorrido, especialmente a vítima de violência urbana. Os relatos de sofrimento e desconsideração próprios do ato violento não encontram lugar para expressão, sendo relegados ao silêncio.

Esse silêncio pode também ser encontrado diante da morte de uma pessoa, independentemente das circunstâncias que a determinaram. É comum verificar, no discurso das vítimas de violência, que falar sobre a vítima de homicídio pode gerar consequências negativas para aqueles que ficaram, sejam elas espirituais, psicológicas, físicas ou sociais.

Este “não falar” sobre a morte e o morrer na atualidade é um fenômeno considerado em diversos trabalhos que abordam o tema do luto, processo que será descrito pormenorizadamente mais adiante, também nesta dissertação.

A morte por homicídio ou latrocínio traz para este fenômeno de silenciamento características ainda mais complexas, uma vez que tais crimes imprimem na vítima e em seus familiares uma estigmatização⁴.

Tal estigmatização torna ainda mais sutil a linha tênue que divide a vítima e o réu, tendendo a tornar o crime de homicídio desumanizado e, por vezes, justificável. Mata-se por justiça, pela ordem e pela tentativa de romper com o ciclo de violência. Tenta-se, a todo o momento, justificar o homicídio.

⁴Em seu livro “Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada”, Erving Goffman traz as consequências psíquicas e sociais dos *desacreditados* e dos *desacreditáveis* estigmatizados.

Os pais de um filho assassinado acabam por carregar o estigma de pais *inadequados*, o que contribui para o “não falar” sobre a violência. A partir de então os familiares das vítimas tendem a demandar justiça, querendo provar para si mesmos e para a sociedade que seus filhos não estavam envolvidos em atividades ilícitas, como tentativa de tornar o filho menos um, e não mais um nas estatísticas de homicídio do Estado.

É importante mencionar que as vítimas de violência urbana demandam justiça. Quando questionadas a respeito do que significava para elas essa palavra, respostas, como “que o responsável seja encontrado e preso”, que “o inquérito policial e o processo jurídico sejam acompanhados de forma próxima e dinâmica”, que “o filho não seja esquecido” são escutadas.

Em especial, algumas vítimas de crimes contra a vida demandam o retorno da pessoa que fora assassinada. Mais especificamente no que se refere à mãe que perdeu um filho, a perda extrapola os limites da realidade, fazendo com que a mãe, após a ocorrência do crime, aguarde o filho voltar para casa.

Tal comportamento não se apresenta desacompanhado de um intenso sentimento de revolta e injustiça, muitas vezes demonstrando desejos obstinados de vingança e destruição daquele que lhes tirou o que relatam ser “uma parte de mim”, possivelmente na tentativa de aliviar a dor da perda.

Nos atendimentos psicoterapêuticos realizados constata-se diversos sintomas referentes à perda violenta do filho, como por exemplo, aquilo que antes ele gostava de comer, agora se torna objeto de repulsa para a mãe. Suas fotos, que antes ornamentavam os cômodos da casa, agora são trancadas em um armário para não mais serem vistas.

As noites, antes tranquilas e livres de intercorrências, agora se tornaram aflitivas, desamparadas, solitárias e quase intermináveis. Não há mais interesse em cuidar do corpo, do cabelo, das unhas. Não há mais trabalho que a desperte nas manhãs nem mesmo perspectivas de melhora.

Para aqueles que ficam, permanece a desatenção e a falta de interesse. Diante dos demais filhos, os choros são contidos e nem sempre os vizinhos e amigos se dispõem a escutar falas de tamanha repetição e violência. Não há, muitas vezes, lugar para a tristeza, lugar este que tanto o Estado quanto o psicanalista devem disponibilizar para que a violência urbana seja objeto de uma possível elaboração.

CAPÍTULO 2 – O LUTO

2.1 Luto – História e Contextualização

É imprescindível para esta dissertação de mestrado apresentar um histórico sobre os estudos da morte e do morrer, uma vez que tais temas são *interditos*. Os familiares de vítimas de homicídio falam a respeito dessa interdição, seja por meio da negação do ocorrido e da busca de superação, quase imediata por meio de defesas maníacas, seja por meio da estigmatização que sofrem por ter um familiar assassinado, ou mesmo por meio do silêncio que a violência urbana proporciona.

De acordo com Áries (2003), os fenômenos da morte e do morrer foram tratados de formas diferentes ao longo da história. A princípio, o autor apresenta a noção de *morte domada*, dominante até o século XI, na qual a pessoa que iria morrer já dispunha de uma convicção que seu fim estaria próximo. A morte era esperada e, além disso, era tratada de forma pública e organizada pelo próprio doente.

Faz-se importante ressaltar que, segundo o autor, a morte era tratada sem pudores, sendo que as crianças, comumente, eram encontradas junto ao leito de morte, sendo esta um acontecimento despido de maiores emoções e dramatizações, ou seja, sendo esta “admitida tranquilamente”.

A partir do século XI até o século XVII, as representações da morte eram relacionadas ao Juízo Final e à preocupação com a decomposição dos corpos. A morte, segundo Áries (2003), passa a ser um fenômeno mais familiar e dramatizado, compreendendo a noção dada pelo autor de *morte de si mesmo*, tendo em vista a preocupação maior das pessoas com seu próprio fim.

A noção de *morte do outro* é apresentada a seguir pelo autor, caracterizando uma época em que a própria morte já não era mais preocupação do homem, em comparação à morte de seus semelhantes. A morte do outro se torna dramatizada e ornamentada com signos eróticos. A partir do século XVI, a morte é associada à sexualidade, por meio de carrascos de porte atlético e anjos despidos.

Essa associação é importante, pois é a partir dela que a morte e o morrer começam a ser tratados como transgressões que “arrebata o homem de sua vida cotidiana, racional”. A morte, segundo Áries (2003), começou a ser temida quando passou a ser erotizada.

Na medida em que a morte e o morrer se tornam transgressões, o luto parece ganhar importância, juntamente com os rituais da morte, que aos poucos vão se tornando mais sofisticados e carregados de afeto. O luto agora sobrevém como um fenômeno fundamental para a aceitação da morte do outro, que é mais difícil de ser aceita e demandante de rituais para tanto.

Áries (2003, p.84) afirma que é a partir do século XIX que “a morte torna-se vergonhosa e objeto de interdição”. Ocorre a passagem ao hospital daqueles que antes faleciam em casa. A institucionalização da morte parece favorecer a desfamiliarização para com a mesma e a condenação das manifestações do luto.

As manifestações do luto são condenadas e desaparecem... Uma dor demasiado visível não inspira pena, mas repugnância; é um sinal de perturbação mental ou de má educação, é mórbida. Dentro do círculo familiar ainda se evita em desabafar, com medo de impressionar as crianças. Só se tem o direito de chorar quando ninguém vê ou escuta: o luto solitário e envergonhado é o único recurso (ÁRIES, 2003, p. 87).

Sendo interditas e vergonhosas, as manifestações do luto acabam condenadas. O luto, que antes era “exigido, passa a ser proibido.”

Pode-se perceber então que a morte e as manifestações do luto parecem não encontrar lugar que as legitime como manifestações humanas na contemporaneidade. Este não lugar serve como base da crítica de Elisabeth Klüber-Ross (1996, p.17), em seu livro “A Morte e o Morrer”. Ao citar exemplos da relação entre o homem e a morte ao longo da história, ela afirma que “... o homem não mudou. A morte constitui ainda um acontecimento medonho, pavoroso, um medo universal, mesmo sabendo que podemos dominá-lo em vários níveis”.

Esta possibilidade de dominar o medo da morte é concordada por Kovacs (2011), que ressalta a busca do homem pela imortalidade através de sua história. Ocorre que tal possibilidade e busca oferece ao ser humano maiores possibilidades de erigir defesas psicológicas contra a morte, tornando-o um ser defensivo que teme a própria morte e se alegra ao constatar que a morte do outro não o atingiu.

O ser humano se defende e tenta dominar a morte pelo desafio e pela violência:

Se já não é possível rejeitar a morte, podemos tentar dominá-la pelo desafio. Se podemos dirigir em alta velocidade nas autoestradas, se podemos regressar do Vietnã, devemos, então, sentir-nos imunes contra a morte. O que ouvimos quase diariamente nos noticiários é que matamos dez vezes mais inimigos em comparação com nossas baixas. É isso que queremos que seja verdade, a projeção de nosso

desejo infantil de onipotência e imortalidade? Se em um país inteiro, se uma sociedade inteira sofre deste medo e rejeição da morte, deve lançar mão de defesas que só podem ser destrutivas. As guerras, os tumultos, o aumento do índice de criminalidade podem ser sintomas da decrescente incapacidade de enfrentar a morte com resignação e dignidade (KOVACS, 2011, p. 26).

Essas considerações, como afirmado inicialmente nesse subitem, encontram-se profundamente marcadas no discurso das vítimas de violência urbana, especialmente aquelas indiretamente afetadas por homicídio. Ao perder um ente querido, sentem-se envergonhadas diante da própria dor da separação.

Este não reconhecimento da morte e do luto, em nossa sociedade desprivilegia, ainda mais, a expressão de seus sofrimentos e, sendo estes somados às qualificações da morte violenta, colaboram para o silenciamento, que favorece o isolamento e o sentimento de injustiça.

2.2 Luto – Morte Violenta

Para pesquisar o sofrimento das mães que enfrentam a perda violenta de seus filhos, é importante descrever considerações sobre as características do luto, quando em ocorrência de um homicídio. O processo de luto comporta particularidades que variam de acordo com as circunstâncias de cada separação ou perda, como por exemplo, o *luto complicado*, o qual segundo Melo (2004) é envolvido por fatores que perturbam o processo de luto normal, fazendo com que este seja mais severo e duradouro.

Segundo Souza, Moura e Pedroso (2010), o luto complicado envolve fatores, quando tal contexto não se apresenta como facilitador de sua expressão, citando exemplos de suicídio, onde a morte é envolvida de segredos. Casos de homicídio também podem ser localizados nesse seguimento.

Os autores descrevem o curso normal do processo de enlutamento, por meio da compreensão e aceitação da perda, e da capacidade de adaptação da condição de viver sem a pessoa.

No entanto, se o processo gradual de reorganização que se impõe diante da nova configuração relacional, afetiva, psíquica, econômica, social, entre outras, que possivelmente foram rompidas com morte do ente querido, não se cumprir, e, ao contrário, houver a persistência de reações somáticas e psíquicas, a condição de luto complicado deverá ser investigada (SOUZA; MOURA e PEDROSO, 2010, p. 124).

O luto complicado comporta subtipos, que compreendem desde disposições psicológicas prejudicadas na história do indivíduo, passando pela qualidade do vínculo estabelecido com a pessoa perdida, até perdas repentinas ou trágicas.

A violência pode ser um desses fatores. Quando se somam o tema da morte e do luto ao tema da violência, o problema se torna ainda mais complexo. Além da dificuldade em lidar com os primeiros, a morte por homicídio ou latrocínio submete as vítimas a uma importante estigmatização, caracterizada por Goffman (1988, p.14) “como um atributo profundamente depreciativo que oculta dupla perspectiva: do desacreditado e do desacreditável”.

O diferencial dessas duas perspectivas reside na evidência imediata ou não imediata do estigma. A vítima direta de homicídio, por exemplo, torna-se *desacreditada*, desqualificada, merecedora da morte que lhe tentaram aplicar. A mãe, por sua vez, torna-se desacreditável, aquela que originou o filho digno de ser morto. Trata-se de uma nova vitimização.

A violência, de acordo com Chauí apud Schilling (2000), trata os seres humanos como “irracionais, insensível, mudos, inertes ou passivos”. As circunstâncias do crime, isto é, seus qualificadores tendem a influenciar na maneira pela qual a morte e o luto serão concebidos. Os qualificadores da morte qualificam o luto.

Sandra Luzia de Souza Alencar desenvolve essa questão em um importante estudo de doutorado intitulado “A experiência do luto em situação de violência: entre duas mortes” (2011), por meio da experiência de atendimento a uma mãe que encontrou o corpo do filho em via pública e *assemelhou-o a um cachorro*.

Essa característica, somada ao tratamento desumano ofertado a essa mãe em uma delegacia de polícia, orienta a autora a constatar que o processo de luto torna-se impedido, uma vez que a morte do filho torna-se socialmente negada e silenciada.

O objetivo do atendimento psicoterapêutico, portanto, não se nortearia, inicialmente, à elaboração do luto, uma vez que não existiria perda legitimada para havê-lo. Alencar (2011) afirma que antes da elaboração do luto, torna-se necessário restituir a condição humana das vítimas, para que essa elaboração seja possível.

Assim, pode-se verificar que temas como luto e o morrer comportam diferentes compreensões e orientações clínicas quando combinados a outros fenômenos, como a violência por exemplo. Esse é possivelmente o diferencial desta dissertação, uma vez que esta trata de casos que envolvem estes temas juntamente com a violência, produzindo questões

importantes a serem estudadas, que podem vir a ser profícuas no atendimento psicoterapêutico às vítimas de violência urbana, especialmente às mães que perdem seus filhos.

2.3 A Morte e o Morrer na Psicanálise

Freud (1915, p.230) em seu artigo “Considerações atuais sobre a guerra e a morte”, também abordou a dificuldade humana diante da morte e do morrer, afirmando logo no início de sua obra que “ninguém acredita na própria morte e que o inconsciente de cada um de nós está convencido de sua imortalidade”.

Dessa forma, o ser humano nega sua própria morte, e ao mesmo tempo evita a dos outros. No entanto, quando essa morte ocorre na vida alheia, tende-se a idealizá-la por meio de um comportamento de “admiração por alguém que realizou algo muito difícil”.

“Nós nos abtemos de toda a crítica a ele, relevamos qualquer erro de sua parte, sentenciamos que não se fale mal dos mortos, e achamos natural que na oração fúnebre e no epitáfio fale-se apenas o que lhe for lisonjeiro”. (FREUD, 1915, p. 231).

Freud se encontrava em tempos de guerra, quando da produção e publicação desse artigo. Tempos de violências, de homicídios em grande número. Afirmou que, por conta da guerra, não era mais possível negar a morte, quando considerada a proporção de vítimas que ela acarreta.

Em seguida, Freud (1915, p. 233) faz uma distinção entre dois grupos: o grupo dos combatentes, que perderão suas vidas em combate, e o grupo dos que ficam em casa à “espera somente de perderem um de seus entes queridos por ferimento, doença ou infecção”.

Discorre sobre aquilo que chamou de *paralisia* da capacidade de lidar com a morte quando ela acontece, trazendo sentimentos de vazio e apatia diante da vida que segue. Para sustentar sua explicação sobre as origens dessa paralisia, Freud recorre ao levantamento das relações do homem com a morte, na pré-história e na atualidade.

Na pré-história, afirma que:

“O homem comportou-se diante da morte de modo *peculiar*, ou seja, aceitando a morte como a abolição da vida, e outrora, negando-a, porque assumia diferentes posturas diante da morte do outro e da própria morte, sendo a do primeiro uma morte justa e a própria morte não, tendo em vista que a morte do outro significava “a eliminação do que era odiado, e o homem primevo não tinha escrúpulo em executá-la”. (FREUD, 1915, p.234)

Ao testemunhar a morte de seus entes queridos, e tendo para com eles sentimentos ambivalentes de amor e ódio, o homem primevo não pode mais negar a própria morte, estabelecendo um compromisso para com ela, isto é:

Admitiu a morte também para si, mas contestou-lhe o significado de aniquilamento da vida... Junto ao cadáver de alguém que amara ele inventou espíritos, e a consciência de culpa pela satisfação que se mesclava ao luto fez com que tais espíritos recém-criados se tornassem maus demônios que inspiravam medo (FREUD, 1915, p.234).

Assim, o homem decompôs o indivíduo em corpo e alma, diante da contínua lembrança dos falecidos. A vida aos poucos foi se tornando uma espécie de preparação para outra vida após a morte, desta vez vidas passadas, que foram inventadas como forma de “roubar à morte o seu significado de abolição da vida”. (FREUD, 1915, p.239).

Estabeleceu-se em nossa cultura a negação da morte. A doutrina da alma, a crença na imortalidade e uma poderosa fonte de consciência de culpa humana foram seguidas de mandamentos éticos, sendo o “não matarás” o principal deles.

Mandamento que evidencia o desejo de matar do homem primevo, que ainda se mantém presente em nosso inconsciente, instância que não conhece a negação e, portanto, a própria morte; no entanto, admite e ritualiza a morte do outro.

Freud, assim, afirma que a postura do homem moderno diante da morte não sofreu alterações importantes quando comparada à postura do homem primevo. Afirma-o com certa ironia, é importante dizer, finalizando seu artigo e questionando os leitores quanto à importância de dar à morte o lugar que lhe cabe, tornando a vida novamente suportável.

Na contemporaneidade, a morte e o morrer ainda são percebidos como um obstáculo a ser superado e, percebidos, dessa forma, tendem a ser negados e silenciados, tornando o atendimento psicoterapêutico às pessoas que sofrem a perda violenta de seus entes queridos um processo complexo. Garantir o lugar da vítima de violência significa também garantir seu direito de deprimir diante das perdas.

2.4 O Luto na Psicanálise

O artigo “Luto e Melancolia” é o ponto de partida pelo qual pretende-se realizar a explanação sobre o tema do luto na Psicanálise.

Nesse artigo, Freud apresenta sua caracterização acerca do luto como um processo reativo à perda de uma pessoa amada, ou uma abstração que ocupa seu lugar. Um processo doloroso e baseado na concepção econômica de investimento libidinal, na qual um objeto, anteriormente investido de afeto, sofre um desinvestimento após sua morte ou desaparecimento.

O processo não é simples, considerando o fato de que o investimento no objeto perdido não é rapidamente cessado, ele resiste em detrimento à constatação da realidade que demonstra a ausência desse objeto. A realidade tende a prevalecer e o investimento é interrompido.

Assim, o luto mantém seu curso rumo à aplicação da libido em outros objetos, tornando a vida livre do vazio que outrora a caracterizava. A elaboração desse processo requer um tempo indizível, e é caracterizada por lembranças remissivas do objeto, uma perda consciente e livre de ambivalências, contrária ao que ocorre na melancolia, pois nela, o processo ganha caracterizações particulares: a perda é de natureza inconsciente. É possível compreender a perda do objeto, mas não o que se perdeu nesse objeto. Essa perda oferece as mesmas condições de sofrimento observáveis no luto, porém é acompanhada de autodepreciação e baixa-estima.

“A melancolia se caracteriza, em termos psíquicos, por um abatimento doloroso, uma cessação do interesse pelo mundo exterior, perda da capacidade de amar, inibição de toda a atividade e diminuição da auto-estima”. (FREUD, 1915, p. 172).

Segundo Moraes (2005), Freud utiliza-se do processo do luto para explicar a melancolia, uma vez que ambos têm natureza similar, ao mesmo tempo em que apresentam sintomas diferenciados no que se refere à perda do objeto. A perda de interesse pelo mundo externo é comum em ambos os processos, porém a melancolia é caracterizada também pelo empobrecimento do ego, o qual perde seu valor e torna-se objeto de ataques e recriminações, o que não ocorre no luto.

A explicação do processo de luto e da melancolia é realizada por meio de princípios econômicos de investimento psíquico. Enquanto no luto, a libido concentrada no objeto é deslocada para outro objeto, na melancolia, a libido é *recuada para o Eu*, estabelecendo uma

identificação do Eu com o objeto abandonado, o que sustenta a conhecida frase de Freud: *a sombra do objeto caiu sobre o Eu*.

Uma ou duas coisas podem ser inferidas dos pressupostos e resultados de tal processo. Por um lado, deve ter havido uma forte fixação no objeto amoroso; por outro, e contrariando isso, uma pequena resistência do investimento objetual. Essa contradição parece requerer, conforme uma pertinente observação de Otto Rank, que a escolha objetual tenha ocorrido sobre base narcísica, de modo que o investimento objetual possa, ao lhe aparecerem dificuldades, **regredir ao narcisismo**. A identificação narcísica com o objeto então se torna um substituto do investimento amoroso, do que resulta que a relação amorosa não precisa ser abandonada, apesar do conflito com a pessoa amada. Tal substituição do amor objetual pela identificação é um mecanismo importante nas afecções narcísicas. (FREUD, 1915, p. 182)

É importante ressaltar a frase acima, “regredir ao narcisismo”, porque ela aponta para importantes considerações a serem descritas a seguir. Freud continua:

Corresponde, naturalmente, à regressão de um tipo de escolha de objeto ao narcisismo original. Expusemos, em outro lugar, que a identificação é o estágio preliminar da escolha do objeto, e o primeiro modo, ambivalente em sua expressão, como o Eu destaca um objeto. Ele gostaria de incorporar este objeto, e isso, conforme a fase oral ou canibal do desenvolvimento da libido, por meio da devoração. (FREUD, 1915, p. 182)

Tais considerações levam o indivíduo a relacionar a melancolia com relações de objeto primitivas, ligadas à oralidade. A constatação de Freud que baseia a melancolia em uma “disposição patológica” é de especial interesse nesta pesquisa, uma vez que leva à hipótese de que as caracterizações das relações primitivas do ser humano podem ser decisivas para a elaboração do luto (ou sua incapacidade), em casos de vítimas indiretas de crimes contra a vida, em especial, as mães que perdem seus filhos por homicídio.

A disposição patológica que sustentaria a melancolia e a depressão foram pontos nebulosos para Freud, segundo Moraes (2005):

Melancolia e depressão foram pontos nebulosos para Freud, até mesmo depois de ele ter definido como portadoras de uma “disposição patológica” (em “Luto e melancolia”) aquelas pessoas que não podiam elaborar a perda de um objeto de amor. Quando recorre essa compreensão, Freud mostra perceber as *nuances* sintomáticas e clínicas que estão relacionadas aos quadros depressivos, embora não possa ainda, como ele mesmo afirma, esclarecer todos os aspectos envolvidos. Por essa razão ele adota, mesmo em seus escritos posteriores, uma atitude cuidadosa ao referir-se à melancolia e alerta que suas conclusões, deveriam ser consideradas apenas passos na pesquisa desse fenômeno. (MORAES, 2005, p.37).

Identificado com o objeto perdido, o Eu torna-se um substituto do objeto amoroso e de certa forma o mantém vivo, porém carregado de sentimentos ambivalentes. Freud afirma que tal ambivalência leva o Eu a autorrecreminações, produto de um conflito que se origina ora *na realidade, ora na constituição do indivíduo*.

Assim, Freud caracteriza a melancolia:

Ela toma uma parte de suas características do luto e outra parte da regressão, da escolha de objeto narcísica para o narcisismo. Ela é, por um lado, como o luto, reação à perda real do objeto amoroso, mas além disso é marcada por uma condição que se acha ausente no luto normal, ou que, quando aparece, transforma-o em patológico (FREUD, 1915, p. 183).

Encontra-se aqui um importante ponto de intersecção entre luto e melancolia, pois ambos compreendem processos relacionados à perda de um objeto amoroso, mas destacam-se diante de uma observação mais aprofundada: as autorecreminações contra o Eu se referem às recriminações contra o objeto perdido, dinâmica a qual a ambivalência é justificada.

Identificado com o Eu, o objeto perdido se mantém vivo ao passo que é submetido ao amor e ao ódio, os quais...

“lutam entre si, um para desligar a libido do objeto, o outro, para manter esta posição de libido contra o ataque. Não podemos situar estas lutas em outro sistema que não no inconsciente” (FREUD, 1915, p. 191).

Assim Freud descreve o ódio contra o objeto perdido em *Luto e Melancolia*: a perda de um objeto de amor envolve oposição, pois o abandono de uma posição libidinal, por parte do ser humano, é de difícil tarefa. Espera-se que a realidade triunfe e este realize um desinvestimento libidinal diante do objeto perdido, podendo aplicar sua libido em outros objetos, fazendo com que a vida siga seu curso.

Em casos nos quais ele identifica “disposições patológicas” a libido investida no objeto não encontra outro objeto de investimento, voltando, isto é, recuando ou regredindo em direção ao próprio Eu, identificando-se com o objeto perdido e fazendo com que a perda do objeto se caracterize como a perda do Eu, resultando no emprobecimento deste.

Na melancolia descrita por Freud, o objeto é introjetado e sujeito ao ódio das autorecreminações. Esta é a chave do quadro clínico da melancolia: as autorecreminações caracterizam-se como recriminações ao objeto perdido.

É importante ressaltar que neste ponto encontramos uma importante diferença na concepção do luto e da melancolia para Freud e para Winnicott: para Freud, o objeto é introjetado na melancolia. Para Winnicott, o objeto é introjetado no luto, onde a possibilidade de entrar em contato com o mundo interno e o amor e o ódio que residem nele é parte fundamental da elaboração da perda. Veremos mais detalhadamente este processo mais adiante.

Retornando à Freud, este afirma que a melancolia demanda um trabalho diferente do luto, um trabalho anterior, que remete o leitor a refletir sobre as relações mais primitivas do ser humano.

As mães que perdem seus filhos assassinados se encontram em grande sofrimento, incapazes de voltar suas atenções para qualquer representação que não aquelas que se relacionam aos filhos perdidos. Elas *são* a dor.

Com o decorrer dos atendimentos psicoterapêuticos, é possível verificar que estas mães tendem vagarosamente a aplicar suas atenções para aquilo que ainda permanece em sua realidade, ou seja, seus demais filhos, maridos, os cuidados para consigo e suas casas. Nesse momento, elas *têm* a dor.

Ocorre uma passagem de SER a dor para TER a dor, afirmação que alude a ideia apresentada por Freud em Luto e Melancolia, na qual a vítima que sofre a perda pode estar identificada com o objeto perdido e, posteriormente, faz dele uma parte de si, que, em alguns casos, é aplicada no âmbito social, auxiliando outras vítimas de violência no combate à impunidade e à busca por justiça.

Alguns casos, porém, apresentam desenvolvimento diferente. A vítima, consumida pela dor da perda, não consegue se desvencilhar do sofrimento, relatando que tudo o que se encontra em sua volta remete diretamente a uma lembrança do filho.

Queixa-se de não conseguir aliviar seu sofrimento, colocando-se em lugar inferior às demais vítimas. Em busca de respostas, vaga em diversas instituições, queixando-se novamente por não conseguir o que buscava.

Nas instituições de acesso à justiça, o comportamento queixoso volta a ser apresentado, levando os profissionais a tentar a fio diversas investidas frustradas de trabalho, todas sem sucesso.

Essa disparidade verificada nos casos, somada com as concepções freudianas apresentadas, leva à hipótese de luto, no primeiro exemplo, e melancolia, no segundo. O

segundo então poderia demandar um trabalho psicológico voltado às relações mais primitivas dessa mãe, seu histórico de vida e sua relação com o filho perdido.

CAPÍTULO 3 – WINNICOTT E A AQUISIÇÃO (OU NÃO) DA CAPACIDADE DE ELABORAR O LUTO

3.1 Por que Winnicott?

Apresentadas as primeiras considerações sobre o atendimento às vítimas indiretas de violência urbana, e as noções de morte, luto e melancolia na teoria psicanalítica freudiana, discorre-se agora sobre a teoria winnicottiana do amadurecimento pessoal. A proposta é continuar esse percurso acrescido de algumas concepções de Donald Woods Winnicott sobre esses temas acima referidos.

Antes, porém, convido o leitor a refletir sobre a seguinte questão: Por que Winnicott? A teoria do amadurecimento pessoal foi apresentada para mim por meio de minha análise pessoal e, posteriormente, em diversos eventos e seminários, despertando meu interesse, especialmente no que se refere às noções acerca da *criatividade* e da *mãe suficientemente boa*, desenvolvidas pelo autor.

O lugar da mãe ou sua função para com o bebê nesta teoria ressaltava-se como de fundamental importância para o desenvolvimento ulterior do ser humano. Ambos, inicialmente uma unidade, inauguravam um relacionamento que era concebido como “matriz geradora do desenvolvimento emocional do indivíduo”. (GRANATO, 2006).

Esclareceu-se, então, que o ambiente - primariamente representado pela mãe (subjetivo) e, posteriormente, recebendo atribuição de objeto externo (objetivo) – era imprescindível para o desenvolvimento emocional do bebê, tendendo este ao amadurecimento em caso de sucesso nas tarefas básicas relacionadas ao início da vida.

Caso contrário, o desenvolvimento emocional humano encontraria poucas possibilidades de êxito, comprometendo tanto a relação com a realidade quanto a forma como as relações objetais e interpessoais são estabelecidas ao longo da vida.

Para desenvolver uma teoria que embasasse seu trabalho clínico, Winnicott partiu de um conjunto de teorias acerca do desenvolvimento normal do indivíduo – o seu “backbone” – para que assim pudesse compreender e intervir nos casos em que tal desenvolvimento fora interrompido.

No início é a mãe, sua capacidade de sustentar e organizar seu bebê no tempo e no espaço que outorgará a vida ao ser humano como aquela que “vale a pena ser vivida” (DIAS,

2006). Uma teoria que enfatiza a gestação, o nascimento, o início da vida e as relações primitivas do ser humano com seu cuidador ou cuidadora.

Os paradoxos, presentes em toda a teoria winnicottiana, apresentavam-se como novas possibilidades de conceber as relações interpessoais e com o ambiente por meio de uma área intermediária que favorecia a transição entre o Eu e o não Eu, o interno e o externo, denominado espaço potencial.

Paradoxos que evidenciam a existência de dois sentidos ao mesmo tempo, capazes de apresentar uma ampliação das possibilidades de reflexão e compreensão do indivíduo.

Estas concepções da teoria winnicottiana encontravam ressonância em meu trabalho como psicanalista, indiferentemente dos contextos com os quais atuava. Em especial no que se refere ao atendimento a vítimas de violência, a importância de outorgar à vítima um “ambiente facilitador e confiável” (DIAS, 2003), aparentava-se como a principal tarefa a ser desempenhada.

No atendimento às vítimas de violência urbana, depara-se com o sofrimento de mães que aparentam perder algo além do filho, isto é, perdem o chão (a sustentação da “mãe-terra”, como afirma Winnicott, em *Da Pediatria à Psicanálise*), a vontade de viver e trabalhar. Perdem as noções acerca de sua própria identidade, questionando a si mesmas quanto ao lugar de mãe e o número de filhos que tiveram ou ainda têm, um cálculo complicado de se fazer.

É possível levantar, então, a seguinte questão: O que a teoria winnicottiana, que enfatiza como nenhuma outra a relação mãe-bebê e o processo de amadurecimento calcado na concepção do ser humano e sua maternagem, poderia dizer a respeito da morte por meios violentos que finda essa relação?

O que Winnicott, que privilegiou os estudos acerca da mãe que “ganha” seu filho, desenvolvendo seu processo de *preocupação materna primária*, poderia dizer sobre o contrário: a mãe que “perde” seu filho? Qual seria a tarefa a ser desempenhada pelo psicanalista no atendimento à vítima desse tipo de violência?

A teoria do amadurecimento pessoal proposta por Winnicott poderia oferecer caminhos para refletir e intervir na questão da morte e do luto, tendo em vista que descreve um percurso que vai da concepção à morte, concebendo a última como algo também a ser vivenciado.

Ao longo do amadurecimento, o ser humano tende a angariar conquistas que o inserem na realidade, estabelecendo relações com os objetos, ao mesmo tempo em que conserva o

aspecto subjetivo de suas experiências. Elaborar o luto também pode ser entendido como uma conquista desse amadurecimento, a ser descrita a seguir.

Vida e morte: Eventos usualmente concebidos como pontos opostos, mas que na presente teoria podem se encontrar em um ponto comum.

Uma possível aposta no paradoxo descrito no verso de T.S Eliot em “EastCoker”:

“In my beginning is my end... in my end is my beginning.”

3.2 A Teoria do Amadurecimento Pessoal

A teoria do amadurecimento pessoal descrita por Winnicott se baseia na concepção de que todo ser humano é dotado de uma tendência inata ao amadurecimento.

No universo psicológico, há uma tendência ao desenvolvimento que é inata e que corresponde ao crescimento do corpo e ao desenvolvimento gradual de certas funções... Todavia, esse crescimento natural não se constata na ausência de condições suficientemente boas, e nossa dificuldade consiste em parte em estabelecer quais são estas condições (WINNICOTT, 1965, p.5).

Assim, para que se realize o amadurecimento é necessário o oferecimento de um ambiente facilitador que conduza a tendência do ser humano à sua integração em uma unidade. Dias (2003) descreve estas duas concepções:

Cada indivíduo está *destinado a amadurecer* (grifo da autora) e isto significa: unificar-se e responder por um Eu (Eu o qual irá responder pelas experiências vividas e objetos perdidos ao longo da vida). Em função disso, o que falha no processo, e não é integrado por meio da experiência, não é simplesmente um nada, mas uma perturbação (WINNICOTT, 1965, p. 94).

O ser humano é concebido como um ser *essencialmente temporal* (DIAS, 2003), atravessando uma série de estágios, que se iniciam a partir de sua concepção até a sua morte, a partir da dependência absoluta à independência relativa. É importante ressaltar que esses estágios não são atingidos de forma regular e ordenada, podendo ser revisitados por meio de regressões, concebidas como um aspecto saudável do amadurecimento.

Dias (2003, p. 98) lembra que as tarefas essenciais do amadurecimento são apresentadas na etapa mais primitiva da vida, “durante a qual o bebê vive em estado de dependência absoluta, e depois relativa, dos cuidados maternos”. São elas: a integração no tempo e no espaço (oferecida por meio do *holding* materno), o alojamento gradual da psique no corpo (por meio do *handling*), e o início das relações objetais (por meio da apresentação de objetos, ou *object presenting*).

A apresentação de objetos deve acompanhar a possibilidade de o bebê concebê-los, de criar o objeto no exato momento em que o encontra. Assim, o bebê apenas recebe aquilo que pode abarcar como experiência, “recebendo o mundo em pequenas doses”, e evitando algum sobressalto próprio da imprevisibilidade que favoreça a evidência de um objeto externo,

intrusivo em sua realidade subjetiva. A violência, portanto, é um fenômeno que pode interromper esse desenvolvimento.

Tal dinâmica favorece também a necessária ilusão de onipotência do bebê, entendendo que é somente a partir desta ilusão que a realidade externa pode vir a ser concebida, coexistindo com a realidade subjetiva.

“A seu tempo, o bebê terá de aceitar o fato da existência externa do mundo, sobre a qual não terá controle, mas, se lhe é propiciado, neste primeiro momento, uma relação criativa, subjetiva, com o mundo, ele gradualmente, se tornará capaz de se sujeitar à evidência desta outra realidade “sem perder a dignidade” (WINNICOTT apud DIAS, 2003).

O perder sem perder-se, que aponta para a capacidade de enlutar.

Ressalta-se que essas três tarefas essenciais só podem ser realizadas pela *mãe suficientemente boa*, compreendida por Winnicott (1956) como aquela que, identificada com seu bebê, adapta-se a ele em sintonia com suas necessidades, por meio do estado de *preocupação materna primária*.

Esse estado é comparado como uma forma de “adoecimento” dessa mãe, um estado de sensibilidade exacerbada, que propicia um ambiente suficientemente bom e livre de intrusões. A mãe terá a tarefa de se recuperar desse estado, ao longo do desenvolvimento de seu bebê, apresentando falhas em um momento no qual este poderá suportá-las.

Essas falhas, resultantes da desadaptação da mãe, levam o bebê a fazer uso da mente, reconhecendo estas como passíveis de elaboração, iniciando sua relação com a realidade. Para tanto, o bebê faz uso de *objetos transicionais*, que compreendem as primeiras simbolizações da ausência materna, num período suportável para ele.

O bebê, nesse momento, está se relacionando com uma realidade subjetiva, ou seja, ele é o objeto e deve sê-lo, para que em seguida possa fazer uso do objeto, isto é, uma passagem da relação de objeto⁵ para o uso desse mesmo objeto. Essa passagem marca o amadurecimento pessoal do estágio de dependência absoluta para a dependência relativa e é de especial importância para o presente estudo, pois, nesta passagem, se inicia o contato com a realidade compartilhada, lugar onde a perda do objeto é possível, no caso desta dissertação, a perda de um filho.

No estágio do uso do objeto ocorre um movimento de expulsão do objeto, outrora vivido na subjetividade, para a objetividade. Winnicott nomeou esse movimento de

⁵ Segundo DIAS (2010) encontra-se uma expressão imprecisa dessa passagem, uma vez que o conceito de relação precede dois entes diferenciados, o que a relação subjetiva não implica.

destrutividade, na qual o bebê destrói o objeto. Ocorre que, na perspectiva do bebê, não existem distinções entre interno e externo, fantasia e realidade, situação a qual o bebê pode compreender que quando destrói o objeto, o está destruindo na realidade.

O sucesso desse movimento depende da sobrevivência do objeto, o que demonstrará para o bebê que o objeto que ele destruiu permanece vivo, portanto distingue uma outra área: a realidade, como separada da fantasia (na qual ele continua a destruir o objeto). Esta tarefa é facilitada pela mãe suficientemente boa, que *sustenta a situação e o faz de novo e de novo, num período crítico da vida do bebê* (WINNICOTT, 2000).

A partir de então, o objeto usado pelo bebê poderá ser amado, odiado e perdido, pois este passa a existir na realidade objetiva e compartilhada. Um objeto, para ser perdido, deve primeiramente ser real.

A questão da sobrevivência do objeto é nota de uma importante passagem, a saber: no ano de 2010 escrevi um estudo de caso chamado “O Atendimento às Vítimas Indiretas de Violência: Considerações Sobre a Angústia Impensável”, no qual atribui à *sobrevivência do analista* uma função muito importante para auxiliar uma mãe a elaborar o luto de sua filha assassinada.

A sobrevivência mencionada no trabalho envolvia a capacidade do psicanalista de se prestar a escutar histórias de horror e violência (uma necessidade da própria vítima), e “não retaliar, não mudar de atitude, permanecer confiavelmente o mesmo” Dias (2010). Ao término do atendimento psicoterapêutico, e avaliando que seu luto havia encontrado elaboração, a vítima questionou-me: “Como você me aguentou por todos esses atendimentos?”.

Compreende-se essa pergunta como o resultado da passagem da relação subjetiva com o analista, para a relação objetiva, na qual fora necessário reconhecer o outro como objeto objetivamente percebido, para poder constatar seu limite e finitude, testando sua continência e seu holding, e, com isso, criar condições para a elaboração do luto.

Desse modo, fica claro entender que, de acordo com a teoria do amadurecimento pessoal, a partir do estágio do uso do objeto, é possível se relacionar com objetos que não fazem parte da área onipotente do indivíduo, tendo esses objetos vida própria e independente, como um filho que cresce e não depende totalmente de sua mãe. Esse filho é real, pode ser amado, odiado, morto e perdido.

3.3 O Estágio do Concernimento: A Depressão como Conquista do Amadurecimento

Para que seja possível localizar o luto na teoria do amadurecimento, devem-se considerar, primeiramente, as conquistas emocionais acima descritas como fundamentais para a chegada ao estágio da dependência relativa. Nesta encontra-se o *estágio do concernimento*, o qual configura-se como central para a capacidade ou incapacidade de elaboração do luto.

Por outro lado, não se pode dar continuidade a esta dissertação sem uma reflexão sobre o conceito de depressão, tendo em vista que este, usualmente, é relacionado ao adoecer e, assim, objeto de cura e eliminação.

O contexto de atuação clínica da depressão é tão complexo quanto os motivos que incentivam sua pesquisa. Do ponto de vista psicológico, avalia-se a depressão como uma experiência dolorosa, paralisante, incapacitante e solitária. Do ponto de vista biológico, verifica-se um desequilíbrio das reações químicas responsáveis pelo estado de ânimo e humor deprimido (MORAES, 2011, p.5).

A depressão é um conceito que se encontra no limite entre o orgânico e o psicológico, bem como é objeto de estudo de diferentes áreas de conhecimento, como a Psicologia, a Psicanálise, a Psiquiatria e as Neuro-ciências. Diferentes áreas de conhecimento implicam diferentes formas de compreensão e intervenção:

Duas das disciplinas responsáveis pela pesquisa e tratamento da depressão são a Psicologia e a Psiquiatria. Porém, por estarem fundamentadas em bases distintas, possuem enfoques de compreensão e atuação diferentes. A Psiquiatria trabalha com a hipótese de a origem da depressão ser um transtorno bioquímico e, por isso, valoriza a terapia medicamentosa. Já a Psicologia se posiciona a favor da gênese relacional, vinculando a origem da depressão à história do desenvolvimento pessoal e emocional da pessoa. Sob esse prisma compreensivo, defende a psicoterapia ou a análise como o tratamento indicado (MORAES, 2011, p.6).

A Psicanálise, por sua vez, foi uma disciplina que realizou importantes contribuições para a compreensão da depressão, concebendo-a por meio de uma perspectiva histórica do paciente. Seus relacionamentos, suas experiências e suas perdas vivenciadas sustentavam seus sintomas depressivos. Moraes (2011), Edler (2011) e Peres (2003) elegem *Luto e Melancolia* (1915) como a obra que inaugura os estudos da depressão na Psicanálise, que passa a entender que a depressão possui causas psicológicas, voltando sua atenção para o relato do paciente e sua história de vida, em oposição à Psiquiatria, que tende à compreensão orgânica do fenômeno.

Winnicott compreende a posição depressiva como uma etapa do amadurecimento do ser humano, que ocorre após a conquista da capacidade de usar objetos. Ele, porém, criticou o nome dado a esta posição: “A expressão “posição depressiva” parece indicar implicitamente que as crianças saudáveis atravessam uma fase de depressão ou de uma doença do humor. “Mas não é isso que esta expressão significa”. (WINNICOTT, 1958, p. 358).

No começo, o bebê é o ambiente e o ambiente é o bebê (WINNICOTT, 2005, p. 60). Com a gradativa unificação do self do bebê, resultado do processo maturacional inato do indivíduo e descrito no subcapítulo anterior, este passa a ter um interior, separando-se do ambiente e iniciando com ele inúmeros intercâmbios por meio de projeções e introjeções.

A partir de então o bebê adquire a capacidade de usar objetos, pois eles sobreviveram a seus impulsos destrutivos, e passa agora a integrar sua vida instintual. Isto significa que os impulsos passam a ter sentido e são avaliados em suas consequências. O bebê tem de lidar agora com o fato de que os mesmos objetos podem ser amados e odiados, os quais incluem a mãe.

Outrora mãe-ambiente, amada e afagada nos estados relaxados, e mãe-objeto, danificada e destruída, nos estados excitados, a mãe agora é entendida pelo bebê como uma pessoa unificada.

Uma das coisas mais importantes que ocorrem neste estágio consiste em que a criança começa a perceber não só que ela é única e mesma pessoa, esteja excitada ou tranquila, como também que a mãe que cuida dela, trocando-a e mimando-a nos estados tranquilos, é a mesma pessoa que ela vivamente ataca durante os estados excitados. Compete à mãe não apenas continuar a manter o ambiente seguro e confiável, como a oferecer-se, ela mesma, como o objeto que agora é usado, conscientemente sugado, destruído e alvo de preocupação. (DIAS, 2010, p. 259)

O estágio do concernimento é marcado pela ambivalência do amor e da destrutividade voltada para o mesmo objeto. Assim o bebê agora se vê responsável pelo dano que pode causar à sua mãe e ao corpo dela, passando a ser “concernido e preocupado, pois começa a perceber que esta impulsividade atinge e pode ferir o outro” (DIAS, 2003, p. 259).

Moraes (2011) continua:

...quando a capacidade para o concernimento se estabelece como um fenômeno do amadurecimento, a criança adquire capacidade para sentir culpa, sentir tristeza, responsabilizar-se, envolver-se com a vida, reagir à perda de modo organizado (grifo do autor).

Com a unificação do self do bebê e consequente unificação da mãe, este inicia tentativas de reparar os danos causados a ela, movimento conhecido como círculo benigno.

Para se estabelecer como um fenômeno do amadurecimento, a mãe deve conseguir sustentar a destrutividade e a reparação, movimento que apresenta ao bebê a noção de que os danos causados a ela são reparáveis e que seus impulsos destrutivos e agressivos não oferecem perigo real.

Assim o bebê, na possibilidade de realizar reparações pode, gradativamente, entrar em contato com seu mundo interno e com os impulsos que fazem parte deste sem temê-los e sem carregar intensos sentimentos de culpa. Desta forma a capacidade para a depressão normal é alcançada e, com ela, é alcançada também a capacidade de elaboração do luto.

Winnicott, em seu artigo “A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal”, (1954-5) enfatiza que essa conquista difere da depressão como ausência de saúde, e cita:

As depressões encontradas clinicamente na Psiquiatria pouco têm a ver com a posição depressiva. Referem-se mais à despersonalização, ou à desesperança quanto aos relacionamentos objetais. Ou dizem respeito à sensação de inutilidade que deriva do desenvolvimento de um falso Eu. Esses fenômenos pertencem ao estágio anterior à posição depressiva no desenvolvimento individual (WINNICOTT, 1954-5, p. 367).

É nesse texto que Winnicott (1954-5, p. 371) descreve considerações sobre a reação à perda na teoria do amadurecimento, afirmando que quando a posição depressiva fora alcançada, “a reação à perda é de dor, ou tristeza. Se ocorreu alguma falha na posição depressiva, a consequência da perda é a depressão”.

Qual seria então a diferença entre tristeza e depressão? Winnicott continua afirmando que:

No indivíduo cuja posição depressiva está solidamente estabelecida ocorre o que chamei de introjeções do conjunto C (relacionamentos totais ou situações magicamente introjetadas), ou seja, memória de boas experiências e de objetos amados, e estas permitem que o sujeito prossiga o seu caminho mesmo sem um apoio ambiental. O amor à representação interna de objeto externo pode diminuir o ódio ao objeto amado introjetado provocado pela perda. Desta e de outras maneiras, o luto pode ser vivido e elaborado e a tristeza pode ser sentida enquanto tal (WINNICOTT, 1954-5, p. 372).

Percebe-se, então, que Winnicott apresenta uma ideia diferente de depressão (de cunho patológico), estabelecendo o que significa a capacidade para deprimir: uma conquista que

somente poderá ocorrer quando a capacidade para usar objetos, a integração dos impulsos destrutivos e a possibilidade de reparação por meio do círculo benigno for alcançada.

Desta forma, o bebê passa a fazer contato com seu mundo interno, e quando este é predominantemente marcado pela presença de impulsos destrutivos, pode se reorganizar, acessando lembranças boas relacionadas ao objeto perdido que podem suplantam o ódio em relação a este. No luto, conforme Freud já salientara, o ódio inconsciente com relação ao objeto morto é intenso e necessita ser elaborado.

Esta é a elaboração do luto na concepção winnicottiana: uma forma de depressão normal, pois o ser humano é tomado por uma espécie de “nevoeiro” que lhe permite distanciar-se de seu mundo externo para reavaliar-se em seu mundo interno e assim retornar. Esse “nevoeiro” torna tudo mais lento, amortecido, obnubilando os instintos e a capacidade de se relacionar com os objetos externos, possibilitando, assim, o recolhimento necessário à depressão normal. Após isso, ele se dispersa e o indivíduo retorna ao contato com o mundo exterior.

Quando, entretanto, a conquista do concernimento não é alcançada, verifica-se um processo diferente: se diante das tentativas de reparação do bebê, não houver sustentação materna, a mãe não estiver presente, ou não conseguir oferecer possibilidades de repetir a experiência, ou mesmo se ela adoecer durante aquele momento, o bebê compreende que sua destrutividade pode oferecer danos reais à mãe, resultando em um sentimento de culpa imensurável.

Objetos subjetivo e objetivo podem, então, regressivamente, tornarem-se indiferenciados, resultando em complicações na relação do bebê com a realidade. Sua destrutividade agora é sentida por ele como ameaçadora, bem como seu mundo interno, que agora se apresenta como um lugar de difícil acesso, dado ao medo intenso dos conteúdos destrutivos e persecutórios contidos nele.

Diante desta situação, o bebê pode encontrar duas formas de lidar com sua destrutividade: reprimindo violentamente seus impulsos destrutivos para entrar em contato com seu mundo interno, o que lhe renderá um humor deprimido e rebaixamento da vitalidade e criatividade, ou não entrar em contato com seu mundo interno, o que impedirá a elaboração de qualquer luto.

Outra possibilidade é o bebê cindir seus impulsos destrutivos, atribuindo-os ao ambiente externo, ou seja, projetando-os num mundo que se torna, então, perigosamente persecutório.

Assim, o resultado é também conhecido como uma forma de “depressão impura”.

Vidal e Lowenkron (2008, p. 57) descrevem as diferenças entre o que chamam de “depressão pura” e “depressão impura”, sendo a última uma experiência marcada por “impurezas”, como fracasso na organização do Eu, onde existe ameaça de desintegração, defesas maníacas, medos esquizóides, melancolia e mau humor.

Por outro lado, caracterizam a depressão pura como aquela apoiada em uma estrutura do Eu calcada na conquista do estágio do concernimento, “em que se alcança o reconhecimento da alteridade” e da preocupação com o outro.

É no fracasso da conquista do estágio do concernimento, aliado à conquista de uma estrutura frágil nos estágios anteriores, que a teoria do amadurecimento pessoal de Winnicott localiza a melancolia. A repressão dos impulsos destrutivos separa, então, os sentimentos de culpa dos instintos agressivos e destrutivos a eles associados.

Os sentimentos de culpa permanecem vigentes, mas totalmente desconectados de seus motivos originários. Por isso, o melancólico tenta dependurá-los em motivos totalmente exteriores a ele, o que – segundo Winnicott – constitui uma forma defensiva de nunca se aproximar dos seus motivos verdadeiros (NAFFAH, 2008, p. 35).

Verifica-se, portanto, que localizada a depressão no campo da saúde, ou seja, como uma capacidade de reorganizar o mundo interno, quando predominam nele a agressividade e o ódio, a elaboração do luto pode ser realizada.

As vítimas de violência urbana, em especial, as mães que perderam seus filhos assassinados, teriam que dispor desta conquista do amadurecimento para a realização da elaboração do luto. Teriam, portanto, que se responsabilizar pelos sentimentos relativos à perda, como dor, culpa, tristeza, ódio, bem como se responsabilizar pelos recursos, nos quais o seu sofrimento buscará apoio, seja ele a construção de uma associação de vítimas de violência, um livro, um site na internet.

Devem acolher seu sofrimento como algo de sua alçada, algo a ser respondido e transformado sob o cunho da transitoriedade da vida e da morte.

É com base nesta capacidade que o psicanalista deve fundamentar seu trabalho: convidando a vítima de violência urbana a fazer contato com seu mundo interno de

destrutividade e culpa e sobreviver a ele. Fazer-se presente diante daquele universo que traz a marca da ausência daquele que se foi, tendo como sustentação a esperança de que a vida é digna de ser vivida, e de que o sofrimento, num futuro, poderá ser atenuado e suportado por conta própria.

Como afirma Cintra (2011), é convidar o indivíduo a entrar no rio das transformações e desprender-se gradativamente do passado, voltando-se ao presente e ao futuro.

CAPÍTULO 4 – O HOMICÍDIO E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA A CAPACIDADE DE ELABORAÇÃO DO LUTO

Se o homicídio é cometido mediante paga ou promessa de recompensa, ou por motivo torpe, ou fútil, ou com emprego de veneno, fogo, explosivo, asfixia, tortura, ou outro meio insidioso ou cruel, ou que possa resultar perigo comum.

Ou ainda, se o homicídio é cometido à traição, de emboscada, ou mediante dissimulação, ou outro recurso que dificulte ou torne impossível a defesa do ofendido, ou para assegurar a execução, a ocultação, a impunidade ou vantagem de outro crime, esse homicídio é caracterizado como *qualificado*.

De acordo com o Código Penal Brasileiro (1940), o homicídio configura-se como crime no artigo 121, sendo o autor submetido à pena de 12 a 30 anos de reclusão. Nos casos onde não existem qualificadores, o Código Penal Brasileiro compreende o homicídio como *simples*, sendo o autor submetido à pena de 6 a 20 anos de reclusão.

O homicídio é um crime praticado contra a sociedade, e é pela sociedade que é julgado, por meio de um júri, que se caracteriza por aproximadamente sete pessoas escolhidas pelo poder judiciário, para acompanhar o julgamento e deferir a condenação ou a absolvição do réu. O crime de homicídio tem como acusador a justiça pública, que oferece o promotor de justiça como operador das acusações a serem realizadas durante o julgamento.

Desde as primeiras investigações realizadas pelos investigadores da polícia civil, até a confecção do inquérito policial e seu recebimento pelo promotor de justiça, o homicídio é observado de acordo com suas características qualificadoras, que acompanharão todas as intimações, oitivas e audiências realizadas com as testemunhas, para incrementar ou não a pena do acusado.

Cada qualificador é considerado ou descartado ao final do julgamento, afixando ao réu a pena a qual lhe caberá cumprir, em regime fechado, aberto ou semi-aberto.

Os conceitos jurídicos *qualificador* e *pena* são muito importantes porque incidem diretamente no atendimento às vítimas de violência urbana. *Qualificador*, conceito que infere peso, qualidade e valor, tem importância fundamental para a vítima, que aspira pela condenação máxima, ou seja, pelos 30 anos de prisão.

Ocorre que tal condenação pode ser *atenuada*, por exemplo se o réu for *primário*, ou seja, se não for objeto de crime anterior, ou se residir em residência fixa. Tais possibilidades oferecem à vítima sentimentos de insegurança, desesperança e injustiça, os quais são as bases para as revoltas, e o sentimento coletivo de impunidade que movem diversas manifestações, especialmente na cidade de São Paulo.

Em cada qualificador desconsiderado pela justiça, uma desqualificação à memória da vítima, sua honra e história de vida, as quais desde o crime fora estigmatizada. Familiares e amigos tendem a penar, por longos períodos nos morosos processos e procedimentos jurídicos, e encontram no júri a expectativa de extinção de um sofrimento que aparenta não findar.

No cotidiano da cidade de São Paulo, presenciam-se diversos casos onde a vítima sofreu a ação de vários tiros de arma de fogo e meios cruéis, ou fora surpreendida sem qualquer possibilidade de defesa, ou mesmo encontrada em via pública, jazendo sob o olhar de curiosos.

São mortes que contribuem para o esvaziamento do estatuto humano daquele que fora assassinado, tornando seu corpo um dejetos a ser recolhido, examinado e, posteriormente, enterrado em local próprio para indigentes, em caso de não reconhecimento ou demora para a realização do enterro.

Para os familiares dessas vítimas, fica o impacto da perda imprevisível e violenta, em uma cena que será repetida, obsessivamente e compulsivamente, ao longo dos atendimentos.

Os traumas vivenciados pelas vítimas de violência se assemelham àqueles descritos por Freud, em seus textos sobre neurose traumática e neuroses de guerra, nos quais são caracterizados como acontecimentos que extrapolam as possibilidades de tolerância do aparelho psíquico, orientando-o a repetir a experiência como uma tentativa de realizar a absorção de seu conteúdo. Fulgêncio (2004) nos apresenta a concepção de trauma na teoria do amadurecimento como um acontecimento que interrompe a continuidade da experiência, marcado pela imprevisibilidade, que pode acarretar prejuízos importantes.

A imprevisibilidade do crime, somada ao horror e à violência praticados contra a vítima, oferecem a esta uma série de imagens que marcam a vida do ente querido, antes recordadas com amor e esmero.

Estas imagens baseiam-se a impossibilidade de conservação da lembrança do objeto perdido como algo bom e prazeroso, para um objeto interno repulsivo e com conotações

cruéis, arduamente lembrado como aquele filho que ofereceu experiências importantes e singulares à mãe.

As fotos e os pertences da vítima aparentam estarem impregnados da violência própria do homicídio e, por isso, não raro, algumas mães afirmam ter grandes dificuldades para acessá-los ou mesmo recordá-los de forma menos sofrida.

Todas essas questões interferem na forma como o luto será ou não elaborado. Retornando aqui ao tema estudado por Alencar (2011) no qual a autora afirma que a necessidade de restituir o status de humano da vítima direta, muitas vezes, é condição para que o luto possa ocorrer.

Flor perdeu seu filho por assassinato, cujo corpo encontrou em uma favela localizada em São Mateus. As circunstâncias da morte colocavam o filho de Flor, Júnior, como suspeito, e tal condição negava a de vítima. Essa negação nos leva a observar um processo que tem como culminância a negação da morte como perda (ALENCAR, 2011, p. 39).

Se a morte é negada, é negada também a possibilidade para o luto? Alencar continua:

O luto é reconhecido por Freud (1917 [1915]) como um afeto normal que segue a uma perda sofrida. Mas, se não há reconhecimento de perda, como fazer o trabalho do luto? Pergunta central do e para o luto. A questão que se coloca com o recorte do luto em situações de violência é o lugar de onde parte a afirmação ou negação de que houve perda (ALENCAR, 2011, p. 39).

Assim, deve-se considerar a importante conclusão de Alencar (2011) a qual compreende o luto também como um acontecimento social, por ocorrer dentro de uma realidade social e política, que se entrelaça, evidenciando desigualdades sociais e outros qualificantes, sem os quais não seria possível continuar esta dissertação.

Os atendimentos psicoterapêuticos realizados às vítimas de violência urbana vislumbram também esta característica, isto é, para que um luto possa ser elaborado deve haver um reconhecimento social da perda, reconhecimento este que advém das instituições, especialmente de justiça e assistência, as quais as vítimas indiretas seguirão seu percurso na busca por justiça.

Essa realidade deve ser considerada juntamente com as conquistas do amadurecimento que favorecem a elaboração do luto. A legitimação social da perda e a capacidade de enlutar oferecem à mãe a possibilidade padecer pelo seu sofrimento e compadecer-se pelo sofrimento de outras mães que também perderam seus filhos. Dessa forma, o valor à vida, maior

referencial dos Direitos Humanos, terá maiores possibilidades de ser requalificado, independentemente da qualificação criminal do homicídio.

CAPÍTULO 5 – METODOLOGIA

A presente dissertação de mestrado é baseada em uma pesquisa de cunho clínico e empírico, produto de observações realizadas durante atendimentos psicoterapêuticos de vítimas de violência urbana. Nesse sentido, é importante ressaltar dois pontos fundamentais. O primeiro é aquele que compreende a pesquisa empírica como prática psicanalítica, na qual, de acordo com Figueiredo (2013, p.134), traduz-se em prática clínica quando há um psicanalista que “se sustenta em sua posição e opere no “estado especial de mente” que lhe é próprio”.

O segundo é aquele que, como consequência do primeiro, coloca o psicanalista em relação ao objeto de pesquisa. A iniciativa de elaborar uma dissertação de mestrado sobre este tema repousa na verificação dos aspectos fenomenológicos do luto (ou sua incapacidade) por morte violenta, dentro de uma relação psicoterapêutica, que considera transferências, contratransferências, resistências e sintomas como fenômenos presentes na intersubjetividade da dupla analista e vítima.

Essas considerações serão abordadas mais detalhadamente a seguir. Primeiramente, para falar sobre a metodologia utilizada nesta dissertação, faz-se necessário descrever as diferenças entre pesquisa em Psicanálise e pesquisa com o método psicanalítico.

A pesquisa em Psicanálise é entendida como uma pesquisa que pode envolver diversos objetos de estudo, sociais, subjetivos, históricos na utilização de conceitos e pressupostos psicanalíticos, com o objetivo de aprofundar ou esclarecer determinado objeto. Segundo Figueiredo e Minerbo (2006), a pesquisa em Psicanálise tem como característica a diferenciação entre pesquisador e objeto de estudo, diferenciação que favorece a manutenção dos lugares de ambos, de forma definida e sem alterações quanto à qualidade, podendo ser realizada por profissionais de diferentes especialidades.

Por sua vez, a pesquisa com o método psicanalítico é caracterizada como uma pesquisa que requer inexoravelmente um psicanalista, em atividade analítica, inserido na relação intersubjetiva entre ele e seu objeto de estudo, ambos em lugares alternantes, favorecendo assim uma nova leitura da Psicanálise, seus conceitos e pressupostos.

A pesquisa com o método psicanalítico demanda do psicanalista uma postura de disponibilidade e entrega ao seu objeto de estudo, de tal forma que ambos são transformados

ao longo da pesquisa. Segundo Figueiredo e Minerbo (2006) tal modalidade de pesquisa pode ser compreendida como um *corpo a corpo* onde ambos, psicanalista e objeto de estudo, não saem incólumes, isto é, o psicanalista não é o único responsável pela pesquisa, uma vez que o objeto da pesquisa também a convocou. Considerando essa dinâmica, ambos iniciam um processo onde a singularidade, própria da Psicanálise, encontra lugar também na produção de conhecimento, ao mesmo tempo descoberto e inventado.

Retomando os primeiros parágrafos deste capítulo, o psicanalista deve sustentar sua posição disponibilizando seu olhar *desopacificante*⁶ e sua escuta àquilo que é potencialmente incontornável. Segundo Carvalho (2006), a escuta do psicanalista deve tolerar o intolerável para depois encontrar o que dizer, no caso deste trabalho, suportar a violência insuportável relatada pela vítima. Além de justiça, as vítimas de violência demandam alguém que as suporte, para que suas experiências de sofrimento possam ser transformadas.

O analista, acolhendo, suportando e sobrevivendo às histórias de violência trazidas pela vítima, inicia, juntamente com ela, um processo de reavaliação de suas experiências e sofrimentos, redimensionando-os.

Para tanto, a metodologia utilizada para esta dissertação privilegia a relação entre psicanalista e vítima de violência como partes de um processo clínico próprio da pesquisa com o método psicanalítico, desenvolvido da seguinte forma:

Foram selecionados dois casos em atendimento no Centro de Referência e Apoio à Vítima, que se encontram em atendimento psicoterapêutico individual, no programa há mais de um ano, em frequência semanal.

O critério de seleção dos casos se baseou na discrepância dos resultados obtidos ao longo dos atendimentos. No primeiro, verificou-se que Rosa voltou sua atenção à busca de novas possibilidades de trabalho e cuidados com as demais filhas, após o duplo homicídio de seus dois filhos ocorrido no ano de 2007.

No segundo, verificou-se a impossibilidade de Telma voltar às atividades cotidianas, após o homicídio de seu filho, ocorrido em 2011, apresentando queixas e discursos repetitivos por meio de autorecriminações.

Ambos os casos foram documentados, recebendo registros de cada atendimento psicoterapêutico realizado juntamente a seus respectivos prontuários. As normas éticas relacionadas a termos de consentimento e à autorização de acesso a prontuário estão de

⁶ Que outorga novo sentido.

acordo com o regulamento do Comitê de Ética e Pesquisa da PUC, com autorização da Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania.

Os dados referentes aos atendimentos foram coletados e organizados nos prontuários, servindo ao pesquisador para apresentação do caso no próximo capítulo desta dissertação. Além das amostragens contidas nos prontuários, foi realizada uma entrevista com ambas as mães, com o objetivo de aprofundar a avaliação da relação entre essas mães e seus filhos, vítimas de homicídio.

A pergunta apresentada fora a seguinte: “Conte-me sobre sua história com seu filho”. Para responder a essa questão, as mães foram convidadas, individualmente, a comparecer ao Centro de Referência e Apoio à Vítima, e dirigiram-se a uma das salas de atendimento.

Na presença do psicanalista que realiza o atendimento dessas mães, cada uma teria a oportunidade de relatar a história da relação entre elas e seus filhos, sendo tal áudio gravado para posterior coleta. Em caso de necessidade de novos agendamentos, o pesquisador agendaria uma nova data para o reinício das atividades na semana posterior.

Depois de transcrita, a entrevista foi interpretada, seguindo os mesmos procedimentos utilizados na clínica psicanalítica, uma escuta flutuante que privilegiasse palavras, expressões, pausas, repetições e qualquer elemento que servisse para a desconstrução e reconstrução de um novo sentido sobre os relatos.

Ao longo das entrevistas e, especialmente durante a análise destas, um ponto chamou a atenção: Rosa, uma das mães entrevistadas, descreveu com detalhes as características do crime em detrimento à história dela com seus filhos, como se lhe fosse perguntando “como ocorreu o crime.”

Tal observação foi verificada também durante um atendimento psicoterapêutico realizado anteriormente, em 24 de janeiro de 2013, no qual Rosa se entristece ao ver a foto do filho, “e não conseguir ver o filho”. A impressão do pesquisador, como psicanalista que considera o aspecto contratransferencial imprescindível no método psicanalítico de pesquisa, era a de que a violência ocorrida fora de tal brutalidade, que havia encoberto sua identidade e sua história como um processo de desobjetivação. De mãe, Rosa aparentava ocupar outro lugar, mais distante e impessoal, como uma repórter a noticiar uma violência urbana. A tentativa de encontrar o filho perdido não era possível por meio desse lugar.

Por esse motivo, e considerando a necessidade de o psicanalista se entregar ao seu objeto, foi realizada uma nova entrevista, contendo uma solicitação: “Conte-me sua história”.

Assim, Rosa teria a possibilidade de apresentar ao pesquisador fatos históricos que pudessem ser utilizados para a avaliação de sua capacidade de enlutar, ao mesmo tempo em que era convidada a ocupar o lugar de mãe que relata sua história com seus filhos.

Telma, por sua vez, descreveu ao longo da entrevista sua relação com seu filho desde sua concepção até sua perda, oferecendo dados importantes a serem interpretados. Foi possível verificar, por exemplo, que Telma repetiu várias vezes a palavra “grudado”, ao se referir ao filho, por vezes, relatando experiências da relação com ele, falando no lugar dele, ou seja, trocando o sujeito “ele” e “eu” das orações, de forma a apontar uma fusão que indica a indiferenciação entre eles.

Considerando a riqueza de detalhes descrita na relação entre mãe e filho, durante a entrevista, foi possível avaliar que uma segunda entrevista com Telma não seria necessária. Assim, a descrição dos casos clínicos das duas mães foi estruturada da seguinte forma: considerando a utilização de material clínico oriundo do atendimento psicoterapêutico de ambas, foi realizado primeiramente um histórico de cada uma delas, com o objetivo de apresentar o caso.

Em seguida, foi descrita a entrevista realizada, já desconstruída para análise, por meio da seleção de vinhetas destacadas pela atenção flutuante do pesquisador, traçando linhas de compreensão entre as falas das mães e os aspectos que subsidiam a capacidade ou incapacidade da elaboração do luto na teoria do amadurecimento pessoal de Winnicott.

CAPÍTULO 6 – CASOS CLÍNICOS

6.1 Rosa

Rosa tem 38 anos e nasceu no Estado do Maranhão. Casou-se aos quinze anos com o primeiro marido e, com ele, teve três filhos. Com o objetivo de conquistar melhores oportunidades, viajou com sua família para São Paulo, vindo a residir em um assentamento ilegal, no extremo norte da cidade.

Rosa conta que sua relação com o marido fora marcada por traições e violências domésticas constantes. O marido era alcoólatra e as agressões físicas e psicológicas eram presenciadas pelos filhos, levando Rosa a findar a relação, que completou 13 anos. O marido voltou para o Maranhão e Rosa continuou em São Paulo, trabalhando como auxiliar de limpeza e diarista.

Conheceu seu segundo marido e, com ele, teve duas filhas. O relacionamento de Rosa com esse marido também fora marcado por traições, porém Rosa se manteve casada, demonstrando uma relação esvaziada de afeto e companheirismo.

Rosa se descreve como uma pessoa acessível, “fácil de enturmar” e de bom humor. Os anos que viveu no extremo norte de São Paulo lhe renderam amizades consistentes com seus vizinhos, cujos filhos eram companheiros de seus filhos, sobretudo para brincar de pipa e colher frutas na mata próxima de sua casa.

Foi em uma dessas brincadeiras que seus filhos se tornaram personagens de um crime que ganhou projeção nacional.

No dia 22 de setembro de 2007, João, então com 13 anos, e seu irmão Pedro, com 14 anos, decidiram colher frutas, demorando para retornar.

Algumas horas depois, percebendo que seus filhos não haviam retornado, Rosa informou ao seu marido que estava muito preocupada e solicitou apoio dos vizinhos para auxiliarem na busca dos dois meninos. Na ocasião, a imprensa foi informada e tais buscas foram guarnecidas por helicópteros da Polícia Militar do Estado de São Paulo.

Foram dois dias de desespero para Rosa. As buscas tinham início às 7 horas e perduravam até as 20 horas, momento em que a escuridão da mata impedia qualquer possibilidade de localização dos meninos.

No terceiro dia de buscas, os corpos dos dois filhos foram encontrados com sinais de violência sexual, mutilados e perfurados. No local, também foram encontradas cordas as quais foram utilizadas para amarrar os meninos, além de embalagens de preservativos. Rosa foi informada sobre a morte de seus filhos no hospital, enquanto gritava com a psicóloga e tampava seus ouvidos, na tentativa de não escutar a notícia.

O crime causou comoção em todo o país. Rosa compareceu ao enterro dos filhos, porém passou mal e teve que ser amparada por familiares. O pai biológico das crianças reside no Maranhão e também precisou de acompanhamento médico.

Dias depois, os suspeitos foram identificados e presos. Um deles era interno de um manicômio judiciário, que se localizava próximo do local dos fatos. O outro era seu conhecido. Ambos assumiram a autoria do crime, sendo este realizado durante as saídas autorizadas pelos responsáveis de tal instituição de custódia.

Após o homicídio, Rosa compareceu em diversos programas de televisão, além de receber visita dos profissionais de saúde, do programa *Saúde da Família*, os quais a encaminharam para atendimento psicoterapêutico de grupo, em uma unidade básica de saúde, localizada na mesma região da moradia de Rosa.

Rosa compareceu aos atendimentos até ser reavaliada por uma profissional do posto de saúde, concluindo que seu sofrimento demandava o acompanhamento de um programa especializado no atendimento a vítimas indiretas de crimes contra a vida.

Em setembro de 2008, um ano após o crime, Rosa iniciou seus atendimentos psicológicos de grupo, além de receber atendimento social e jurídico. Seu sofrimento costumava surpreender os demais participantes do grupo, que mesmo tendo sofrido a perda violenta de seus filhos, questionavam-se sobre suas queixas diante de uma mãe que perdeu, de uma só vez, dois filhos vítimas de um crime hediondo.

Rosa, por sua vez, afirmava que buscava ajuda porque gostaria de tirar de sua “mente” as imagens de seus filhos serem violentados. Dizia que mesmo não tendo acesso à cena do crime, as imagens de seus filhos sendo mortos eram recorrentes em seus pensamentos, impossibilitando-a de dormir, trabalhar e realizar os afazeres domésticos.

Além de demandar tal ajuda, Rosa apresentava uma necessidade que viria a acompanhá-la, ao longo dos demais atendimentos psicoterapêuticos realizados em anos posteriores. Tinha a necessidade de falar sobre o ocorrido, detalhando as características mais

brutais, repetidamente. Aparentava naquele momento estar à procura de alguém que suportasse, que sobrevivesse ao seu relato.

No ano de 2009, um dos acusados foi a júri, sendo condenado. Rosa deu continuidade aos atendimentos e identificou uma melhora em seu quadro clínico, finalizando seu tratamento.

Em maio de 2011, Rosa volta a fazer contato, informando que gostaria de voltar a receber atendimento psicoterapêutico, porém, dessa vez, individualmente. Ao reiniciar seus atendimentos, informou que os pensamentos voltaram a lhe ocorrer, devido a um boato corrido em seu bairro, que falava sobre a soltura do acusado, assustando toda a comunidade local. Rosa, também assustada, voltou a ter insônia e crises de choro, sem controlá-las. Nos primeiros atendimentos, alguns sintomas foram descritos, além da insônia e das crises de choro, houve sentimento de perda de chão, perda da capacidade de fazer planejamentos futuros, apatia, revolta e medo. O desejo de falar em detalhes sobre o ocorrido havia se intensificado, ainda que acompanhado de uma aparente incapacidade para tanto, como algo que havia ficado preso em sua garganta.

Rosa também recebeu atendimento psiquiátrico, sendo atendida em postos de saúde especializados. Os medicamentos inicialmente interferiram no humor, deixando-a ora irritada, ora indisposta, fazendo com que interrompesse o tratamento sem supervisão de seu psiquiatra.

O sentimento de desesperança em melhorar foi se tornando cada vez mais presente, durante os atendimentos psicoterapêuticos, levando Rosa a uma tentativa de suicídio, por ingestão de grande quantidade de remédios para dor de cabeça. Uma vizinha que a visitara, na ocasião, auxiliou-a, levando-a ao hospital mais próximo.

Rosa retornou aos atendimentos psicoterapêuticos e psiquiátricos. Sentiu grande necessidade de contar um detalhe da morte de seus filhos, que não havia contato para ninguém. Contou que os olhos de seus filhos haviam sido perfurados. Ao contar, chorou muito e disse que se sentia um pouco aliviada.

Duas questões se apresentaram intrigantes para Rosa. Uma se referia ao pesar pela incapacidade de sentir saudades dos filhos e outra pela ideia repetidamente presente em sua fala: “prefiro sofrer do que ver meus filhos sofrerem”.

Rosa não gostava de ver as fotos dos filhos perdidos. Havia escondido todos os pertences deles, juntamente com as fotos, no fundo de um dos armários da casa. Afirmava que quando via as fotos ficava muito triste.

Em sua casa, Rosa fora aos poucos questionada por suas filhas menores, acerca de seus sentimentos em relação a seus filhos. Escondia o choro todas as vezes, porém era observada por suas filhas, as quais aparentavam querer falar sobre a falta que seus dois irmãos faziam em casa. Rosa afirmava que evitava falar sobre o assunto porque este se apresentava como algo muito penoso para ela. Suas filhas, mesmo assim, insistiam, como que preparando um lugar para que a perda pudesse ser falada e autorizada.

Algumas mudanças foram identificadas na fala e no comportamento de Rosa, ao longo dos atendimentos. Sentia-se mais calma e disposta, conseguia dormir melhor e afirmou, com grande pesar, e ao mesmo tempo com grande alívio, que havia entendido que seus filhos não voltariam mais.

A partir de então, Rosa voltou a se interessar em trabalhar novamente, começou a falar mais sobre suas filhas e os cuidados que demandavam. Sentia-se melhor, dormia melhor e fazia planos futuros.

6.2 Telma

Telma tem 48 anos e nasceu no Rio de Janeiro. Filha única, enfrentou a separação dos pais aos dois anos, continuando a morar com sua mãe enquanto o pai se distanciara. O tio, irmão de sua mãe, auxiliou nos cuidados. “Ele tinha verdadeira adoração por mim”, conta.

Aos nove anos, Telma, sua mãe e seu tio se mudaram para São Paulo, vindo morar em um hotel. Telma estudou em colégio interno e afirmou ter passado fome no período em que sua mãe e seu tio não tinham emprego. Durante os anos na escola, queria ser freira e conta com entusiasmo sobre uma peça de teatro na qual figurou como Nossa Senhora Aparecida.

Aos 16 anos, Telma conseguiu seu primeiro emprego de arquivista, empresa na qual permaneceu até os 19 anos, conquistando o cargo de secretária executiva. Nessa época, sua mãe ficou doente e Telma assumiu-a, dando-lhe os cuidados necessários.

“Aos 22 anos, conheci o traste do meu marido”, afirma. Um homem boliviano, que trabalhava como ourives em São Paulo. Telma afirma que ele poderia ser rico se não fosse o uso abusivo de álcool. Com essa mesma idade, Telma viajou para a Bolívia e casou-se com ele, retornando para São Paulo em seguida, grávida.

Telma não tinha planos de ter filhos. Era muito ingênua diante de questões acerca de sexualidade. “Minha mãe fez nove abortos”, comparando-a consigo.

Ela conta que, quando seu filho nasceu, estava trabalhando e era independente financeiramente. Afirmou que queria ter um filho homem porque “mulheres são piores que os homens, qualquer coisa são chamadas de putas, homem é mais fácil.”

“O filho nasceu moreno como o pai” e aos quatro meses ficou com a pele mais clara, suscitando dúvidas ao pai da criança, que não o identificava como seu filho. Telma afirmou que seu filho tinha muitas dores de barriga e ficava “grudado” com ela. Quando o pai bebia, o filho dormia junto com Telma. “Ele era do jeito que sonhei”, conta.

Nessa época, Telma já era mãe de uma menina, a qual descreve como insensível e despreocupada consigo. Sofreu violência doméstica, sendo defendida pelo filho, que com dez anos de idade enfrentou o pai, golpeando-o com uma grelha de fogão.

As brigas constantes entre Telma e seu marido resultaram em boletins de ocorrência e na prisão do marido. Telma, afirmando ser pressionada pelos filhos, compareceu à delegacia para solicitar a soltura do marido, que a partir daquele momento, não voltaria a agredi-la.

“Eu dei excesso de proteção a ele (filho) porque o pai o negava” afirmou em um dos atendimentos psicoterapêuticos. O marido continuou morando com ela e Telma assumiu um novo emprego, dessa vez como síndica, vindo a se desvincular desse emprego, após a morte do filho, no ano de 2011.

No mês de janeiro, desse mesmo ano, seu filho, que na época trabalhava como segurança de uma casa noturna, havia deixado sua casa com o objetivo de encontrar a namorada. Ao estacionar o carro para aguardar a saída da moça, foi surpreendido por três assaltantes, tendo um deles desferido um tiro na região de sua nuca. Ele morreu no local. Os suspeitos fugiram e não deixaram pistas.

Telma estava em casa e recebeu a ligação de sua filha lhe informando que seu filho havia levado um tiro. Desesperou-se e, enquanto aguardava a chegada da filha para saber mais notícias sobre o estado de saúde do filho, recebeu a informação de que este havia falecido.

Ela desmaiou e viria a não mais se recordar dos momentos posteriores ao recebimento da notícia. Acordou no hospital querendo reconhecer o corpo do filho e assim o fez. Questionou quem havia cometido o crime e sua motivação, perguntas que a acompanhariam ao longo de seus atendimentos psicoterapêuticos.

Acompanhou o velório e o enterro, começando a fazer uso de antidepressivos por orientação médica. Ao falar do filho, Telma exaltava sua beleza. Afirmava que ele era muito forte, que tinha mais de dois metros de altura, olhos azuis, que faziam Telma evitar olhar para

o céu, para não lembrar que o perdeu. Fez questão de manter o quarto do filho do jeito que ele havia deixado, apresentando comportamentos importantes: sempre que chegava em casa, acendia a luz do quarto do filho para imaginar que ele está lá. Costumava cheirar as roupas do filho, dormindo abraçada com elas.

Não raro, durante o banho, Telma imitava o filho dizer “mãe, sai logo do banho”, respondendo em seguida “já vou filho”. Quando relatava tal comportamento, dizia: “acho que fiquei louca né?” em meio a risos. Também durante o banho, costumava pegar uma esponja com um fio de cabelo do filho para passar em seu rosto, na tentativa de aliviar a falta sentida.

Telma costumava frequentar um centro espírita para encontrar respostas sobre o crime que vitimou seu filho. Não admitia aceitar a perda diante do pedido dos integrantes do centro espírita, nutrindo sentimentos destrutivos contra Deus por não ter protegido seu filho.

Em todos os atendimentos psicoterapêuticos apresentava a mesma fala, centrada nos últimos momentos com seu filho e na história de vida com ele. Parecia querer localizar-se antes do ocorrido, sempre contando situações entre ela e seu filho, de forma verborrágica, por vezes dramatizada e engraçada. Aparentava portar um discurso congelado no tempo, demandando que ficasse da forma que se apresentava.

Não raro lhe ocorriam crises e, durante estas, Telma se internava por conta própria em um hospital, sendo acompanhada por um médico de confiança. Telma foi orientada a fazer uso de remédios, mas afirmava que estes faziam mal para sua saúde, resultando desarranjos intestinais e incontinência urinária.

Ressalta-se que Telma possuía muitos sintomas orgânicos. Sofria de insônia e falta de apetite, esses dois sintomas apresentados frequentemente. Também afirmava ter diabetes e sentia-se muito sozinha, ligando para vizinhos e amigos durante as madrugadas para conversar.

Suas dúvidas se relacionavam à motivação para o homicídio de seu filho. Tentava traçar hipóteses para tanto, refletindo sobre as diversas namoradas que seu filho teve, porém sem nunca concluir algo. Quando foi orientada que o homicídio de seu filho poderia ter sido por motivo de assalto, algo bastante provável de acordo com o boletim de ocorrência, Telma chorava e, no atendimento seguinte, retomava seu discurso e suas hipóteses.

Em um dos atendimentos, Telma trouxe diversas fotos do filho. Dizia gostar de observá-las e organizá-las aleatoriamente em diversas fases da vida dele. Levava sempre consigo um celular com a gravação da voz do filho na caixa postal.

Telma não relatava convivência com amigos ou parentes. Dizia apenas conviver com um gato que, segundo ela, também sentia a falta de seu filho.

Em 2012, após instaurar processo, o Ministério Público sinalizou pelo encerramento das investigações, alegando falta de indiciados ou suspeitos. Telma afirmou, porém, que havia uma gravação do circuito interno do prédio a ser avaliada.

Assim, o Ministério Público manteve o caso aberto e, ao final desse mesmo ano, analisou as gravações, as quais não filmaram os suspeitos e o crime. Telma, ao ser informada, chorou e, no dia seguinte, internou-se novamente, obtendo orientação de seu médico para não voltar a entrar em contato com qualquer notícia, manifestação ou trabalho que se relacionasse com o homicídio de seu filho.

O Ministério Público arquivou o caso.

CAPÍTULO 7 – DA VIOLÊNCIA URBANA AO AMBIENTE SUFICIENTEMENTE BOM: A ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

7.1 Rosa

Rosa inicia as entrevistas relatando lembranças boas dos filhos: da volta da escola, das comidas preferidas, das brincadeiras entre os irmãos. Lembranças de amor e carinho que hoje ocupam seu mundo interno e coexistem com as lembranças relacionadas ao ódio e a destrutividade que a perda violenta dos filhos lhe deixou, e que são relatadas logo em seguida por ela.

Uma das atividades preferidas dos filhos era colher frutas na mata para trazer para casa. A mata era lugar de brincar, de alimento e de vida. Seus filhos pediram à Rosa para colher frutas e adentraram na mata demorando para retornar.

Com a demora, Rosa relata preocupação com o paradeiro dos filhos, sendo aos poucos tomada por uma angústia nunca antes sentida. Os três dias em que os filhos permaneceram desaparecidos foram descritos como os piores dias da vida de Rosa. Ao longo dos dias, foram desaparecendo também as lembranças boas dos mesmos em seu mundo interno, como um processo de esvaziamento.

“Foi real, eu vi meus filhos sendo violentados”

No lugar das lembranças boas, imagens de seus filhos sendo violentados lhe ocorreram. São estas imagens que viriam a acompanhar Rosa durante todos os dias, levando-a a um intenso sofrimento. Rosa ressalta que estas imagens não faziam parte de sua fantasia, elas estavam ocorrendo na realidade, diante de seus olhos.

Por meio desta afirmação, é possível verificar que os sintomas relacionados à perda do objeto amado têm início com o desaparecimento dos filhos. Após o desaparecimento dos mesmos no mundo externo, os objetos perdidos foram introjetados no mundo interno de Rosa e submetidos ao ódio e a destrutividade. Rosa viu seus filhos sendo violentados pela violência dos impulsos destrutivos relacionados à perda e, assim, todas as lembranças boas destes objetos perderam lugar.

“O Pedro gostava muito de jaca, eu adoro jaca também... nunca mais eu comi. Eu vou na feira e sempre quando eu a vejo, me sinto mal”.

As mães que perdem os filhos assassinados sofrem mudanças consideráveis nas atividades cotidianas e uma delas é a mudança dos hábitos alimentares, relacionados com lembranças de amor e carinho. Alimentos anteriormente tidos como prazerosos passam a se apresentar como objetos de negação e repulsa, exemplificando a compreensão de que as lembranças boas e construtivas relacionadas ao objeto antes de sua perda passam a ser lembranças dolorosas.

No que se refere à visão de Rosa, durante o desaparecimento dos filhos, esta demonstrou não conseguir diferenciar a fantasia da realidade, característica de um estágio anterior ao do uso do objeto chamada “relação de objeto”, na qual a relação com os objetos ocorre na subjetividade. Seus filhos foram submetidos à violência do ódio inconsciente antes mesmo do desaparecimento ser esclarecido. Na indiferenciação entre fantasia e realidade, o uso do objeto não pode ocorrer, pois para isso ele precisa sobreviver à destruição.

Assim, dois importantes apontamentos devem ser realizados com base nas declarações de Rosa: o primeiro por evidenciar, diante da perda do objeto, a regressão à fase da relação de objeto, no qual este apresentou-se como subjetivo e consequentemente submetido ao controle onipotente da mãe: uma forma de mantê-lo vivo.

A relação de objeto precede o uso do objeto, uma capacidade descrita na teoria do amadurecimento pessoal de Winnicott na qual o objeto é colocado fora da área de onipotência e deve sobreviver para que seja concebido na realidade compartilhada.

O segundo porque seus filhos foram encontrados mortos e com sinais de violência sexual, ou seja, os objetos não resistiram aos impulsos destrutivos existentes no mundo interno de Rosa, levando esta a encontrar dificuldades em diferenciar fantasia de realidade objetiva. Uma vez encontrados mortos, seus filhos continuariam a ser mortos diariamente em sua “fantasia real”.

No velório dos filhos, Rosa não conseguiu encontrá-los. Ainda se encontravam desaparecidos, dentro do caixão lacrado. Não há encontro com o objeto perdido a não ser por meio de lembranças violentas e destrutivas deixadas pelo crime em seu mundo interno. A dificuldade de falar sobre o ocorrido é paralela à dificuldade de fazer contato com um mundo interno tomado pelo ódio e pela destruição.

“Eu estava muito fraca, parece até que eu estava flutuando... Bruno, quando ela falou isso para mim (noticiou a morte dos filhos) meu mundo acabou”.

Rosa relata sentimento de flutuação e falta de orientação, característicos da indiferenciação entre fantasia e realidade. A perda dos filhos é relatada como a perda de seu mundo, relato também verificado no segundo caso clínico. A mãe que perde um filho perde um mundo, anteriormente habitável, previsível e passível de planejamento e controle.

Os casos clínicos presentes nesta dissertação apontam para a compreensão de um duplo processo de luto, aparentemente característico da mãe que perde seu filho vítima da violência urbana: o luto do objeto perdido e o luto do mundo perdido. Após a perda do filho, o mundo habitável, seguro e receptível às experiências boas com os filhos dá lugar a um mundo perigoso, violento e permeado de relações e vínculos sem confiança, onde a mãe não encontra um lugar.

A elaboração da perda do objeto passa pela elaboração de um mundo perdido, e as manifestações em busca de justiça e mais segurança podem ser compreendidas como uma das tentativas, por parte destas mães, de reparar um mundo assassinado pela violência urbana, ao mesmo tempo em que lhes oferecem um lugar de vida.

“Eu vou viver para quê? Eu não tenho mais eles, minha vida não vale mais a pena. Eu tentei contra a minha vida... eu só queria morrer, eu só queria parar de sofrer”.

Este foi o mundo que Rosa perdeu e que agora se mostra inabitável. Com isso, a tentativa de suicídio se apresentou como uma forma deixar de viver em um mundo sem sentido e sem esperança. O sofrimento de Rosa era expresso por meio da impossibilidade de sentir saudades dos filhos perdidos. As lembranças destes, impregnadas de ódio e de violência, mantinham seus filhos vivos e sendo assassinados “em sua mente”.

O sentimento de saudade não podia ser experimentado porque a perda dos filhos não havia sido elaborada. Ao conhecer o destino trágico dos filhos e tendo estes correspondência com os impulsos destrutivos contra os objetos perdidos em seu mundo interno, Rosa torna-se incapaz de perder os filhos e, assim, sentir saudades.

Esta correspondência apresenta um importante resultado quando considerado o estágio do concernimento e suas características: o objeto perdido e submetido ao ódio pelos impulsos destrutivos da mãe encontrou ressonância no mundo externo com a morte dos filhos. Como resultado, Rosa tem a fantasia que destruiu os filhos e, desta forma, seus impulsos destrutivos apresentam-se como perigosos.

“Naquela época, aquela psicóloga me falou lá no hospital, que minhas filhas precisavam muito de mim... Bruno, você falou tanto isso para mim... entrou. Eu consegui por na minha mente.”

Seu mundo interno, preenchido por tais impulsos, torna-se um lugar de difícil acesso, oferecendo intenso sofrimento. É dentro dele que seus filhos estão sendo assassinados continuamente e a possibilidade de depressão normal não é viável. Para que a depressão normal seja possível, os impulsos amorosos e construtivos devem encontrar um lugar junto aos impulsos destrutivos e persecutórios, abrindo espaço para a ambivalência do objeto perdido, movimento o qual o institui na realidade objetiva.

É na presença do analista, que sustenta seu espaço e sobrevive a seus relatos de violência e morte, que Rosa encontra a possibilidade de integrar os impulsos destrutivos com os construtivos, levando-a a rememorar lembranças boas com os filhos que compensam as lembranças violentas advindas tanto da realidade externa quanto de sua realidade interna.

O objeto agora pode ser perdido e lembrado com amor, carinho e saudade, abrindo caminho para o luto. O luto configura-se como uma reação a perda de um objeto, que introjetado no mundo interno é sujeito ao ódio (e em casos de violência urbana, é potencializado pelas lembranças do crime e pelo sentimento de injustiça e impunidade) e encontra nas lembranças boas uma possibilidade de ser reintrojetado como parte de uma história de vida significativa.

É durante a segunda entrevista que Rosa apresenta algumas passagens importantes acerca de sua história de vida:

“Eu me casei aos quinze anos, engravidei do meu primeiro filho, eu tinha quinze anos de idade, aí eu sei que eu tive três filhos com meu primeiro relacionamento. Vivi treze anos com meu primeiro marido, depois me separei, arrumei outro... tive duas filhas.”

Rosa se casou quando era adolescente e com quinze anos teve seu primeiro filho, atualmente o filho que lhe ajuda nas despesas domésticas e lhe oferece apoio nos momentos de tristeza.

“Ele bebia demais, me batia, quebrava as coisas dentro de casa, era muito violento, sabe? Sempre quando estava bêbado, queria bater nos meus filhos, eu não aceitava.”

Sua vida em família foi marcada pela violência doméstica e pelo alcoolismo de seu marido, contexto no qual seus filhos já se apresentavam como vítimas de violência. Na tentativa de evitar que novas violências lhe ocorressem, mudou-se para São Paulo, separando-se do primeiro marido.

É neste momento da entrevista que Rosa relata a perda de um filho, informação não relatada ao longo de seus atendimentos psicológicos.

“É... eu também tive outro filho, né? Que morreu com doze dias de nascido, mas foi uma coisa assim que eu me conformei tão rápido assim, era tão bebezinho, sofri muito, mas superei muito rápido... ah, ele nasceu, aí com doze dias que ele nasceu, com doze não, com nove, ele adoeceu...uma coisa permitida por Deus.”

Seu primeiro filho morreu depois de “doze” e “nove” dias. Rosa confunde os números, confunde os lugares, os dias, o tempo ao longo das duas entrevistas. É a persistência ou não da violência que caracteriza o passado e o futuro de Rosa. O passado é aquilo que não dói mais, como o seu primeiro filho, que teve sua morte anunciada e endereçada, foi morrer em casa, *uma coisa permitida por Deus*. Diferentemente dos seus dois filhos assassinados, que não morreram em nome de Deus, morreram em nome da violência urbana.

É na perda do primeiro filho que Rosa demonstra sua capacidade de enlutar, “sofrendo muito e superando muito rápido”, demonstrando a dinâmica do processo de enlutamento: sofrer e superar. Foi uma perda permitida não apenas por Deus, mas também por ela.

Morando em São Paulo e trabalhando como auxiliar de limpeza, Rosa conhece o segundo marido e, com ele, teve duas filhas, atualmente aquelas que ajudam a mãe a encontrar o mundo que perdeu após a violência fatal contra seus dois filhos. Com as filhas, Rosa encontra sentido para viver.

“Perdi meus filhos de uma vez só e elas duas, né... hoje eu paro e penso assim: já pensou se eu não tivesse elas? Minha vida seria muito vazia. Minhas filhas me dão muito apoio.”

Quando Rosa pede ajuda para por um fim as cenas de violência que atormentam sua mente, está pedindo ajuda para poder fazer contato com seu mundo interno lacrado pela violência. É na companhia do psicanalista que Rosa visita seu mundo interno e busca em meio ao ódio e a violência as lembranças boas dos filhos, suas notas na escola, suas comidas preferidas, trazendo-os à vida em seu interior.

Apesar de uma história de desamparo e sofrimento, Rosa demonstra que as lembranças boas dos filhos permaneceram.

“Aí, nesse dia, ele chegou em casa e eu perguntei: - Bruno... Júnior por que você queria o nome delas?”

É nesse lugar que o psicanalista também é colocado: *Bruno... Júnior*, o psicanalista como seu filho mais velho, que sobrevive aos seus relatos de violência oriundos de seu mundo interior sem defender-se deles, em um trabalho mútuo de buscar a vida em meio a morte e a destruição.

7.2 Telma

“Desde pequeno meu filho foi muito grudado comigo”

Telma iniciou a entrevista por meio de uma frase cujo conceito “grudado” aparece pela primeira vez. Deste momento em diante, o mesmo conceito foi repetido diversas vezes, trazendo para mim um aspecto de difícil compreensão: em alguns momentos, Telma afirma que era ela quem procurava se manter “grudada” ao filho, ao passo que em outros momentos, era o filho que procurava o mesmo.

“Não ficava longe de mim, e eu também não deixava ele com ninguém, porque eu não confiava”

Como justificativa, Telma afirmou que vivia em um bairro violento da região central de São Paulo e seu trabalho como síndica lhe oferecia situações de risco as quais seu filho deveria ser preservado.

“Eu sempre quis ter um filho de olho azul, bonito... eu tinha muito cuidado com ele, nossa senhora, cuidado excessivo, era o filho que eu pedi a Deus, porque eu sempre gostei de filho homem... um filho grudado comigo, eu sempre sonhei em ter um filho como ele”

“Era assim né, a vida dele, nós dois sempre juntos”

Quando seu filho nasceu, Telma afirmou que ele era parecido com o pai, mas que após quatro meses, ele se transformou em um menino loiro de olhos azuis. Telma também é loira, e a partir de então o filho tornou-se para Telma um objeto idealizado, a concretização de um sonho, que demandava cuidado e preservação.

A característica de idealização do objeto apresenta-se como um ponto importante a ser aprofundado. A cena entre mãe e filho que se apresenta é característica da relação mãe-bebê condizente com o estágio de dependência absoluta proposta por Winnicott, na qual se encontram o bebê em dependência absoluta e a mãe, em adaptação absoluta.

Mãe-bebê são descritos neste estágio do amadurecimento como uma unidade, dada a qualidade absoluta da dependência que somada a não integração do self do bebê, justifica a afirmação de Winnicott que “this thing such a baby does not exist”. O bebê não pode ser concebido sem a presença da mãe e a unidade mãe-bebê propicia o desenvolvimento dos primeiros “ensaios” no contato com o mundo externo, primeiramente ocorrendo na ilusão.

É na ilusão que será estabelecida a realidade subjetiva, e nela se encontrarão os objetos subjetivos que caracterizam o estágio de relação de objeto, no qual não há contato com a realidade externa. O objeto subjetivo é um objeto criado pelo bebê em contato com sua mãe, e para que ele possa fazer parte da realidade externa e ser usado, deve ser colocado fora da área de onipotência, sendo assim destruído.

A preocupação de Telma em preservar o filho dos perigos da violência e das más companhias, perigos da realidade externa, aponta para a preocupação de preservar a característica subjetiva do objeto, evitando que este seja destruído na objetividade. Assim, Telma, em seu relato, demonstra que sua relação com seu filho é uma relação marcada pela precariedade na relação com a realidade, resultando na idealização do objeto.

“Então coloquei ele para trabalhar como office-boy, trabalhei como office-boy...”

“Aí então a moça lá da praia, ela adorava ele, tinha ele como um filho, aí um dia estavam falando da minha mãe, e ele disse: se minha mãe morrer, eu quero morrer primeiro”

Durante a entrevista com Telma, verificou-se um fenômeno que pode ser relacionado ao estágio da relação de objeto mencionado acima: Telma, em dois momentos, falou no lugar do filho, primeiramente afirmando que havia trabalhado como office-boy e, em um momento posterior, afirmando que “estavam falando da minha mãe” quando o que ocorreu era que estavam falando dela para o filho. Dois momentos que apontam para uma forma de fusão entre ambos que pode ser compreendida como um estado de regressão ao estágio de dependência absoluta, na qual mãe e bebê apresentam-se como uma unidade.

“Na minha cabeça, ele está lá... até hoje fico esperando ele”

Este estado de regressão ao estágio de dependência absoluta pode ser compreendido como uma tentativa de Telma de manter o objeto sob seu controle onipotente, mantendo o padrão de cuidado “excessivo” que teve para com seu filho enquanto este era vivo. Se mesmo em vida o filho era mantido vivo, especialmente como objeto subjetivo, após sua morte Telma encontra na regressão uma forma de mantê-lo vivo, falando em nome dele e deixando a luz de seu quarto acesa durante as noites. Um objeto que não reside na realidade compartilhada não pode ser perdido.

“Então você vê, você cria aquele filho, com aquele amor, grudado com você, e daqui a pouco vem um desgraçado... mata ele... sem motivo... eu queria morrer também”

“Eu queria ter morrido naquela hora” (quando soube da morte do filho)

“Então... e ele cuidava muito né? E eu, não quis ir mais para médico, não quis fazer mais nada, fui adoecendo, adoecendo, adoecendo, adoecendo, e agora virei um traste humano, presto para mais nada”

“Meu filho morreu e eu praticamente morri junto... sou uma pessoa morta-viva”

Após a morte do filho, Telma relata sua vontade de morrer, relato semelhante ao de Rosa quando soube da morte de seus dois filhos. Mas no caso de Telma, a perda apresenta-se de forma diferente.

A violência da realidade se apresentou retirando o objeto amado de seu mundo interno e Telma, não apresentando a capacidade de lidar com a perda por não conceber o filho na realidade externa dada a sua idealização, volta o ódio do objeto perdido contra si mesma por meio de autopunições. O objeto ideal não pode ser submetido ao ódio inconsciente relacionado à perda do objeto, restando à mãe o lugar de “traste humano”.

Telma, que tanto se envolveu na preservação de seu filho, mantendo-se “grudada” com ele para evitar que fosse vítima de algum tipo de violência, colocando-o em um emprego, orando para Nossa Senhora para não perdê-lo, não consegue evitar o destino fatal do filho, consequência que a leva a odiar-se por fracassar em sua tarefa.

É por meio deste relato que é possível identificar o quadro melancólico deste segundo caso clínico. A melancolia, como descrita anteriormente, é uma patologia que se caracteriza pela permanência de impulsos agressivos e destrutivos no mundo interno, prevalecendo em detrimento aos impulsos amorosos e construtivos. As experiências amorosas com o filho relatadas na entrevistas não conseguem suplantar o ódio referente à perda do objeto perdido.

Apresentam-se dois momentos diferentes na reação à perda: no primeiro, a morte é negada e Telma continua esperando pelo filho, num delírio onipotente no qual, identificada com este, o mantém vivo como parte dela.

No segundo, a morte negada irrompe, de quando em quando, gerando ódio inconsciente ao objeto morto. Mas, como o objeto é idealizado, o ódio volta-se contra ela própria, em auto-recriminações.

Os dois momentos alternam-se o tempo todo sem encontrar solução, pois Telma não dispõe da distinção entre fantasia e realidade e da elaboração do estágio do concernimento, não havendo, portanto, possibilidade de elaboração de luto.

Telma demonstra incapacidade de tomar contato com os impulsos destrutivos de seu mundo interno, incapacidade que a impede de deprimir e, assim, contrabalancear as lembranças positivas e negativas do objeto perdido, movimento que o livra da ambivalência e, portanto, da realidade.

Após a perda do filho, o mundo interno de Telma é apresentando como um lugar onde o absoluto e a desesperança marcam presença, levando-a a não encontrar seu lugar no mundo externo e a esperar para sempre um filho que não pôde ser perdido, pois para tê-lo deve ser encontrado anteriormente na realidade objetiva.

Verifica-se, assim, que os casos clínicos apresentados nesta dissertação demonstram, por meio das entrevistas, a importância da conquista do estágio do concernimento para a elaboração do luto e o fracasso deste estágio como fundamento para a incapacidade na elaboração do mesmo, caracterizado na melancolia.

É a partir do estágio do concernimento, e não em meio ao estágio de dependência absoluta e relação de objeto, que um objeto pode ser perdido por ocupar um lugar na realidade externa e sofrer os efeitos da ambivalência que o autoriza ao amor e ao ódio sem perder seu valor e seu lugar no mundo. Um filho, para ser perdido, deve primeiramente ser concebido (e protegido) e, em seguida, percebido como objeto real, que o coloca nas vicissitudes da vida e seus riscos.

Assim, os lutos referentes ao objeto perdido e ao mundo perdido podem ser vivenciados como um processo de recolhimento e reavaliação de suas lembranças construtivas e destrutivas em um mundo interno acolhedor, capaz de transformar a dor da ausência de um filho querido em memórias de amor e carinho que permanecerão por toda a vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa com o método psicanalítico nos oferece possibilidades de nos tornarmos psicanalistas e pesquisadores, participantes dos fenômenos que estão implicados em nossos objetos de estudo, transformando-os ao passo que nos transformamos, recriando conceitos, posições, pressupostos e sentidos.

Esta dissertação de mestrado, que teve como objetivo avaliar o processo de luto de duas mães que perderam seus filhos, vítimas da violência urbana, na cidade de São Paulo, ressaltou não apenas a importância do lugar onde a perda ocorre, mas também a qualidade dessa perda.

A cidade de São Paulo, bem como as demais grandes cidades brasileiras, apresenta números alarmantes de homicídios e outros crimes contra a vida ao longo dos anos. A necessidade de construção de políticas públicas efetivas e integradas, com os diversos setores da administração pública e da sociedade civil, é fundamental para que a violência urbana possa ser enfrentada.

Concomitantemente, é fundamental também o desenvolvimento de centros de apoio a vítimas de violência, bem como é igualmente essencial a instrumentalização técnica de psicólogos, assistentes sociais, advogados, médicos, pedagogos, servidores públicos e demais profissionais que ofereçam alternativas de elaboração da violência urbana.

O luto é um fenômeno social, está presente nas relações tecidas entre as pessoas e as mazelas que caracterizam suas cidades, mas também é um fenômeno clínico no qual a Psicanálise outorga atenção há anos. Os estudos sobre luto e melancolia inauguraram um novo momento para a Psicanálise, no qual a relação do ser humano com suas perdas pode ser avaliada dentro da transitoriedade que assola o inconsciente, ao mesmo tempo em que oferece novos caminhos para refletir sobre a relação do ser humano com sua finitude.

Juntos, os estudos sobre a violência urbana e sobre o luto resultaram nesta dissertação, uma pesquisa que pode vir a servir de orientação a profissionais e a estagiários que dedicam sua vida e seu trabalho a escutar as vozes caladas pela violência, as vítimas das cidades à procura do conforto da justiça e compreensão de suas perdas.

Ao oferecer a escuta às vítimas da violência urbana, escutamos também nossos anseios e medos. Temos nossas perspectivas de futuro abaladas pelas incertezas oriundas do ato violento, que tende a nos objetualizar e romper nossas experiências.

Apesar disso, concentramo-nos na segurança de nossas formações acadêmicas e clínicas, que se mantém em movimento a cada choro, a cada história, a cada tentativa de atravessamento do sofrimento, por parte da vítima que nos procura. Somos convocados por elas a escutar a morte que ganha vida em suas palavras, a nos envolver com seu drama e sobreviver a ele, caminhando entre a potência e a impotência de nossas intervenções. Na guerra particular contada pela vítima e compartilhada com o psicanalista, ambos não saíram ilesos.

É por meio da sobrevivência do analista que as reflexões e os questionamentos conquistam um lugar no atendimento psicoterapêutico e fora dele. É no contato com a vítima de violência que observamos as diferentes matizes do sofrimento relativo à perda violenta de um filho, buscando aprofundar os conhecimentos acerca daquelas mães que conseguem enlutar e aquelas mães que viveram em sua tentativa.

Foi possível identificar, por meio do levantamento histórico das vítimas de violência, que a capacidade para a elaboração do luto não se encontrava determinada apenas pela qualidade do vínculo entre a mãe e seu filho, mas também se apoiava nas conquistas emocionais da mãe, ao longo de seu amadurecimento.

A mãe que tem a capacidade de enlutar é aquela que teve condições de, ao longo de seu desenvolvimento emocional, integrar seus impulsos instintivos e responder por eles, podendo entrar em contato com seu mundo interno. É a mãe que, ao perceber as ambivalências presentes nas relações interpessoais, permite-se deprimir com o objetivo de se reorganizar e voltar a viver, considerando a violência sofrida.

Por sua vez, a mãe incapaz de enlutar é aquela que não conquistou tal capacidade. Na indiferenciação, que impede o desenvolvimento de uma relação dual, a mãe tem seu filho como um prolongamento de seu self e o contato com o mundo interno não é realizado sem intenso sofrimento e sentimento de culpa. Ao perder o filho, perde a si mesma, passando a relatar sua história com seu filho, de forma absoluta, imutável e idealizada.

Cabe ao psicanalista identificar a elaboração ou não do estágio do concernimento para que o trabalho possa ser realizado. Dependendo da capacidade ou incapacidade da mãe ao luto, o psicanalista não deverá se orientar a elaborar a perda do objeto amado, mas sim o contrário, seu ganho na relação transferencial, para que o mesmo possa ser experimentado e perdido, dessa vez na realidade compartilhada.

A história da vítima deve, assim, ser trazida para fora da sombra da violência que obscureceu sua subjetividade, para ser considerada como um percurso cuja fatalidade do ocorrido é um produto de falhas e violências que ocorreram anteriormente. Dessa forma, essa intervenção deve ser realizada em um lugar onde a dor pode ser sentida, onde a depressão é possível.

Cabe-nos, ao final desta dissertação, questionarmos sobre a importância da conquista da fase do concernimento para a elaboração das mais variadas formas de violência urbana citadas nesta pesquisa, como forma de orientarmos à um modelo clínico psicanalítico para o atendimento às vítimas de violência, bem como questionarmos acerca das particularidades desta clínica, na qual o luto e a melancolia encontram intersecção com a esfera política, movendo milhares de vítimas de violência à lutar pela transformação de suas realidades sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, S.L.S. **A Experiência do Luto em Situação de Violência: Entre Duas Mortes**. 2011. 187 p. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2011.
- ARIÉS, P. **História da Morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- BOLSONARO, J. **Entrevista concedida à Stephen Fry. Série da TV britânica chamada Out There**. Disponível em: <<http://youtu.be/9TiqyO5JQZs>>. Acesso em: 20/12/2013.
- BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- _____. **Código Penal**. Colaboração de Antônio L. de Toledo Pinto, Márcia V. dos Santos Wíndt e Livia Céspedes. 39. ed. São Paulo: Saraiva 2001.
- CARVALHO, A. C. **O Ofício do Psicanalista. In Revista de Psicanálise Percurso**. Ano XIX, nº 37, 2º semestre. 2006. Editora Santuário, São Paulo.
- CINTRA, E. M. U. **Sobre Luto e Melancolia – Uma Reflexão sobre o Purificar e o Destruir**. ALTER – Revista de Estudos Psicanalíticos. V. 29 (1) 23-40, 2011. Disponível em: <<http://www.spbsb.org.br/02.%20elisa.pdf>>. Acesso em: 02/08/2013.
- CRAVI, Centro de Referência e Apoio à Vítima. Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania. **Quebrando o Silêncio: Memória, Cidadania e Justiça**. São Paulo. Imprensa Oficial, 2011.
- _____. **Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania**. Metodologia. São Paulo. 2012.
- DIAS, E. O. **A Teoria do Amadurecimento de D. W. Winnicott**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- EDLER, S. **Para Ler Freud**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- ENDO, P. C. **A Violência no Coração da Cidade: Um Estudo Psicanalítico**. 1ª ed., São Paulo: Escuta, 2005.
- ESTADO DE SÃO PAULO. **Constituição do Estado de São Paulo**. São Paulo, 1989.
- FEDRI, B. C. **O Atendimento à Vítima Indireta de Homicídio: Considerações Sobre a Angústia Impensável. X Seminário PIBIC/UMESP de Pesquisa**. Universidade Metodista de São Paulo. 2010.
- FIGUEIREDO, L. C. **A Pesquisa Clínica em Psicanálise. Reflexões a Partir de André Green**. Revista Percurso, ano XXV, nº49/50, p. 133-140: Junho de 2013. Editora Santuário, São Paulo.

FIGUEIREDO, L. C., MINERBO, M. **Pesquisa em Psicanálise: Algumas Ideias e um Exemplo**. Jornal de Psicanálise, São Paulo, 39 (70): 257-278, jun. 2006.

FREUD, S. [1917-1915]. **Luto e Melancolia**. In: _____. Introdução ao Narcisismo. Ensaio de metapsicologia e outros textos (1914-1916) / Sigmund Freud. Tradução e notas Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das letras, 2010.

_____. (1980). **Considerações Atuais Sobre a Guerra e a Morte**. In: _____. Introdução ao Narcisismo. Ensaio de metapsicologia e outros textos (1914-1916) / Sigmund Freud. Tradução e notas Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das letras, 2010.

FULGÊNCIO, L. **A Noção de Trauma em Freud e Winnicott**. In Revista Natureza Humana. Volume 6, n. 2, julho-dezembro. São Paulo: Educ, 2004.

GOFFMAN, E. **Estigma – Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. 4ª ed. São Paulo: LTC, 1988.

GRANATO, T., VAISBERG, T. A. **A Preocupação Materna Primária Especial**. In Ser e Fazer na Clínica Winnicottiana da Maternidade. São Paulo: Ideias e Letras, 2006.

SANTOS JÚNIOR, B. **Encontro de Vítimas Atendidas no Centro de Referência e Apoio à Vítima - CRAVI**. 2011. Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania. Congresso. 16/12/2011.

KLÜBBER-ROSS, E. **Sobre a Morte e o Morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

KOVACS, M. J. **A Morte em Vida**. In: KOVACS, M. J. et al Vida e Morte – Laços de Existência. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. 11-34 p.

MAFFESOLI, M. **A Dinâmica da Violência**. São Paulo: Revista dos Tribunais/Edições Vértice, 1987.

MELO, R. **Processo de Luto: O Inevitável Percorso Face à Inevitabilidade da Morte (2004)**. Disponível em: <<http://groups.ist.utl.pt/unidades/tutorado/files/Luto.pdf>>. Acesso em: 02/08/2013.

MORAES, A. A. R. E. **A Contribuição Winnicottiana para a Teoria e Clínica da Depressão**. 2005. 328 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. 2005.

NAFFAH, A. N. **Contribuições Winnicottianas à Clínica da Neurose Obsessiva**. Revista Percorso. V. 41 p. 27-36: Dezembro de 2008. Editora Santuário. São Paulo,

ODÁLIA, N. **O que é violência**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

OLIVEIRA, I. M. C., PAVEZ, G. A. e SCHILLING, F. **Reflexões Sobre Justiça e Violência: o Atendimento a Familiares de Vítimas de Crimes Fatais**. São Paulo: Educ/Imprensa Oficial, 2002.

PERES, U. T. **Depressão e Melancolia: Psicanálise – Passo a Passo 22**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

PRO-AIM. Disponível em: <http://ww2.prefeitura.sp.gov.br/cgi/deftohtm.exe?secretarias/saude/TABNET/SIVVA/agressao/AGRESSAO.DEF> visitado em 23/10/2013 às 18h42>. Acesso em: 10/10/2013.

RIBEIRO, M.L. **Violência**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

SCHILLING, F. **Um Olhar Sobre a Violência da Perspectiva dos Direitos Humanos: A Questão da Vítima**. Revista IMESC, nº 2, 2000, pp. 59-65. Disponível em: <http://www.imesc.sp.gov.br/pdf/art4rev2.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2013, 13h.

SCHILLING, F., KAMIMURA, A. **Direitos Humanos e Vítimas de Violência: Experiências e Dilemas do Atendimento**. Revista Perspectivas, v. 36, 2009, pp. 41-71. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/2746>>. Acesso em: 23 out. 2013, 14h16.

SOUZA, A. M., MOURA, D. S. C. e PEDROSO, J. S. **Instrumento de Avaliação do Luto e suas Funções Terapêuticas: A Experiência em um Serviço de Pronto Atendimento ao Enlutado**. In FRANCO, M. H. P. (Org.) *Formação e Rompimento de Vínculos: O Dilema das Perdas na Atualidade*. São Paulo: Summus, 2010. 123-144 p.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da Violência – Os Novos Padrões da Violência Homicida no Brasil**. 1º ed. São Paulo, 2012.

_____. **Homicídios e Juventude no Brasil**. Rio de Janeiro, 2013.

_____. **A Cor dos Homicídios no Brasil**. 1ª ed. Brasília, 2012.

WINNICOTT, D.W. **A Localização da Experiência Cultural**. In: *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

_____. **Da Pediatria à Psicanálise – Obras Escolhidas**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

_____. **A Família e o Desenvolvimento Individual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **O Valor da Depressão**. In: *Tudo Começa em Casa*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

APÊNDICES

Apêndice I – Entrevista com Telma

Entrevistador: “Conte-me sobre sua história com seu filho.”

*Desde pequeno meu filho foi **muito grudado comigo**, desde pequenininho, então eu sonhei, eu sempre quis ter um filho loirinho de olho azul, bonito. Como meu marido era boliviano, ele era mais moreno, ele nasceu mais moreninho, e tinha uma foto que eu olhava assim, do Bradesco, que era a cara dele, com quatro meses ele se transformou, parece que foi uma metamorfose.*

Como assim?

*Ele transformou assim, ele ficou loiro de olhos azuis, por que ele era moreninho, era tipo aqueles indiozinhos bolivianos, mas se transformou em quatro meses, era a coisa mais linda, todo mundo pensava que ele era menina. Eu tinha um mimo com ele, nossa senhora, **ele já piscava eu levava ele para o hospital**. Foi criado assim, tudo o que ele queria eu dava para ele, era **muito grudado comigo**, não ficava longe de mim, e eu também não deixava ele com ninguém, por que eu não confiava. Tudo o que ele queria e eu podia dar eu sempre fiz, qualquer coisa estava sempre comigo, nunca largou de mim.*

*Aí foi crescendo, foi ficando bonito, aí depois foi estudando, coloquei ele para tra... para estudar, aí depois, conforme mocinho, a gente morava num prédio meio problemático, onde eu trabalhei (era síndica), tinha muito bandido, muita coisa né, eu falei, o rapaz ali, se envolvia ali, era drogado, bandido, assassino, então coloquei ele para trabalhar como office-boy, **trabalhei de office-boy**, aí chegou uma época que ele foi servir o exército e retrocedeu. Eu tive uma briga com o meu marido, muito feia, muito feia realmente, e ele ia me matar, porque ele me pegou por traz assim, chegou bêbado, inclusive eu levei três pontos na cabeça e se não fosse o meu filho não pegar o estrado do fogão e bater nas costas dele, ele me matava, aí ele saiu correndo. Ele foi processado, ia para a cadeia e quando chegou na hora H, os filhos para, meu pai vai ser preso e não sei o que, e aí a gente ficou naquele problema de consciência e chegou lá e eu tive que liberar, e aí ele ficou processado.*

Então você vê, aí quando ele foi para servir o exército a firma ia mandar ele embora, aí tem um amigo meu contador que disse que não, não pode mandar embora, aí como ele tinha problema de coluna, então não serviu o exército, ele não queria e eu perguntei por que ele não foi para a aeronáutica, e ele disse que não queria servir, e eu disse para ele falar com o capitão que disse: “dessa vez eu te pego, tu não vai se livrar”, aí eu falei para ele levar a

chapa da coluna dele, porque ele não ia poder fazer os exercícios que tinha que fazer, e ele foi liberado.

Aí, depois que passou um tempo, a firma mandou embora, pagou tudo direitinho e ele sempre comigo, ele sempre estudando e eu na cola dele, quando ele subia, eu subia os vinte e sete andares para ver onde ele estava, porque lá tinha muito bandido e como meu marido era doido, vivia bêbado para cima e para baixo, e essa turma (bandidos) costuma pegar os rapazes que eram muito problemáticos, e eu na cola dele, não largava da cola dele, de jeito nenhum. Quando chegava em casa cadê o nenê, porque o apelido dele era nenê, desde pequeno, não está? Eu batia de porta em porta cadê meu filho, até achar. Dali meu amigo, eu ficava esperando para ver quando ele ia fazer, ele começou a estudar de noite, trabalhava de dia, eu ficava esperando ele lá embaixo, os bandidinhos, os moleques ficavam olhando para ele, prensavam ele na porta e aí, naquela época, ele tinha uns catorze anos mais ou menos, e eu falava para ele, olha, você não se envolve com roubo, com nada, nem com droga, e se eles vierem você fala que seu pai vai matar eles, porque a turma tem medo do seu pai, porque ele gritava, berrava, a turma ficava meio assim. Agora vai falar com mãe, mãe eles abusam né. Então foi depois que deu muita confusão disso daí. Naquela época, eu ganhava muito bem e eu comprei um apartamento para minha mãe, e ele foi o primeiro a sair de casa porque ele não aguentava o pai, o pai bebia, sempre xingou ele, esculachava ele, sempre foi assim.

Por que o pai fazia isso com ele?

Tinha raiva dele, porque meu marido, quando casado pela primeira vez, tinha dois filhos e ele sempre gostou dos filhos de lá, sempre, não podia falar mal dos outros filhos e do menino ele esculhambava, esculachava que era uma barbaridade. Eu tive até que fazer um tratamento de ludoterapia com o menino porque o menino ficou meio revoltado, atacava os nervos, você não é meu pai, você não é meu filho, você tem os olhos azuis, eu sou moreno, né. O menino não podia ir na casa de ninguém porque ele se vingava em tudo, quebrava tudo. Aí eu levei ele um dia na Promovel, que era do INSS, aí foi a pediatra que mandou fazer um tratamento com ele e aí ele chegou a fazer ludoterapia, ele tinha um nervo que era equitermia, e aquele nervo era muito agitado, aí começaram a dar um tal de Tecretol para ele, sei lá eu, mas eu vi que não adiantou nada, eu vou parar com isso. Aí e peguei outra psiquiatra que disse não vamos cortar a medicação, exames nele tudo né, aí ele começou a fazer ludoterapia e ele modificou. Ele era totalmente desordeiro, bagunceiro tudo, na ludoterapia, em seis meses ele modificou da noite para o dia, ele não podia ver um sapato

fora do lugar até o último momento, que ele era muito ordeiro então modificou, o que a psicóloga falou: se o pai não consegue conviver com ele, então vamos ensinar ele a conviver com o pai do jeito que ele é, e os testes que fizeram com ele lá, primeiro chamam a gente né, desde que nasceu, tudo até como é que foi até o prezado momento, e depois chamaram o menino né, aí o menino demonstrou realmente, ele fez uma casinha, um balão e escreveu papai, então ele sentia a ausência do pai. Então ali que a psicóloga pegou o ponto fraco através de desenhos, tudo, e ele modificou da noite para o dia, nossa senhora ele ficou, ele não podia ver nada caído no chão que arrumava tudo, até depois de moço, mulher não aguentava ele, não! Porque ele era muito limpo, caprichoso e gostava das coisas tudo no lugar.

*Aí, depois abriu um Mcdonalds ali na 25 de março, ele já estava fazendo o segundo grau e então aí eu falei, vou levar ele lá, porque pelo menos o menino vai ficar trabalhando, a cabeça está funcionando, porque senão vira bandido né, você vê, eu **tinha muito cuidado com ele, nossa senhora, cuidado excessivo, era o filho que eu pedi para Deus, porque eu sempre gostei de filho homem**, mulher eu nunca gostei, mas eu queria ter dez filhos homens, mas marido bêbado como aquele, como é que eu ia ter?*

Por que você queria ter filho homem?

*Homem não tem tanto problema como mulher, meu filho. Homem é mais liberto, se enfia em qualquer buraco, mulher está tudo ferrada, infelizmente, eu penso assim, não adianta mulher vai comparar homem porque mulher tem mais problema sobre tudo meu, qualquer coisa que você faz é puta, porque não sei o que não pode fazer, e problema de gravidez ihhhh, então aí eu sempre gostei de ter filho homem, só que eu perdi uma menina, com oito meses de gravidez, era mulher, e depois **eu tive uma filha, eu tenho uma filha de 35 anos**, os gênios não se combinam. A filha eu perdi por pré-eclâmpsia, era excesso de trabalho, porque eu trabalhava demais, trabalhava em um condomínio problemático e meu marido bebendo daquele jeito, então a **criancinha nasceu perfeita, só que natimorta**, era uma menininha e nasceu com quatro quilos e meio, **e ele que me levou para o hospital (filho), ele que cuidava de mim, desde pequeno. Naquela época ele tinha uns dez anos, correndo, me levou para o hospital** e naquela época eu me lembro que eu vendi um apartamento, e eu estava com uma mala de dinheiro, mas o dinheiro não era meu, e eu disse esconde porque se o teu pai ver esse dinheiro depois para eu pagar não sei como vou fazer, tu acredita que ele foi para o hospital comigo e levou a mala (risos) de dinheiro né, para o pai não pegar. Ficou lá comigo*

na porta, porque não podia entrar. Esse menino o desespero dele, ele ficava comigo quando eu ficava doente era uma coisa séria!

Era assim, um cuidava do outro, o tempo inteiro, aí quando ele ficou mais mocinho, com 17 anos, ele entrou, eu coloquei ele no Mcdonalds. Ele trabalhou quase 20 anos lá, saiu de lá para morrer, ele chegou a quase ser gerente lá dentro, ele era muito querido, muito enérgico também né, então, todo mundo gostava dele lá dentro, eu pus para trabalhar. Era assim né, a vida dele, **nós dois sempre juntos**. A menina (filha) não, a menina, deu trabalho, saiu de casa, a menina começou a se envolver com bandido, e eu em cima, aí ela começou a namorar um chinês que pôs ela um pouco na linha e arrumou outro, e arrumou um bandido, foi aí que ela teve uma filhinha. Aí, a polícia matou o bandido. Não adiantava, a menina se revoltou, até na delegacia ela me denunciou, porque eu fico no pé mesmo. Vai namorar bandido, pô? Onde já se viu isso? Que futuro vai ter?

Aí, eu estava falando do meu filho, coloquei ele no Mcdonalds, uma firma boa, e todo mundo gostava dele, e como ele não era muito... ele era muito tímido, e as meninas dava em cima, e ele era todo assim quieto. Começou a ser mais saído depois que fez amizade um vizinho nosso, que ali o Paulo levava ele para a rua Augusta, aqueles puteiros lá, e aí começou a pegar a mulherada. Mas ele ainda era muito tímido, ficava sempre em casa, grudado em casa, tinha gente que falava que ele era viado, mas ele ficava em casa comigo, a não ser com o pessoal da academia, mas era assim, **sempre grudado comigo**. Aí, no Mcdonalds, uma vez queriam aprontar com ele, e eu disse não se enfia em bagunça, não se enfia em nada, porque a firma é boa. Tentaram transferir ele para a avenida Ipiranga, para trabalhar à noite. Ele disse que queria pedir a contas, e eu disse você não vai pedir as contas, aguenta firme, e ele me disse que estavam prejudicando ele e eu disse então você fala com o seu consultor, o cara que mandava tudo lá dentro. Ele queria pedir a conta e eu dizia: - Escuta, você não vai pedir a conta, ele me escutava, a menina não me escutava. Pois ele chegou e conseguiu falar com o homem, quando chegou uma sexta- feira, chamaram ele e disseram que ele iria voltar para a 25 de março, no horário normal. Eu disse não te falei, você tem que falar com os donos dos bois.

E assim ele foi trabalhando, trabalhando, trabalhando, aí depois da 25 de março, ele foi transferido para outra loja, subiu de cargo e depois entrou com auxílio doença, por causa da coluna. Ele tinha reserva e eu disse guarda seu dinheiro, para quando ficar maiorzinho, **porque eu ensinei os dois a lavar, passar e cozinhar, para não precisar de ninguém, porque**

amanhã ou depois quando eu morrer, vocês tem que aprender a fazer de tudo dentro de casa. Ensinei ele a fazer de tudo, ele botava mulher no chinelo, ele que fazia as compras, ele que era o homem da casa, então ele fazia as compras, ele fazia tudo porque eu ensinei e ele aprendeu. A menina também, mas a menina era mais avoada. Então, foi sempre assim.

*Aí, ele foi fazer um curso de segurança lá na Forgil, ele disse: - Mãe, não vou ficar sem dinheiro, e ele tinha uma reservinha dele né. Ele falava: - Mãe, esse dinheiro é para a minha velhice, amanhã ou depois, se eu ficar doente ou alguma coisa eu tenho o meu dinheiro, mesmo que se eu aposentar, **porque muitos médicos queriam que ele operasse a coluna né, mas eu falei não, porque tem gente que opera e não anda mais, fica paralítico, e isso é perigoso.** Ele tinha medo de operar também, mas eles diziam que iria chegar uma época que ele teria que operar, porque se não o osso vai sair para fora. Ele andava com dificuldade, e foi o pai que derrubou ele, **ele nasceu perfeito e não era para ele ficar assim.***

E nós sempre juntos, ele não se desgrudava de mim, para onde ele ia, quando ele chegava tarde, eu ficava esperando, eu falei quando você for chegar tarde nem que você falar, eu estou no inferno, mesmo que você esteja no inferno porque eu não dormia, eu ficava preocupada, né.

Ele queria entrar na polícia civil, pelo tamanho dele e pelo porte, mas o teste era muito difícil, ele chegou a fazer o teste, mas no teste da corrida ele não entrou, acho que por causa da coluna. Mas ele era muito querido por todos, dentro de casa ele era muito rabugento, mas lá fora todo mundo falava que ele era brincalhão, ele gostava de todo mundo, as mulheres tudo apaixonada por ele (risos).

*Antes da Forgil, ele casou e divorciou, ele tinha trinta e poucos, ele casou com vinte e sete, vinte e cinco, a moça no mesmo sistema que ele, limpa demais, igualzinho os dois, mas ela era muito ciumenta. A mãe dela entrava no meio e ele não recebia ordem de ninguém, eu tinha que falar com jeito com ele, às vezes, porque ele era casca grossa. Ele se encheu o saco e se divorciaram. Mas a única moça que ele gostou foi ela, e moravam tudo comigo, porque ele dizia: “aqui na minha casa, quem for casar comigo, vai ter que vir morar comigo, **e a mulher que não gostar da minha mãe eu não fico, tem que gostar da minha mãe.** Ele dizia que tem que gostar da minha mãe porque eu não vou alugar, comprar uma casa e daqui a pouco e não dá certo. Tinha que vir morar comigo e com a minha mãe. Ele não aguentou a menina, a menina não aguentou também e foi embora.*

Aí namorava uma, namorava outra, **casou, mas sempre comigo**, qualquer coisa ele sempre preocupado comigo e, quando ele conheceu uma menina que tinha apartamento na praia, a família dela quis dar um apartamento para eles. Ele me levou lá, levou eu, minha filha, **ele sempre grudado comigo**, desgosto nunca me deu, ele era assim, tinha medo das coisas, a gente cria filho não é para matar, não é para roubar, porque se for para a cadeia eu não vou te visitar. Ninguém tem o direito de tirar a vida de ninguém, roubar você não precisa, você vai trabalhar. Eu trabalhava, então eu dava tudo para ele, então não precisa roubar. Droga também, ele não fumava, apesar do pai beber até cair, ele não bebia. Às vezes tomava um vinho, mas de leve.

Então você vê **o menino grudado comigo**. A preocupação dele comigo era fora de série, qualquer coisinha ele falava, olha **quem cuida da minha mãe sou eu** porque esse bosta do meu pai não presta para nada. **Enquanto minha mãe precisar não vai faltar nada para ela, enquanto eu estiver vivo não vai faltar nada para ela**. Aí então a moça lá da praia, ela adorava ele, tinha ele como um filho, aí um dia estavam falando **da minha mãe**, e ele disse: - **Se minha mãe morrer, eu quero morrer primeiro**, porque eu não vou aguentar, e a moça falou o que é isso? Sua mãe está forte, e ele disse se minha mãe morrer primeiro que eu... aquele dia foi tão triste, quando ela me falou...a minha mãe quer ser cremada, pois **eu vou cremar a minha mãe**, vou contratar um helicóptero, e as cinzas dela e eu vou jogar as cinzas dela assim... (chorando) com rosas... como ela queria...aí foi tão triste quando ela me falou aquele dia, e ela me falou: - Dona Telma, ele era tão preocupado com a senhora! Ele viajava às sextas e voltava nos domingos. Mas toda hora ele me ligava para mim.

Então você vê, **você cria aquele filho, com aquele amor, grudado com você, e daqui a pouco vem um desgraçado... mata ele... sem motivo...eu queria morrer também**, não me conformo até hoje, não tem conformação para mim não, vai para o hospital, volta para o hospital, não posso tomar mais remédios por causa da diabetes, o coração bate, os nervos atacam, eu tenho que tomar remédio para dormir, eu fiquei oito meses sem ligar o fogão, porque ele chegava de tarde da academia... está pronta a comida? (imitando a fala do filho) E eu fazia a dieta dele, porque ele era todo metido à besta, então ele foi trabalhar numa boate como segurança, num navio, todo mundo chamava ele porque ele era muito forte, muito grandão, aí depois ele falou, ele sonhava alto, meu, ele dizia: - Eu quero viver de aluguéis, vou juntar meu dinheiro, primeiro ele queria o carro dele e ficar de táxi, eu disse que era perigoso, mas ele dizia: - Que nada, mãe, vou na porta das boates e pego a bicharada e cobro por cabeça e

depois eu compro um apartamento e alugo tudo para eles, porque essas bicharadas não trabalham, não têm como comprovar, era assim, ele era muito querido, sonhava alto.

Então você vê, a preocupação, eu estava ruim, ele dizia: - Mãe, você está doente, quer que eu leve você para o hospital?(imitando a fala do filho) **Aí tudo o que eu queria ele comprava**, remédios para diabetes, então **a preocupação que ele tinha comigo era fora de excesso**. E a filha tinha ciúme, ciúme dele, você acredita?

Grudado comigo, eu respirava ele, e ele a mesma coisa que eu, tudo. Onde ele ia, ele chegava de noite, às vezes, ele saía, tinha os quebras-galhos dele, as mulherada dele, quando ele estava para chegar, ele ligava para mim e falava Oooi (imitando a fala do filho), quando ele falava assim, eu já sabia que ele vinha com uma coisinha para mim, abre a porta que eu estou chegando (imitando a fala do filho). Ele me trazia esfihas quando ia no Habibbs, trazia aquelas esfihas de espinafre com requeijão. Passava lá na Ofner, porque eu não podia comer açúcar porque sou diabética, e comprava aquelas bombas de chocolate diet, e **tudo o que eu queria e que eu gostava ele fazia para mim, e eu fazia tudo para ele**. Eu sempre falava para ele: - Você tem que guardar seu dinheiro, porque homem sem dinheiro é uma merda. Mulher até se vira, agora homem sem dinheiro tá ferrado (risos) não é verdade? Então eu falava: - Guarda seu dinheiro! E ele era pão duro menino! Teve uma época, que ele andava com as cuecas furadas, só para não gastar! (risos) Mão de vaca, você entende? Depois ele começou a ganhar bem né, aí e as mulheres? E as mulheres que davam dinheiro para ele? Meu Deus do céu! Compravam as coisas para ele, entende? Luva de boxe, o pessoal da praia que deu para ele aquelas de treinar boxe, né? Aí, o instrutor lá falava assim: - Se você fosse mais moço, você ia ser peso pesado, você ia lutar, você ia ser campeão, ele tinha muita força.

Aí, vem um desgraçado e mata, pega de surpresa porque **ele falou um dia: - Eu não reajo, mas se tiver a oportunidade, eu reajo**, se o cara estiver na minha frente eu quebro ele no meio, eu tiro o braço dele fora do lugar. Então, o que dá para eu pensar é que foi uma coisa bem- feita, porque sabiam a força que ele tinha. Então você vê, aí naquela noite que ele faleceu, no dia que ele ia entrar no INSS, foi um dia antes da morte dele. E eu falei para ele:- Traz uma processadora para mim, dessas de moer carne, e um dia antes de ele morrer veio a processadora. Aí, ele falou: - Oooooi, abre a porta que eu estou chegando, aí eu olhei assim, abri a porta e falei: - O que que é isso? E ele: - Olha o que eu trouxe, a sua processadora! E eu disse: - Oba! E já veio com três panetones, parece que estava se despedindo da vida, ele gostava muito daquele panetone Bauducco, Aí ele falou: - Leva lá para o pai, e eu disse: -Eu

não, vai levar você, e ele disse: - Vai lá, leva para ele e fala que é um presentinho para ele. Aí né, eu estava com a minha diabetes alta né, aí ele abriu e guardou o outro (panetone) e disse: -Ó, este aqui é para nós comer, para quando abaixar um pouco sua diabete, porque ele falava: - Você fica comendo doce, daqui a pouco você vai ter que cortar o pé, vai cortar o olho e ficar cega! E ele me vigiava né? De vez em quando, me dava vontade e a gente come né, meu filho? E era assim ó, aniversário então, ele sabia que eu gostava muito daquele perfume Biografia né, então ele vinha... quando ele chegava eu estava às vezes no quarto né, e ele falava:- Mãe! Colocava a mão de traz e falava: - Adivinha! E eu falava: - Biografia! E ele falava: - Presentinho para você. - O que que é? E ele disse: - Biografia, e eu disse: - Oba! Até hoje eu guardei o presente. Tudo, até um pelinho, até a bucha dele ficou os pelinhos dele, do banho dele, está guardado, às vezes eu passo assim, no meu rosto, como se eu sentisse a presença dele.

Então, dia 19, um dia antes, ele trouxe a processadora, tudo, né, e tinha ido lá na avenida Paulista, que é que dá entrada (no INSS). Eu falei: - Não adianta você entrar na Paulista que lá é tudo INSS, pega logo advogado e entra logo com isso aí, meu! O doutor parece que até tinha no escritório dele uma advogada... e ele disse que primeiro ia entrar, que não desse certo eu pego, pois ele foi lá, lá chegou de tarde e disse: -Ó mãe, chegamos atrasados, porque era das 9h às 14h. Guardou toda a documentação. No dia 20, né, ele faleceu. A última pessoa a falar, porque ele conversou com a minha filha pela internet, naquela época minha filha fazia um ano que não aparecia, ela tinha ido embora sem conversar comigo, e eu acho que ele estava querendo aproximar, né? Aí ele falou: -Mãe, eu vou trazer ela para ficar uns tempos aqui com a gente, você deixa? Eu falei: - Lógico. Ele tinha adoração por ela, a filha não tinha muita ligação não, mas a sobrinha ele tinha adoração, ele ligava para ela e falava assim: - Você quer a boneca? Qual boneca você quer? Que eu vou comprar para você, era assim. Adorava ela, porque minha filha era muito desequilibrada e deixava a menina, ela ficou sequinha assim, saía e largava a menina sem comer, né? Aí um dia, ela trouxe a menina e foi trabalhar, quando a menina chegou em casa, eu falei assim: - Coitada desta menina, magrinha! Ah, meu amigo, em 15 dias ele cuidou dessa menina, era mingau, porque ele comia muito mingau, dizia que para a gente pegar corpo assim, vocês vão no médico e no nutricionista e é muito caro né, então ele se baseava nessas coisas assim, nos colegas da academia, tudo né, então, ele tomava muita vitamina, muita coisa, ele comia que nem um animal, depois aí foi emagrecendo um pouco né, depois ficava mostrando:- Aqui é músculo,

aqui é assim. Ele era muito magrinho quando era pequeno e depois aí que ele começou a frequentar academia, começou a tomar muitas vitaminas, começou a tomar anabolizante putz! Aí atacou a cabeça, fez um mal para ele, começou a atacar o estômago, e eu falei: Para de tomar essa merda! E ele falou: - Não faz mal, se eu morrer eu vou inchado! E eu falei: Qual é a vantagem? (risos) Aí parou né, parou que ele viu que estava fazendo mal né, aí ele procurou outros médicos melhores.

Aí, é assim, né: **muito grudado, mas me escutava** muito rabugento, mas escutava a gente né. Parecia que ele não escutava, mas ele ouvia. A minha filha não, minha filha nunca escutou nada só se deu mal na vida, até agora. Agora não sei como é que vai se formar em Pedagogia, aí, não sei como, porque ela trabalha na AFESP, na faculdade lá, e ela vê as moça tudo se formando em Engenharia, outras em Administração e ela não é metida à besta né, então quer se formar também, porque ela tentou três vezes, fazer duas faculdades de letras, mas ela não conseguiu porque ela não sabia falar inglês, e lá dentro a professora já entra direto falando inglês né, e geralmente são professoras que estão fazendo letras, já sabem falar inglês né. Aí ela ficou em DP duas vezes em inglês, não passou e aí desistiu né, aí eu não sei, falei: “- Faz uma que não tem inglês, oras”, que tem castelhano, outra coisa aí, aí agora parece que no meio do ano ela se forma. Mas me deu trabalho. Agora, trabalho, ele nunca me deu, trabalho assim ele me dava porque ele era muito rabugento, as coisas dele tinham que ser muito organizada, muito limpo, muito limpo, então você vê: **um filho grudado comigo, eu sempre sonhei em ter um filho como ele.**

No dia 20 ele sai, aí ele veio... **Eu estava sentindo já umas coisas diferentes**, né, eu sonhei aí com dente, e sonhar com dente e sonhar com carne diz que não é bom, né? Eu sonhei né, aí eu falei um dia antes para ele: - Credo!

Como foi esse sonho?

Com carne, e com dente. Um dia, uma semana, eu sonhei com carne e depois na outra semana eu sonhei que estava caindo um dente meu aqui do lado, aí eu falei para a minha amiga, tadinha, ela faleceu faz uns quatro, cinco meses, eu falei: - Eu sonhei com dente, acho que sou eu que vou morrer e ela disse: ahhh, vira a boca para lá! Que merda, vai morrer nada, e eu falava assim porque vivia sempre encrencada, negócio de diabetes, pressão, tudo né? E não é que era ele? Aquela, a hora que ele já estava indo já para se desligar deste mundo né, ligaram, ligou uma moça, aí ele: – Ah, tá bom, já estou indo. Aí ele saiu. Eu falo que aquele corredor da minha casa ali é o corredor da morte, ele saiu do quarto assim né e

disse: - Tá bom, tá, eu já estou indo então. Eu falei: Onde você vai, meu filho? Ele falou: - já venho (imitando a voz do filho), porque ele tinha uma voz possante, né, **aí eu senti uma coisa diferente**, não sei, e saiu, e quando chegou onze e meia, quinze para meia noite, tocou o telefone. Eu estava até conversando com uma amiga minha, né, assim que desligou, tocou o telefone: - Dona Telma? É a Leia. Eu disse: - Oi Léia, tudo bem?, Ela disse: - Dona Telma, o seu filho sofreu um assalto. Quando ela falou “sofreu um assalto”, eu gelei, minhas pernas já ficaram moles. Eu falei: - assalto? Mas como? E ela disse: - Ele levou um tiro. (pausa) - Aonde ele levou um tiro? - No peito. Acho que ela não quis falar que era na cabeça, né. - Não, mas ele foi socorrido. Eu me ajoelhei no chão e disse: - Nossa Senhora Aparecida, salva meu filho, pelo amor de Deus. Você acredita que eu fiquei até com raiva de Nossa Senhora Aparecida? (pausa).

Eu não sei se foi cisma minha, eu estava sentada assim, parece que o espírito dele ficou projetando assim, enfim, não podia ser, daqui a pouco bateram na porta, eu desci correndo porque eu vou me trocar né, vou para o hospital né, daqui a pouco a Leia, com o olhão arregalado, eu olhei e falei: - Leia, e meu filho? Ela arregalou os olhos e estava com o irmão, o irmão fez assim (gesto negativo com a cabeça) (pausa).

Eu caí para trás, aí me acudiram, me levaram para cima, me deram água e tal, de lá para cá, **eu queria ter morrido aquela hora...** Não sou mais a mesma pessoa... não faço mais nada do que eu fazia, não como mais nada que eu comia, **tudo o que ele come... ele fazia eu não como mais**, eu lembro, eu fico nervosa, aí vou ao hospital, tomo remédio, calmante, e assim, a vida toda e eu vou morrer assim. Eu ia para a delegacia, no começo a delegacia tinha uma equipe boa lá, me atenderam bem, tudo. Aí, eles iam mudar para outra delegacia e a escritã falou: - Olha, dona Telma, vou falar uma coisa para a senhora, daqui a uns quinze dias a senhora volta que se não ficar em cima vai cair no esquecimento. Meu marido parece que deu graças a Deus que o filho morreu. **Eu saía de noite procurando ele**, não acreditava que ele tinha morrido, não acreditava, ficava esperando ele. **Até hoje eu fico esperando ele**. Tem hora que eu tenho a impressão que ele vai voltar. Às vezes ele subia né, ele tinha bronquite asmática, e quando o frio estava ruim assim, Nossa Senhora, o catarro grudava no pulmão e ele só tinha que tomar um negócio à base de cortisona, eu não sei como se chamava o remédio, que ele ia no médico e aí faz soltar o catarro, senão ele ficava com febre, sabe? Era assim...

Então... e ele se cuidava muito, né? E eu, não quis ir mais para médico, não quis fazer mais nada, fui adoecendo, adoecendo, adoecendo, adoecendo, e agora virei um traste humano, presto para mais nada.

Que doenças você teve Telma?

Olha, tudo, primeiro sistema nervoso, diabetes e pressão alta. Eu já tinha faz tempo, né, desde 2004. Hipertensão eu peguei depois de ter tido a pré-eclâmpsia, aí fiquei hipertensa. A pressão subiu muito. Diabetes eu peguei em 2004 devido ao excesso de trabalho, muito nervoso que eu passava numa firma, né, no condomínio, muito problemático né, eu trabalhava demais também, sabe? Para comprar o apartamento na época eu trabalhava até duas, três horas da manhã, porque era muita responsabilidade que eu tinha, né, eu tive que por dinheiro dentro do prédio, né, era muito problemático o prédio e então fiquei diabética, passei muito nervoso com o marido bêbado para cima e para baixo, aí o filho falece, atacou o sistema nervoso, atacou tudo! Eu tremia, aí entrou uma depressão, peguei uma depressão patológica, o médico disse, não sei, eu ia no médico passando mal, cheguei a ir no hospital com começo de infarto, aí me internei, aí o médico falou: - Também pudera né, um problemão desses....

*Quinze, vinte dias fiquei internada. Aí melhorava um pouquinho, chegava lá, comia, foi assim: vai para o hospital, volta para o hospital, vai para o hospital, volta para o hospital, toma um remédio, faz mal, toma outro, faz mal, dá reação violenta, e agora como eu operei a vesícula, quando eu operei a vesícula ele foi comigo, ele ficou comigo, cuidar de mim, então como eu tomei muita medic... e os tombos que eu tomava, os tombos porque eu vivia tonta, o remédio me deixava meia biruta, né, e eu não posso tomar antidepressivo nenhum, não tem nenhum. Eu fui para um psiquiatra, eu conheci uma enfermeira na Várzea do Carmo, quando eu fui tomar esta injeção de véio para resfriado. A cada vinte anos eu pegava resfriado, então como ele faleceu, eu fiquei com a imunidade baixa porque eu não comia. Eu não comia, não tinha vontade de comer. Não adiantava, podia pôr o que você quisesse na minha frente e eu não comia. Eu via o negócio que ele gostava, eu lembrava dele e não comia. **Tudo o que lembra ele eu não faço.** Não adianta, a última vez eu tentei, porque antes de ele sair, ele gostava muito de macarrão, muito de massa, né? Então, na noite em que ele faleceu, eu fiz uma macarronada com peito de frango que ele comia só peito de frango... nunca mais consegui fazer o macarrão. Aí um dia, eu tentei fazer o macarrão, uma amiga disse: - Vai tentar fazer o macarrão, teu filho vai ficar feliz... **eu já não acredito em mais nada, eu fiquei***

descrente de tudo, porque eu pensava que ia ter um milagre, mas milagre não existe, né? Pedi para Nossa Senhora Aparecida... quer dizer, tem um, existe um milagre que eu consegui, depois de tanto pedir para o Santo Expedito, o processo foi reaberto, foi um milagre, acho que é um milagre, porque o doutor disse: - Dona Telma, é página virada, segue sua vida, mas é lógico, não está no couro dele.

Qual é o milagre que você esperava?

*Que saber quem foi que fez isso. Porque voltar infelizmente né, não volta, né? Mas eu pedia para Deus, eu queria ver ele, eu não sei se no dia do inventário que teve, eu sei lá eu se foi cisma minha, parece que eu vi ele na minha frente, apareceu assim grandão todo de branco me olhando com aqueles olhos azuis, aí tocou o telefone e desligou o telefone... não sei se é coisa da cabeça da gente, aí eu ia muito no centro, ali na federação espírita: “não, chegou a hora, seu filho já cumpriu a missão aqui”. Eu falava: - Meu Deus, você está vendo que a mãe vai passar por todo esse sofrimento e deixa o filho morrer? Eles diziam: - Mas isso é missão sua também, e eu não acredito mais no que os outros falam, sabe? Aí, depois eu, teve uma época que eu parei de ir na federação, eu não quis mais sair de casa, agora voltou uma época assim que eu tenho umas crises que eu não saio, não adianta, não tenho vontade de sair, não tenho vontade de fazer nada, nada, nada. Durante o dia eu estou ruim, de noite eu melhoro um pouquinho, é a hora que eu dou uma limpadinha na casa correndo assim, porque o homem é porco, é imundo, não toma banho, fede que é uma desgraça, entende? Então suja tudo, ainda chega bêbado, suja toda a casa, você entende, e lá é aquela lajota verde clarinha assim suja muito, né? Então quem tinha que limpar era ele. Meu filho era fortão, era ele que limpava, o único caprichoso. Um dia eu falei: - Vou limpar esses azulejos, ele disse: - Não, pelo amor de Deus, deixa que eu faço. Ele não queria que eu me esforçasse. **Muito grudado.** Então, agora, depois que eu operei a vesícula, os nervos estouraram, né? Não tem mais jeito, eu tomo Diazepan direito, né? Até o médico, essa última vez que eu fui, quando eu tomei esse remédio, até virose eu peguei, você acredita? Cada uma que a gente pega. Aí é... eu tomei outro remédio e me deu uma reação muito forte, né? Aí, eu voltei no médico né, e falei: - Doutor, estou passando mal, não estou conseguindo comer nada, ele perguntou como fez mal? Eu sou invocada, falei fica com essa porcaria, eu paguei setenta conto no remédio então pedi para ele:- O senhor me dá um relatório que eu vou na várzea do Carmo, na farmácia de alto custo, e como é que se diz, e ia comprar uma caixa por um mês. Tomei muita medicação, perdi 18 quilos.*

Me manda andar, meu filho, eu não aguento andar, eu não saio, eu não tenho vontade de sair, todo lugar que eu vou eu lembro do meu filho... ele passou aqui, ele passou ali, ali ele vai. Mercado? Não consegui entrar mais dentro de um supermercado, porque nós íamos fazer compras juntos, né? E como ele era muito pechincheiro, ele fazia uma pesquisa assim, quando ele via as coisas baratas, comprava cinco, seis e colocava no estoque para guardar. Meu marido não queria ajudar ele cobrava cento e cinquenta dele também, tinha que ajudar. Aí ele abria as gavetas e falava:- A gente não compra, a gente repõe. Agora os armários estão todos vazios. Eu não como quase nada. Continuo na mesma coisa, agora que me atacou o fígado então, já tomei um chá, eu tomei um chá com leite, mas não posso comer nada, tudo me faz mal, e atacou o fígado agora terrivelmente.

Antes do ocorrido você sofria desses problemas?

De vez em quando me parava um pouco a digestão né, é que às vezes comia um pouco demais, aí parava mas agora não, agora que tirou a vesícula é que a vesícula que filtra tudo né, então foi tudo para o fígado. Infecção de urina, da diabetes sempre dá isso, tive diversas, e agora o pior é os nervos, que eu fico sozinha, de noite é um desespero, eu fico, esses dias aí, esse Papa veio aí, ao invés de deixar eu alegre me deixou mais triste ainda, porque eu via tudo aqueles jovens e pensava no meu filho. É eu lembrar dele e já começo a tremer, o coração começa a bater, sabe? E aquela, é uma coisa assim, o doutor falou que isso é ansiedade. Aí, tomo Diazepan, durante o dia eu tomo um pedacinho quando eu estou muito nervosa.

Então é assim, o meu filho morreu e eu praticamente morri junto, não tenho vontade de fazer mais nada, eu nem sei como é que eu vim aqui, francamente, eu não tinha coragem, era uma disenteria que me dava, tudo o que eu comia saía. Então, eu me autoanalisando, eu sou uma pessoa morta-viva, eu me acho assim, porque o filho faleceu, primeiro todo mundo ligava, agora ninguém liga mais, eu fico sozinha, tenho um marido que não presta para nada, a filha também não dá aquela atenção, só o gatinho que faz companhia, o gato quando vê que eu estou doente fica desesperado, começa a miar, de cima para baixo, aí o outro fala” já sei, está doente” (imitando a fala do marido) e aí, eu vou para o hospital sozinha. E é assim, sozinha, não tem ninguém, não tem coragem de sair e se eu tivesse uma pessoa comigo assim né, que me desse um pouco de assim, né, mais alento, força né? Os vizinhos lá, de noite você não vê nem alma penada.

*É assim que eu estou, nada conforma, nada me agrada, não adianta, pode fazer o que quiser, às vezes eu disfarço um pouco para a pessoa não perceber, né? Mas cada vez que eu lembro eu choro, aí eu ponho um óculos para a pessoa não ver quando estou na rua. Aí vou para a igreja, na igreja eu mando rezar a missa, acendo vela, tenho que falar com o padre e ele disse: “Ah, dona Telma, isso é violência urbana, eu quero uma resposta por que que ele morreu, eu não encontro. Aí um dia perguntei para meu médico, né, o senhor acha que lá na federação eles falam que quando a gente chora o filho chora. E ele disse: “Isso aí não existe”. Aí eu fui na catedral, fui falar com o padre, para ter um conforto né, expliquei para ele a situação e ele disse: - Seu filho está na mão de Deus. Eu disse: - Doutor, seu padre, eu pedi na hora Nossa Senhora Aparecida salva meu filho, ela não salvou. Ele disse:- Lógico que salvou, minha filha, está nos braços dela, mas eu não queria que salvasse desse jeito, eu falei que queria saber por que que ele morreu. Ele falou: - Você não vai...você quer saber por que que ele morreu? Você não vai saber nunca, só Deus que sabe. Então aí você vai se desesperando, pensando, olhando para Deus, poxa vida tudo bonito as coisas dele, aquela bateria, que carma a pessoa me deu, eu que tenho que mexer nisso? Não tem ninguém, o outro (marido) já queria vender, eu disse vende as coisas dele que você vai ver. Não tenho coragem de dormir no quarto dele, não durmo. Todo mundo fala: “ Telma, dorme no quarto do seu filho uma hora seu marido pode te matar” Eu digo: -Se eu estiver dormindo, tudo bem. Não tenho coragem não, de noite, à noite o quarto dele é aceso, porque aí eu estou sentada assim, olho assim, **na minha cabeça, ele está lá.** Às vezes eu olho a foto dele, que eu deixo no guarda roupa, vejo as roupas, tudo bonito porque ele tinha as camisas dos times, tudo estes times da Holanda, tudo original, ele ganhava, as mulheres também dava tudo para ele, às vezes ele comprava, os ternos, as coisas Adidas, tudo lá, a bateria que era o sonho da vida dele. Um dia ele falou para mim: -Olha, mãe, se um dia algum conjunto me chamar eu largo tudo. Eu falei: - lógico, você tem que ir atrás do seu sonho, né? Tem que correr atrás. E eu que tenho que mexer na bateria. Uma amiga disse que eu tenho que vender, aí eu pensei: “quer saber de uma coisa, vai ficar aí do jeito que está, eu não tenho coragem”. Se sai essa bateria daqui vai me dar um chique.*

O que eu tenho para falar é isso, que ele morreu e eu morri junto. Nada me... nada me dá um alento. Então eu fiquei sozinha. Não tenho coragem de ir em um cemitério sozinha, é uma tristeza. Então eu acho que... polícia também pouco caso fez, se fosse atrás dos bandidos achava, não fizeram uma investigação apurada nada, então a decepção foi total. Aí todo

mundo se afasta de você. Meu filho morreu e por dentro eu estou morta. Por fora tá andando, vamos ver até onde Deus quer, é isso.

Apêndice II – Entrevista com Rosa

Entrevistador: Conte-me sobre sua história com seus filhos.

*A história de vida que eu tenho pra lhe contar sobre eles dois... é uma história que pra mim, foi muito bonita, né? Eu era muito feliz, quando... né, quando eu estava com eles, desde eles pequenos, desde eles bebês, né? Eu vim aqui pra São Paulo. Meu... o João tinha um ano e meio mais ou menos de idade, **hoje ele estaria com 19 anos**. O Pedro, né, **teria 21 anos de idade agora**. Eu era muito feliz com meus filhos, eles eram filhos muitos bons. Eles eram obedientes, eles eram muito carinhosos comigo, com as irmãs deles, com o irmão também. Eles tinham muitos sonhos.*

Quais sonhos?

De estudar, trabalhar, eles já trabalhava na época. Eles eram muito trabalhadores.

Trabalhavam com o quê?

Eles trabalhavam de ajudante de padeiro, já queriam ganhar o dinheiro próprio deles e comprar as coisas deles (suspiro). Eles sempre falavam pra mim que queria comprar as coisas com o dinheiro deles (suspiros), e assim... na escola... assim, quando tinha reunião deles, a... professora só elogiava... principalmente o João, né? Eram muitos elogios da parte delas assim, pra ele... assim, e eles eram filhos muito bom, não me dava trabalho, em hipótese alguma. É... gostavam de brincar, sempre lá bem perto de onde a gente mora... os dois. Assim, ele gostava, o João, ele gostava muito de... pegar as menina no colo, né? As duas... Era muito carinhoso com elas, com ele também. Eram muitas coisas boas assim, que eu vivi com meus filhos... até... tudo que aconteceu, né? Essa tragédia que eu tive na minha vida. Eu lembro muito assim, das coisas boas assim, da escola, assim... quando eles chegavam em casa assim, da escola. Sempre eu perguntava pra eles assim, o que tinha sido a merenda deles, a comida... eles falavam. Às vezes ele... o João, né? Ele trazia pra mim, assim, sobremesa. Eles eram assim filhos muito bons, né? Eu só tenho coisas boas pra falar dos meus filhos. Ai, muita coisa.

Tem mais alguma coisa que você quer falar?

*É, da escola, das comidas que eu fazia pra eles... que eles gostavam, né? Dos bolos de chocolate que eles gostavam que eu fazia... doce, assim, tudo, né, a convivência da gente em casa. Até... eles saíam pra brincar... eles me pediam... falavam a hora que voltavam, mais ou menos, eles voltava... (suspiros) É... aí, é... sei lá, é muita coisa assim... Assim, eu lembro deles assim... às vezes eu lembro assim, **com alegria assim...** a convivência com eles, e por*

outro lado assim, eu lembro **com muita tristeza** assim devido tudo que aconteceu. Devido aquele dia que meus filhos saíram pra voltar já, e não voltaram mais, né? E aconteceu tudo o que aconteceu, todo mundo sabe.

Eu vi o João conversando com o Pedro, eles estava conversando com ele baixinho... acho que ele estava com... assim, mais ou menos com medo de levar um não, de pedir pra mim, e eu dizer não. Aí o Pedro chegou perto de mim, e falou: - Mãe... é... eu vou... o João mandou pedir pra senhora pra nós ir ali, falar com a senhora que nós vamos ali na mata, nos pés de jaca. Aí eu falei assim: - Lá na mata? E ele falou assim:- É... Aí ele falou assim:- Mãe, mas nós vem logo... falou assim, pra mim assim, com ar de riso, sabe assim, que nem, deixa, mãe... falou comigo assim, com jeitinho assim... ele estava querendo que eu dissesse deixa. Deixa, mãe, nós ir... a maneira que ele falou deu a entender isso. Aí eu falei assim:- Vocês vão demorar muito? Ele falou assim: - Não... Aí o João falou assim...- Não mãe, nós vêm já... nós vêm já, mãe... Eu falei assim: Tá bom... Vai, mas tem cuidado, viu? Eu sabia que eles sempre ia, mais os coleguinha deles...- Aí... não, mãe, nós vem já... Eu falei:- Tá bom. Aí ele olhou pra mim assim e fez boca de riso... e o Pedro também. Ele ficou feliz porque eu deixei ir (chora). Aí os dois desceram a escada, e eu fiquei olhando até... eles... desaparecer lá na rua... e eu entrei. Aí, hoje, Bruno... depois de tudo o que aconteceu... né... quando eu vi... quando eu tinha certeza do que tinha acontecido, eu falei porque que eu não senti que ia acontecer algo muito ruim naquele dia, naquela hora... não senti nada... **deixei meus filhos ir...** né? Como sempre, que o Pedro assim, ele era de costume entrar na mata naquele dia. Ele tinha de costume de ir com os coleguinhas. No pé de jaca, ele gostava muito de jaca... lá tinha pé de jaca... de ameixa... várias frutas. Ele gostava muito de jaca. Sempre que eu ia na feira mais ele, ele via jaca... dizia assim:- Mamãe, compra jaca? Eu digo: - Eita, menino, você não pode ver jaca, né? Ele dizia assim: -Mamãe, eu gosto tanto de jaca. **Nunca mais eu comi, Bruno... jaca... nunca mais...** eu adoro jaca também, gosto muito... Aquela que é mole... que é bem docinha... Eu vou na feira, sempre quando eu vejo, me sinto mal... é.... o pai das minhas filhas é... aí vira e fala assim: - é... de eu ir na feira com ele, né? Olha... essa jaca tá tão bonita... eu vou olhar pra eu comprar... E eu falo assim pra ele:- Não compra não... eu não quero... Ele falou assim:- Tu não quer, mas eu quero... Aí Bruno, ele... eles foram pra mata, né? Quando foi... eles tinha costume de passar até a tarde inteira lá... isso era mais ou menos de 10 e meia pras 11 horas... Aí quando foi mais ou menos 1 hora da tarde, eles não tinha chegado... Aí eu comecei com aquela perturbação na minha cabeça... aquela

preocupação.... aquela angústia tão ruim, **nunca na minha vida que eu tinha sentido aquilo...** mais ou menos 1 hora da tarde... Aí... eu comecei com aquela preocupação... meu outro filho lá, jogando videogame com os colegas... e eu comecei com aquela preocupação muito grande... Fui até a casa da vizinha pegar uma água.... e ela falou: - Rosa, por que tu tá assim? Que ela percebeu que eu estava muito... ela percebeu pelo meu jeito... e eu falei assim:-Tô muito preocupada que meus meninos foram lá nos pé de fruta e não voltaram ainda... Ela:- mulher... teus meninos já são grandes... eles voltam já... Eu digo:- Aconteceu alguma coisa... que eles não demora tanto assim...

Aí eu voltei pra casa... aquela angústia.... falei:- Marcos, vai atrás do Pedro, mais o João... Aí o Marcos falou assim:- Ah, mãe! Depois eu vou... aqueles moleque deve estar por aí... eles chegam já... e jogando videogame com os amigo. Bruno, e o que eu estava sentindo naquele dia, naquela hora... só eu e Deus é quem sabe...

E o que era que você sentia?

Bruno, eu estava sentindo um aperto muito grande no meu coração, aquela angústia... aquela tristeza assim... Bruno, **eu sabia que tinha algo muito ruim, algo que tinha acontecido...** eu sentia aquilo... Aí eu falei assim:- Marcos... Marcos, aconteceu alguma coisa com teus irmãos... e ele:- Mãe, para com isso, mãe... esses moleques tão por aí... eles voltam já... ele falava assim. Eu digo: - Não, Marcos... aconteceu alguma coisa. **Eles não vão voltar não....** Aí, Bruno, eu fui na casa de um vizinho...- Mãe, vai lá na casa do Luis, ver se eles tão lá... E eu fui, Bruno, na casa do Luis, de um amigo do Pedro. Cheguei lá, e ele falou assim:-Não, eles não vieram por aqui hoje, aí eu voltei... muito angustiada, eu estava sentindo algo muito... muito estranho naquele dia, uma angústia muito grande, que só eu e Deus é que sabe... Aí, eu voltei, fui no Damasceno, perto da casa da minha irmã, perguntei se alguém tinha visto eles... ninguém tinha visto, eles... Aí, eu voltei e isso já era mais ou menos 5 horas da tarde... **e ninguém estava nem aí pra mim...** estava... sabe? Sempre todo mundo falando: "Mulher, teus menino já é grande e tudo, e eu digo:- Aconteceu alguma coisa. Aí eu sei que... eu voltei pra casa... aí... o padrasto dele estava lá na rua... e eu pedi pra ele ir atrás dos meus filhos que alguma coisa tinha acontecido. Aí ele brigou comigo, falou assim que não ia atrás deles.... que eu os deixei ir porque quis, e tudo... aquela coisa assim... Aí, Bruno, eu sei que eu voltei pra casa... eu sei que isso era quase 6 horas... Era umas 5 e coiso... Falei com o Marcos:- Marcos, vá atrás de Pedro e João, pelo amor de Deus... eu não estava tendo noção do que estava acontecendo, eu estava muito preocupada que alguma coisa de ruim tinha

acontecido, mas eu queria que o Marcos fosse atrás... eu já estava já... Aí o Marcos:- Tá, mãe... vou chamar o Thomaz e vou mais ele. Falei: - Thomaz, vá com o Marcos atrás do Pedro e João pelo amor de Deus... vai atrás dos meus filho, que eles não voltaram. Aí o Marcos:-Tá, mãe... eu vou, mas esses meninos tão por aí em algum canto, mãe... eles não tão mais na mata... eu digo:- Eles tão na mata e aconteceu alguma coisa. O Marcos foi, Bruno... até hoje eu lembro assim, do risco que meu filho também correu, né? Só que ele foi mais o Thomaz e mais outro colega... Ficaram dentro da mata... 6 e pouco, e já estava escurecendo... Nessa hora o padrasto dele reuniu uns moradores, e entraram na mata também, até 10 e meia da noite, e nada dos meus filhos aparecer... (suspiro) isso, eu já estava de cama... só chorava... liguei pra minha irmã... a minha irmã veio... Bruno, eu me lembro que.... eu chorava assim, eu chorava e abraçava ela... eu dizia assim:- Linda, **alguém pegaram meus filho pra fazer uma maldade muito grande com eles...** Aí, ela falava assim: - Pegaram não, mana. Eles se perderam, vão encontrar eles... eu digo: - Pegaram meus filhos... pegaram eles... meus filho não vai aparecer... pegaram eles... aí, eu sei que eu falava assim, eu abraçava ela muito forte e falava: - Linda, eu quero meus filho com vida, não quero eles mortos. Bruno, **eu senti que algo tinha acontecido.** Era assim.... eu queria eles, mas eu sentia que algo muito ruim tinha acontecido com eles. Ela falava:- Rosa, para com isso, Rosa! Eles se perderam, vão encontrar. Eu digo: - Não vão encontrar meus filho não, eu não quero eles mortos. Eu me lembro que eu só falava isso. Eu sei que.... ficou... aí o padrasto deles foi na delegacia... registrou boletim de ocorrência... Falaram que a polícia não podia procurar à noite... sete horas da manhã estava pra começar a busca. Aí, Bruno... aí ele foi pra delegacia, e eu fiquei em casa. Bruno, eu me lembro que... eu estava sentada na cama lá, num lugar que ele gostava muito de assistir, né, sentado, o meu menino mais novo. Eu sei que eu estava chorando muito. Eu fechei o olho assim, eu estava chorando muito, Bruno. E... eu nunca esqueço daquela cena, que **eu tive aquela visão.** Foi real, foi na minha frente. **Eu vi, Bruno... meu filho sendo violentado.** Ninguém me falou, mas eu vi, na minha mente. Ninguém me falou, **eu não imaginei! Eu vi!** Eu nunca esqueço aquela cena. Eu fechei meu olho assim, eu estava chorando muito dizendo que queria eles. Aí, eu fechei o olho assim, eu vi... ele gritando... ele pedindo pra não fazerem aquilo com ele. Aí, quando eu fechei o olho que eu vi aquilo ali, eu abri e eu falei assim: - **Meu Deus... não permita** que isso que eu tô vendo seja verdade. Aí eu falei:- Linda, tô vendo isso, eu me lembro que eu falei pra minha irmã. Ela falou: Rosa, para com isso, Rosa! Ela estava falando assim porque ela estava

tentando passar força pra mim, ela me abraçava muito, ela:- Mana, para com isso! Eles se perderam, não aconteceu nada disso! Eu digo:- Aconteceu, Linda! Tão fazendo isso e isso com ele. Rosa, parte isso da tua cabeça, e eu digo: Linda, eu vi! Como que tu viu, não sei o que? Então assim, Bruno, eu estava muito mal. Eu vi o que estava acontecendo... o que aconteceu... se estava acontecendo ou se tinha acontecido com meu filho. Se já tinha acontecido eu não sei, só sei que eu vi. (suspiro).

*Aí eu sei que passou a noite, né? E eu estava dopada de remédio, dormia... acordava... eu sei que... aí passou a noite de sábado pro domingo. Meu irmão chegou de Cotia... nunca esqueço daquela cena... assim, eu lembro muito, assim... sempre que eu falo dessas coisa, eu vejo ele... eu sei que eu estava... eu estava assim, dormindo, acordava, sei lá... à base de remédio eu ouvi a fala do meu irmão... que mora em Cotia, Bruno, eu gosto muito de todos meus irmão assim, mas ele parece que é assim, especial pra mim. Eu me lembro que eu ouvi a fala dele e do filho dele, meu sobrinho também, que eu amo demais ele. Aí... meus filhos com meu sobrinho eram muito amigo. Aí eu sei que, eu lembro que meu irmão falou assim:- Cadê a minha irmã? Aí eu estava assim, deitada assim, ele chegou perto de mim... acho que ele não tinha me visto... aí eu abri o olho e eu falei:- Tião! Ele me abraçou... ele chorou muito... Eu digo:- Tião... que foi que fizeram com meus filhos, Tião? Aí... (suspiro) Eu sei que isso aí, Bruno, foi no... sábado... pro domingo. Aí, Bruno, quando foi sete horas da manhã, os policiais chegaram pra começar a busca, no domingo. Passaram o dia inteiro, e nada... cinco horas da tarde, suspenderam a busca no domingo. Segunda-feira, sete horas da manhã, ele estavam lá, de fato, como eles falou, sete hora da manhã. Começaram a busca... passaram todo o dia procurando... (suspiro) Eu sei que... a varinha que meu filho tinha saído com ela naquele dia, na época, **antes deles dois, pegaram 3 meninos**. Esses meninos acharam a varinha que meu filho andava com ela... meus vizinhos ficaram sabendo... levou os policial lá... realmente... os policiais chegaram e falou assim:-A senhora conhece essa varinha? Aí eu falei assim:-Conheço! É a varinha que meu filho anda com ela. Ele sempre saía com ela. Aí, eu sei que quando foi na segunda-feira, Bruno, mais ou menos à tarde... Os policiais chegaram lá com uma camiseta branca da escola. Eu não lembro mais... só sei que eu não reconheci. O policial chegou e falou assim:- A senhora conhece essa camiseta? Você sabe de onde é essa camiseta? Sabe se seus filhos, de um deles estava nela? Aí eu olhei assim... eu falei que não reconhecia, que eu não lembro mesmo. Eu lembrava muito da... eu lembrei mais*

da roupa que o Pedro saiu com ela. Era camiseta de escola também, só que era da escola de Cotia.

Aí, Bruno, eu sei que ficou... quando foi... aí quando foram interrogar, suspeitaram do padrasto dele, tudo, essas coisas, né, como sempre. Ele estava fora de suspeita o padrasto deles. Perguntou se eu tive alguma briga com eles, eu falei que não. Se o padrasto teve alguma briga com eles, eu falei que não. Se eles usavam drogas. Nossa, eu fiquei até chateada com essa pergunta, né, que na época os policiais fizeram. Não, meus filhos eram só duas crianças inocente. Todo mundo aqui conhece, pode perguntar, todo mundo responde o que eu tô respondendo (suspiros). Aí Bruno, eu sei que quando foi cinco horas da tarde, na segunda-feira, suspenderam de novo, porque à noite não podia trabalhar. Quando foi na terça-feira, nove horas da manhã... chegaram de novo e começaram por volta de nove horas. Nisso, Bruno, eu estava só à base de água, de calmante... não comia... não tinha como comer, né? Calmante.... aí quando foi mais ou menos nove hora da manhã, na terça-feira... o meu vizinho lá, né? O menino chamado Rodrigo. Ele chegou... – Rosa, me dá aquele quadro aí, do Pedro? Eu falei:- Pra que? Aí ele falou: - É pros policiais, né? Se caso apareça alguma coisa... ele inventou uma história lá... é... é pra eu levar, os policial estão pedindo. Ai, Bruno, nessa hora, ele já sabia que o corpo do meu filho já tinha sido encontrado (choro). Os policiais mandaram ele pedir uma foto, né... pra comparar. Aí, Bruno, eu dei... Falei:- Rodrigo, encontraram meus filhos? Ele falou:- Não, não esquentar tua cabeça que eles tão vivo, vão encontrar eles. Nessa hora, Bruno, lá em casa tinha muita gente. Tinha uma agente de saúde... justo nesse dia, eu estava esperando pra uma consulta do Pedro há tempo. Ela chegou lá em casa:- Rosa, a **consulta do Pedro do João foi marcada**. Nesse dia tinha muita gente lá em casa. Aí, ele saiu com a foto do meu filho. Bruno e em seguida, em seguida chegou uma vizinha colega. Ela falou assim:- Rosa, vamos lá no hospital Cachoeirinha, que tem uma criança lá, tá muito machucada, mas pelo jeito é o teu menino mais novo. Aí, Bruno, **eu me lembro que eu sorri...** Bruno, eu sabia que eles não estava mais vivo, mas... **eu sabia que eles não estavam mais, mas eu queria eles vivo**. Eu me lembro que eu abraçava muito uma comadre minha, que é a madrinha do Pedro. E eu falava assim: - Dona Marta, eu quero meus filhos vivo, eu não quero eles mortos. Aí ela falava assim:- Mas Rosa, eles tão vivo. E eu falava assim: - Tá não... não tão mais vivos. Eu falava assim, Bruno. **Eles não tão mais vivos, mas eu quero eles vivo**. Eu sempre falava isso. Aí, Bruno, chegou a colega e falou assim:- Rosa, vamos lá no hospital Cachoeirinha, com aquela história, né? Tem um menino

lá, e pelo jeito, é seu menino mais novo. Vamos lá? Reconhecer? Eu falei:- Vamos! Bruno, eu estava tão fraca que quase não aguentava andar. Ela:- Vai tomar um banho pra nós ir, eu falei:- Não, **eu não quero tomar banho não, eu quero meu filho**. Aí, ela... aí eu me lembro que eu troquei de roupa. Aí ela saiu me segurando de um lado, e o vizinho que viu, né, o corpo do meu menino, do Pedro, do outro. Eu estava muito fraca, **parece até que eu estava flutuando**, eu estava muito fraca. Aí a gente chegou lá... aí foram, me passar no médico. Aí eu digo:- Não quero passar em médico. Eu quero ver meu filho. Ela:- Não, vamos passar no médico primeiro que você está muito fraca, pra primeiro você ser medicada. Nisso tudo, eles estavam sabendo de tudo que tinha acontecido. Até porque, o motorista do carro, o motorista que me levou... ele tinham encontrado o corpo do meu menino, né, com o meu marido. Aí... ele estava muito nervoso. Bruno, eu me lembro que eu estava no banco de trás, com a minha vizinha, que eu estava chorando muito, e ele estava dirigindo, nossa... ele sempre falava assim... ele dirigindo... Eu me lembro que ele sempre falava assim:- Nossa, como é que pode, como é que pode acontecer uma coisa daquelas? Ele tremia muito ao volante... e ele falava, Bruno, “Eu não tô acreditando no que eu vi. Aí eu falei assim:- Mineiro, o que foi? E ele falou assim:- Não, não é nada não... né? Mudou de assunto. Chegando lá, Bruno, ela entrou pra falar com a médica. Passou todo o meu caso pra médica, o que estava acontecendo... Eu me lembro que tinha muita gente no hospital. Muita gente pra ser atendida naquele dia, naquela hora. Aí eu sei que a médica chamou, na hora que a minha vizinha saiu, de dentro da sala, a médica me chamou.

Aí a minha vizinha foi, eu tava chorando muito, aí, ela me pegou no braço para me ajudar. Ah, Bruno! Eu tava muito fraca eu quase não aguentava andar, e todo mundo ficou lá xingando: “Ah povo folgado, chega por último e é atendido primeiro”. Né, o pessoal é assim mesmo. Aí que eu entrei, ela (médica) foi me examinar. Ela falou assim: - Você está comendo alguma coisa? Eu falei: -Não, doutora, eu não estou comendo, eu não consigo comer doutora. Eu quero ver meus filhos, doutora, o que é que eu estou fazendo aqui? Me leva para mim ver meu filho? Aí ela falou assim ó... a médica era muito carinhosa, nunca me esqueço dela, muito legal ela, ela falou assim “ó... eu vou primeiro te examinar, você vai tomar um remédio para você ficar mais forte, depois você vai ver seus filhos. Eu digo: -Não, eu quero ver eles agora. Aí Bruno, eu me lembro que ela mediu minha pressão, ela falou assim: “Você não está comendo nada, né? Eu falei: - Não, doutora, só estou tomando remédio e água, um chá, eu não consigo comer. Ela falou assim, eu me lembro que ela falou assim: “Você tem

que comer, você está muito fraquinha, sua pressão está muito baixa, que eu estava muito fraca. Você tem que comer alguma coisa. “Mas eu digo que eu não consigo, enquanto eu não ver meus filhos eu não vou conseguir comer”.

Aí, Bruno, eu sei que, aí ela escreveu não sei o que lá, me mandou passar medicação, eu sei, Bruno, que eu só me lembro que na hora que me deitaram numa maca lá e aplicaram soro na veia, eu fiquei deitada lá e pronto, apaguei e não vi mais nada. Aí, depois, com um tempo depois, eu me lembro que eu acordei, e tinha um monte de médico, enfermeira, sei lá, tudo ao redor da minha vizinha que me levou. Aí eu acordei assim, eu estava assim, sei lá parece que eu estava tonta, não sei, eu estava falando tão baixinho, não sei, aí eu falei: - José, eu quero ver o neném, aí ela falou assim:- Calma, nós já vamos. Eu digo: -O que é que eu estou fazendo aqui, eu dormi? Ela falou assim: - Não, só descansou um pouquinho, só aplicaram remédio para tu se acalma. Foi Diazepan que aplicaram na veia, que eu me lembro que ela me falou depois. Eu digo: - Mas não era para mim estar aqui não, eu quero meus filhos, aí, veio uma médica muito legal ela, nunca me esqueço dela, eu queria ver ela no hospital Cachoeirinha só que ela eu não lembro o nome dela, ela era uma psicóloga, aí ela chegou perto de mim, ela e mais uns três médicos, não sei, aí pegaram no meu braço, eu digo:- Eu vou ver meu filho?

Ela falou assim:-Mãezinha, vamos aí. Aí me levaram lá em uma sala, Bruno, um consultório né, tinha uma maca do lado. Mãezinha senta aqui! Aí eu sentei e eu digo:- O que é que vocês querem, eu digo: - Eu quero ver meu filho. Ela disse: -Mãezinha, eu tenho uma coisa para... para contar para você. Eu digo: - Fala, doutora. Bruno eu já sabia o que ela ia me falar, mas só que eu não queria ouvir, eu não queria ouvir aquilo de ninguém. Digo assim:-Eu quero meus filho. E ela falou assim:- Mãe, você sabe, né? Todos nós nasce, mas tem um dia que a gente vai para o lado de Deus. Né, Bruno, eu me lembrei que quando ela falou assim, eu tapei meu ouvido assim, eu não queria ouvir. Aí eu falei assim... na hora que ela falou isso para mim, não precisava falar mais nada, sem ela falar eu já sabia, quando ela falou, eu tapei meus dois ouvidos, comecei a gritar assim, sei lá, feito uma louca mesmo, eu tapei meus ouvidos, eu comecei a gritar e me sacudir, ninguém me segurava naquele consultório. Aí, me falaram assim, eu lembro que falei assim para ela:- Eu falei para todo mundo que eu não queria eles assim. Ela falou assim:- Mãe... Bruno, ela começou a falar, ela já...ela não parou, mesmo daquele jeito ela tinha que continuar, eu aí ouvi ela falar assim:-Mãezinha, você sabe

quer todos nós nasce, tem o dia certo vai para o lado de Deus, seus filhos foram encontrados, mas infelizmente eles já estavam sem vida.

*Bruno, quando ela falou isso para mim (chora)... **meu mundo acabou...** eu já sabia que eles não estavam mais entre nós, mas eu não queria ouvir aquilo de ninguém. Aí eu precisava ouvir... eles já estava sem vida. Quando ela falou aquilo ali, Bruno, eu gritei tanto, eu lembro que eu gritava tanto, eu não queria ouvir. Mãe, você tem que ouvir, você tem que ser forte para enfrentar o que... o que aconteceu. Eu gritei muito Bruno: “Eu não quero eles desse jeito”. Ela me deu tanto palavra de apoio como você me dá, ela me falou tantas coisas bonitas.*

O que ela te falou?

Ela falou assim:- Deus vai te dar a força que você precisa. Aí eu falava assim, Bruno, que eu não queria mais viver. Eu dizia assim:-Doutora, eu não quero mais viver, eu não vou viver sem meus filhos, naquela hora ali, eu já tinha aquilo em mente. Aí ela falava assim:- Você vai viver sim. Nossa, eu estou sabendo que você tem duas filhas lindas, maravilhosas. Ela tocou fundo no meu coração naquela hora. Ela precisava me falar aquilo, sabe, Bruno? Porque realmente... ela estava certa. Essas meninas precisavam muito de mim. Ela falou assim:- Mãe, você tem duas filhas lindas, já sabia até o nome delas... suas filhas são muito pequenas, elas precisam muito de você, você também tem um rapaz lindo, maravilhoso, um filho muito bom. Aí eu falei assim: - Então, doutora, eu tenho outros filhos muito bom, é tudo na minha vida, mas eu não vou viver sem meus dois filhos, eu quero eles.

“Mãe seus filhos estão com Deus”. Aí eu digo: - Não, mas eu quero eles. Ai, Bruno, ela sempre falava, que, ela sem... ela ficou naquela tecla, a Lane e a Carol (filhas)... “elas precisam muito de você, o seu filho apesar que já está rapazinho, tem dezesseis anos, gosta muito de você...” e assim, Bruno, ela foi conversando muito comigo, e eu chorava muito, eu sempre falava que eu queria eles dois, eu não ia viver sem eles. Aí, ela ficou falando um monte de coisas, palavras de apoio, umas coisas muito bonita, assim que eu precisava ouvir naquele momento. Ai, Bruno, eu sei que eu chorei, chorei, chorei, chorei, me acalmei mais, saí de lá chorando. Cheguei em casa chorando...Aí, Bruno, eu me lembro que eu cheguei em casa, meu filho estava chorando muito, tinha um monte de repórter de novo (aparenta impaciência) lá na frente de casa. Bruno, até hoje eu não entendo. A vizinha... é... poucas... eu me lembro que... uns três dias depois mais ou menos, ela foi comentar comigo. Eu sei Bruno, que naquele dia, eu não sei, Deus deve saber por que, eu cheguei, Bruno, eu tava

muito fraca ainda, eu não estava comendo, só bebendo água, chá, remédio, sei lá, eu me lembro que eu cheguei em casa, tinha uma repórter, tava lá fora o pessoal, aí eu sei que eles entraram para dentro de casa, a minha irmã, com toda... ela não estava legal, assim, ela não tinha conseguido fazer comida, Bruno, naquele dia eu já comi um pouquinho de comida, eu não sei como eu consegui, eu sei que eu sentei na mesa, eu comi um pouco de comida, a repórter lá, não sei, ou era, não sei, tinha um refrigerante lá, eu tomei um pouquinho, aí depois eles perguntaram se podiam fazer entrevista comigo, eu falei que podia. Eu dei entrevista para eles. Bruno, isso aí foi na terça-feira, dia vinte e cinco de setembro de 2007, meus filhos desapareceram dia vinte e dois e foram encontrados dia vinte e cinco, na terça-feira, dia, a escola inteira deles tava no velório deles. A professora foi lá em casa, ela chorava muito, porque ela amava o meu filho mais novo, a professora do neném, ela adorava aquele menino, e não era para menos.

*Eu sei que na quarta-feira, dia vinte e seis, foi o enterro deles... é... eu fui, muita gente queria que eu não fosse. Eu falei que precisava ir, apesar da situação que eu tava, eu falei que precisava ir, eu fui. Chegando lá, tinha muita gente, muito aluno amigo deles da escola. A escola parou, fechou a escola, a professora, os amigos dele, os alunos... eu me lembro que tinha uma... a gente ficou lá, a reportagem, muita gente, né, muito comentário. Aí eu estava lá, lá onde era para ficar... ia chegar os dois caixão, dois corpo dos meus dois filhos... eu me lembro que eu estava lá sentada onde era para chegar dois caixão... eu me lembro que quando entraram com dois caixão deles, assim Bruno, é... muita revolta nesse caso, e uma delas também assim, é porque é, eu, é... apesar do meu estado que eu estava, eu queria ver pelo menos o rosto deles, eu queria ver, tinha vontade de ver. Quando entraram com o caixão, tava lacrado, porque, por causa da maneira que o corpo deles estava, né... o estado que estava, né... três dias depois do acontecido, todo mundo deve imaginar mais ou menos como é que estava... eu me lembro que quando entraram, dava para identificar eles por um papelzinho que estava pregado na tampa do caixão, quem era um e quem era o outro. Eu me lembro que tinha uma menina da escola, que tipo, ficou de bruços assim, por cima do caixão deles, e abraçava o caixão, ela chorava muito, e chamava meu filho. Eu me lembro que quando entraram com o caixão, foi coisa de cinco minutos, eu não consegui ficar lá dentro. **Todo mundo chegava perto para ver eles e ninguém teve esse direito.** Ninguém pôde ver, ninguém teve esse direito... (pausa, oferece um lenço de papel e Rosa agradece).*

Aí, Bruno, eu sei que entraram com o caixão deles, foi coisa de cinco minutos, eu saí (pausa) eu saí... eu saí assim a...uma vizinha saiu assim, me segurando, estava muito mal, eu estava quase desmaiando, assim de fome, fraca demais, não conseguia comer nada, aí eu saí. Elas foram comprar um suco para mim e eu com um monte de repórter em cima... aí, Bruno, eu sei que, é isso.

(suspiro) Eu não consegui acompanhar até... acompanhar o corpo deles até o enterro, não consegui não. Não deixaram eu ir e eu também não consegui porque eu estava muito mal... e é isso Bruno, é... eu acredito que seja a certeza que eu tenho, no meu coração, **essa certeza eu tenho, que a pior coisa no mundo que pode acontecer na vida de uma mãe**, é isso.

De tud... olha Bruno, eu vou fazer trinta e oito anos amanhã, e tudo isso que aconteceu, assim o desaparecimento deles, até a hora que foi encontrado tudo... Bruno, os piores dias da minha vida. Que eu tenho para te falar é isso. Da hora que eles desapareceram até a hora que eles foram encontrados, os piores dias da minha vida. As coisas que mais fazem eu me lembrar assim... com tanto sofrimento, tanta tristeza, é... têm duas coisas assim que marcou muito, da hora que eles desapareceram até a hora em que foram encontrados: foi aqueles três dias, que ali foram os piores dias da minha vida, eu nunca esqueci, nunca vou esquecer, foi aqueles três dias, do dia vinte e dois de setembro até o dia vinte e cinco, que eles foram encontrados, do dia que eles **apareceram até o dia em que foram encontrados**. (suspiro) E eu saber que meus filhos não estavam mais vivos, que algo muito ruim tinha acontecido, alguém tinha pego eles para fazer uma maldade muito grande. E realmente foi o que aconteceu, o que eu estava sentindo. E aquela visão que eu tive, vendo meu filho ser violentado, e é três, é esses três dias de desaparecimento foram os piores dias da minha vida, aquela visão que eu tive, meu filho passar pelo o que ele passou...

Bruno, realmente aquela visão que eu tive aconteceu tudo aquilo. Por que... eu vi no julgamento, eu ouvi, é mais ou menos assim: quando foi descoberto tudo, eu fiquei sabendo que meus filhos tinham sido violentado... mas quando eu fui para aquele julgamento, lá foi, é... com mais detalhes, né? Uma das coisas que falaram, eu ouvi (suspiro). Meus filhos foram violentados, Bruno, um na frente do outro, ninguém merece passar por isso, nesse momento dois, duas, dois pré-adolescentes, inocente, indefeso, e que marcou muito também essa história, né, muito triste, e aquela palavra da psicóloga: “seus filhos foram encontrados, mas infelizmente sem vida”. Isso aí foi uma das piores coisas que eu ouvi até hoje. E eu espero Bruno, e eu peço muito a Deus para nunca mais passar pelo o que eu passei.

(pausa) É isso. Passo com você até hoje, né? Passo com você até hoje, agradeço muito o apoio que você me dá, todos vocês do CRAVI, são um pessoal muito simpático, me recebe bem... e eu agradeço a Deus, né? A vocês, psicólogo, você especialmente, né? Os médicos de lá de onde eu moro, com os remédios que eu vinha tomando e tudo, então eu agradeço, eu devo tudo isso, Bruno, a você, Deus, e meus três filhos, minhas duas filhas e meu filho também. Elas são tão pequenas, mas mesmo assim elas me, mesmo assim, elas me dá palavra de apoio, assim, na forma delas, né? Do jeito que elas sabem. Meu filho também, e é isso que eu tenho para falar.

Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar?

Se tem mais alguma coisa? Tem, Bruno, depois de tudo, né, assim, voltando atrás, depois de tudo o que aconteceu na minha vida, né, da perda de meus filhos e tudo, é... eu cheguei assim, ao fundo do poço, vamos dizer assim, ao fundo do poço, que para mim não tinha mais saída. Para mim, minha vida não valia mais a pena, pra mim, eu ia viver para quê? Era isso que eu me perguntava:- Eu vou viver para quê? Eu não tenho mais eles, minha vida não vale mais a pena. Bruno, assim, para mim era só eles, eu tenho mais três filhos maravilhosos, duas filhas e meu filho também. Meu filho está com vinte e dois anos hoje, ele me ajuda, ele me dá muito apoio assim palavra, ele é um filho maravilhoso. E elas duas também... mas, eles são, como são maravilhosos e tudo, mas eles não substituem eles dois, né? (suspiro) Então, assim, pra mim, eu não tinha mais motivo para viver, minha vida não tinha mais sentido, eu sou sincera, eu tentei contra minha própria vida, que eu só queria morrer, eu só queria parar de sofrer porque eu não aguentava mais sofrer, né? Eu chorava demais, eu ainda choro, hoje, **ainda, tenho meus momentos de tristeza**. Eu, ainda me dá uns momentos de desespero, mas, minhas filhas, elas me dá muito apoio assim, palavra, elas procuram assim, não estar lembrando para não me ver sofrer, né? Na época, as vizinha foram lá no posto, marcaram consulta para mim, comecei a passar na psicóloga, me encaminharam aqui para vocês, você me deu muito apoio, me dá até hoje, eu agradeço muito... Eu comecei a tomar remédio, esses remédios também ajudam muito, né, que nem eu te falei, eu tentei contra a minha própria vida, minha vida não tinha mais sentido para nada e hoje Bruno, hoje é... como naquela época, aquela psicóloga me falou lá no hospital, que minhas filhas precisavam muito de mim, elas precisavam e precisam.

Bruno, você falou tanto isso para mim, a outra psicóloga também falou tanto, vocês falaram tanto para mim, minha médica falou tanto para mim, meus vizinhos falaram tanto para mim,

entrou. Eu consegui por na minha mente, minhas filhas precisam muito de mim, eu tentei contra a minha própria vida, num ato de desespero. Hoje, eu me arrependo de ter feito aquilo, eu deixei ela muito triste, eu nunca me esqueço daquele dia: ela me viu pegando os remédio para tomar, e ela falou: “ Mãe, o que é que a senhora vai fazer?” Eu olhei para ela, tão inocente, né? “Mãe, o que a senhora vai fazer, não faz isso”. Aí, eu me lembro que tinha a menina lá em casa, aí eu falei assim para ela: - Renata, leva minhas filhas para sua casa? Quando o pai delas chegar tu entrega elas para ele. Bruno, naquela hora ali, para mim, nada mais importava, naquele tempo, né? Eu tentei contra a minha própria vida, várias vezes... eu dei passo na rua para me jogar em frente de carro, era só pensamento ruim na minha mente, só pensamento que eu não precisava mais viver, nada. Bruno, eu sei que... eu estou hoje aqui... (suspiro) hoje eu agradeço muito a Deus de estar viva com minhas filhas que elas, né? Já pensou deixar minhas filhas tão pequenas sem mãe, meu filho também... tenho muito a agradecer a você, todo apoio aqui do CRAVI que vocês me dá. E é... os médicos como eu já falei... e minhas filhas, olha, eu olho para elas às vezes eu abraço tanto elas, eu digo:- Sabia que vocês é uma das razões maiores que eu tenho para estar viva? Eu falo muito para elas... eu falo assim para elas: - Sabia que vocês são o tesouro mais especial que a mãe tem na vida? Aí, elas falam assim:- Mãe, é verdade que a senhora está falando? Eu digo: É verdade. Vocês, filhos, são as coisas mais especiais que a mãe tem na vida, vocês é a razão da mãe estar aqui, também. E elas dizem: - Por que também? Eu digo: - Porque foi muita gente que me deu apoio, que me dá apoio, até hoje. Eu só não teria conseguido, Bruno, saí de onde eu estava, daquele buraco que eu estava, eu tenho certeza que eu não teria conseguido. Meus vizinhos viam como eu estava. Eu me lembro que a vizinha, que a agente de saúde vinha passando, e ela disse assim, para a agente de saúde, que estava muito preocupada comigo, muito preocupada, e queria falar com o médico marcar consulta para mim, marcaram, conseguiram, e me encaminharam para cá. (suspiro). E é isso que eu tenho pra contar, né?

Tem mais alguma coisa?

Se tem mais alguma coisa? É, tem. Por exemplo, Dia das mães, Natal, Ano Novo, né? Assim todas estas datas Dia das mães, Natal nunca mais foi como era e nem vai ser, nunca mais foi que nem era e não vai ser mais. Sou feliz com os outros filhos que eu tenho, sim, sou, mas eu nunca mais fui feliz como eu era, e eu sei que não vou ser mais, Bruno, porque foi uma perda muito grande que eu tive na minha vida. Meus dois filhos, (suspiro) é isso, né? Ainda hoje,

*ainda, eu estou assim, e eu falo assim: - Tão bom se meus filhos tivessem assim comigo. Às vezes eu vejo uns meninos que parecem um pouco com eles, eu digo:- Meus filhos estariam mais ou menos naquele tamanho, muitas saudades dele, muita saudade. Muita saudade, é **saudade misturado com tristeza**, das lembranças e de tudo o que eles passaram. Eu estava conversando com a vizinha estes dias, ela disse:- Mulher, você tem que tirar isso da sua cabeça,você tem que pensar em uma coisa, eles não estão mais sofrendo, eles sofreram, mas eles não estão mais. O que eu não consigo tirar da minha cabeça... eu sigo para quem está fora, para falar é fácil, porque assim, Bruno, o que mais me atormenta na minha mente assim é o tanto que eles sofreram, sem defesa al-gu-ma, como muitos jovens, crianças, vive passando por isso que a gente vê na televisão todo dia, sem defesa.*

Eu posso contar uma coisa que eu vi na televisão esta semana?

Pode.

Porque, assim, fez eu lembrar muito eles. Foi domingo, estava passando “Domingo Espetacular”. Aí passou uma história, passou uma história muito triste com um final muito feliz, de quatro crianças que se perderam na mata. Então assim, Bruno, estas coisas: helicóptero na mata, é... é..., criança ou adolescente, esse tipo de pessoa que se perde em mata, né? Faz eu lembrar muito assim do caso dos meus filhos. Foi uma história muito triste dessas quatro crianças, mas com um final feliz. Eu chorei muito assistindo essa reportagem. Eu comecei a assistir de boa, dali a pouco eu comecei a chorar sem parar. Minhas duas filhas e o meu menino assistiram também, né? Meu menino estava jogando videogame e ele parou de jogar para ver essa história. “Olha mãe, o tamanho das crianças”. Aí eu comecei a assistir e comecei a chorar, Bruno, do nada... do nada é modo de falar, fez eu lembrar muito o caso dos meus filhos: quatro crianças, o mais velho tinha dez anos e o mais novo tinha quatro anos de idade... não era tudo irmão, era amiguinho, vizinho, a família tinha ido... estava em um lugar lá, uma chácara, não sei, uma festa, as crianças começaram a brincar fora assim e, de repente, entraram em uma estrada lá, e só sei que entraram em uma mata e se perderam. Passaram, parece que foi oito horas, uma coisa assim, oito horas desaparecido, as crianças perdidas na mata. E eles faziam assim uma simulação do que aconteceu... Bruno, uma história tão triste assim com um final tão feliz... eu chorei mais assim com o final. As crianças se perderam e tudo, eu sei que eles andaram, andaram, andaram, andaram perdidos dentro dessa mata, terminaram saindo numa fazenda. Aí, eles estavam com muito frio, muita fome... fome e frio e sede... aí chegaram na fazenda, aí eu sei que tinha os carros lá, de

madrugada já, eles entraram, tudo de shortizinho, muito frio eles estavam. Aí eles entraram dentro deste carro que estava descoberto com a lona para se proteger do frio. Aí, amanheceu o dia, o caseiro lá do sítio chegou, aí viu que a lona não estava do jeito que ele havia deixado. Aí, quando ele foi descobrir, aí, estavam aquelas quatro crianças dormindo, tudo encolhidinho, com frio, né? E nisso aí as famílias das crianças, a polícia estava tudo procurando as crianças e encontraram. Aí, o caseiro estava sabendo que essas crianças estavam desaparecidas e o caseiro já estava com telefone, já sabia que elas estavam desaparecidas. Aí, Bruno, deu café para as crianças, deu leite, alimentou as crianças e ligou para a família. Aí, eu já estava chorando e as meninas dando risada da minha cara (risos). Aí, ligaram para a família e falaram: “policial, meus filhos foram encontrados”. Aí, eu sei que a repórter estava lá com as crianças e a repórter perguntou para o menino de quatro anos por que que ele chorou muito quando viu a mãe dele, e ele disse: “quando eu, é...” não a repórter perguntou quando que ele chorou mais, e foi quando ele viu a mãe dele na frente, ele ficou muito feliz quando viu a mãe, e chorou muito de emoção.

*Aí estava tudo lá dando entrevista e eu fiquei pensando:” olha que coisa linda, três crianças, eles tiveram um final feliz e meus filhos não tiveram aquela sorte, né?” Aí, eu fiquei com isso só para mim. Eu fiquei chorando assim porque eu fiquei muito... foi triste e foi um final feliz, assim, e eu me emocionei muito com a resposta do menino, aí eu pensei assim: “Olha que coisa, uma história triste e um final feliz e meus filhos não tiveram aquela sorte, como vários casos que passaram na televisão”. Eu chorei, minha menina:”Mãe, a senhora está chorando (risos). Aí eu falei assim para ela: - Como que a gente não chora com uma história daquela tão emocionante: **triste e com um final feliz.***

Eu estava comentando com uma vizinha minha, e ela falou assim: - Rosa, sempre quando eu vejo coisas assim, eu lembro de seus filhos, assim, Bruno, sempre umas histórias parecida (suspiro). E é isso.

Segunda entrevista com Rosa

Entrevistador: Conte-me sobre sua história.

...deixa eu pensar...

Eu não sei de onde é que eu começo... eu quero começar falando sobre o meu segundo relacionamento, pode ser?

Pode.

Então, é... o que eu tenho para falar é isso. Eu me casei aos quinze anos, engravidei do meu primeiro filho, eu tinha quinze anos de idade, aí eu sei que eu tive três filhos com meu primeiro relacionamento. Vivi treze anos com meu primeiro marido, depois me separei, arrumei outro... tive duas filhas.

Qual o motivo da separação?

Muita coisa, Bruno, muito problema. Ele bebia demais, me batia, quebrava as coisas dentro de casa, era muito violento, sabe? Sempre quando estava bêbado, queria bater nos meus filhos, eu não aceitava. Sempre quando estava bêbado, né, quebrava as coisas dentro de casa, não era um bom pai, nunca foi carinhoso com eles, não era de levar para passear, nada disso, né? Era muito violento dentro de casa, me batia, quebrava as coisas, quando estava bêbado. Me traiu também, como esse atual (marido atual) era muita traição, muita violência da parte dele. Aí, eu sei que eu vivi treze anos com ele, me separei, encontrei essa outra pessoa, está com onze anos que eu estou com essa pessoa, tive dois filhos, uma tem dez anos e a outra vai fazer onze e... também não é uma boa pessoa. É um bom dono de casa, sobre isso não tenho o que reclamar... mas também não está dando certo.

É isso... (suspiro) aí é... perdi meus dois filhos, do primeiro relacionamento, uma perda muito trágica na minha vida, nunca mais voltei a ser a pessoa que eu era, e... estou com essa pessoa agora, mas também não está dando certo, vou separar, porque não está dando certo mesmo... e é isso. Muito difícil né... não tem muita coisa boa para contar da minha vida não... o que eu tenho para falar da minha vida mesmo, assim, de bom mesmo, é... quando meus filhos eram vivos. Que eu era muito feliz e não sabia... (chora).

Eu era muito feliz, quando eu tinha meus dois filhos comigo... eu sou assim com os outros três que eu tenho, né? Mas eu era muito mais quando eu tinha meus filhos com vida, e hoje eu não tenho mais, não tem mais volta o que aconteceu... minhas filhas são muito boas para mim, meu filho também... eles eram muito meu amigo, além de filho era muito... me dá muita atenção, são muito carinhosos os três... mas sempre tá aquela falta, dos outros dois.

É... eu também tive outro filho, né? Que morreu com doze dias de nascido, mas foi uma coisa assim que eu me conformei tão rápido assim, era tão bebezinho, sofri muito, mas superei muito rápido.

O que aconteceu com seu filho?

Ah, ele nasceu, aí com doze dias que ele nasceu, com doze não, com nove, ele adoeceu, levei no médico na época, o médico falou assim que o problema que ele tinha não tinha jeito e

pediu para eu voltar com ele para casa, porque lá no norte era assim, sabe, Bruno? Ainda é assim no Maranhão.

Mas o médico não examinou? Não explicou o que o seu filho tinha?

É..., o problema que ele teve lá na época, aqui os médicos dão o nome de meningite, entendeu? Só que lá os médicos dão outro nome, e pediu para eu voltar com ele para casa para ele morrer em casa mesmo, porque não tinha jeito. Se ele sobrevivesse, ele ia ficar com sequela. Mas, sei lá, o probleminha dele não tinha jeito, mandou voltar com ele para casa, ele morreu em casa mesmo. Eu sofri muito na época, ele tinha doze dias de nascido quando aconteceu isso, eu sofri muito, fiquei muito abalada, mas eu me conformei, eu aceitei tão rápido, que hoje eu lembro assim sem sofrer nada, né? Ele era um anjinho assim, e o médico falou que se ele sobrevivesse ele iria ficar com sequela, então Deus sabe o que é que faz, né?

Foi uma coisa permitida por Deus e tudo, mas o que eu não consigo superar até hoje, e eu acho que não vou conseguir, é o que aconteceu com meus outros dois filhos.

Porque foi uma perda muito trágica na minha vida, muitas mães passam por isso também, é uma coisa assim que, é muito difícil a pessoa se recuperar, aceitar, e... até hoje eu não consigo aceitar. Eu acho que mais por causa da forma que foi. O tanto que judiaram dos meus filhos... é... sem eles ter defesa, é isso que mais me maltrata, é o que mais me tortura, o que mais me faz sofrer, eu ver na minha mente, porque eu não lembro, eu simplesmente vejo tudo o que aconteceu, eu não vi nada, mas nem eu sei explicar, mas eu sempre vejo na minha mente o tanto que meus filhos sofreram sem defesa.

E agora que está aquela destruição no lugar que eu estou morando, aí é que deu acesso a tudo o que aconteceu com eles, e está fazendo mal para mim eu ficar naquele lugar, está me prejudicando mais do que estava, porque a vista mesmo, sabe? A vista da mata... pior do que estava. É, a semana passada aconteceu... uma vizinha minha... posso falar sobre isso?

Pode.

A semana passada aconteceu com uma vizinha minha, o filho dela trabalhava fora, e voltava para casa aos finais de semana, ele era solteiro e tinha 27 anos... o filho dela veio de moto no domingo e aconteceu um grande acidente perto de casa, então assim, pelo o que as meninas estão sabendo, ele morreu na hora. Os familiares foram saber na terça-feira. Aí, quando eu soube disso, na terça, era o dia do enterro, eu fiquei muito triste, porque eu sei a dor que ela estava sentindo, porque ela é mãe também. Aí eu pensei assim:” hoje não, mas amanhã cedo eu vou lá, e fui.”

Bruno, eu precisava ir lá, eu precisava dar um abraço nela, porque eu sabia a dor que ela estava sentindo. Eu, mais do que ninguém sabe, a dor que ela está sentindo, eu senti que precisava ir. Aí, eu cheguei lá, eu vi ela chorando, o marido também, eu cheguei lá e não consegui falar nada. Eu fui dar um abraço nela e ela me apertou tanto, ela me abraçou tão forte que não me soltava. Aí, ela começou a me contar que tinha perdido o filho dela e eu falei que sabia a dor dela. Foi bom eu ter ido lá, porque eu falei algumas palavras de apoio para eles. O marido dela chorou muito, e quando me viu chorou mais ainda. Dei uma palavra de apoio para ele também. Ela disse que nunca tinha visto o marido daquele jeito, eu disse que ele era pai, né?

Ele pegou no meu braço e quis me mostrar o quarto do filho dele, foi muito triste eu ver ele daquele jeito, e foi muito bom eu ter ido lá. (suspiro). Eu sei que é isso, é tanta coisa que acontece na vida da gente... Aí eu voltei para casa, falei para meu filho que fui lá... e meu filho me apoiou, minhas filhas também, então assim... sabe. Aí, eu sei que tive minhas duas filhas, hoje eu paro e penso, e falo que Deus sabe todas as coisas, né? Quando eu engravidei de uma de minhas filhas, eu fiquei muito desesperada porque na época eu estava procurando trabalho, e empresa não pega funcionário que está grávida. Em seguida, engravidei da minha outra filha, e me desesperei também, porque foi muito rápido. Aí, hoje eu paro e penso: “Perdi meus filhos de uma vez só, e elas duas, né...”. Hoje eu paro e penso assim: “Já pensou se eu não tivesse elas?” Minha vida seria muito vazia. Minhas filhas me dão muito apoio.

É isso... meu filho é muito bom, trabalhador, todo mundo fala que é muito difícil um menino na idade dele, vinte e três anos, ser comportado como ele é... ele é muito amigo. E é isso.

Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar?

Minha família me apóia muito. Minha irmã me ligou desejando Feliz Ano Novo. Depois que eu perdi meus filhos, nunca mais eu tive uma virada de ano, um Natal, um Dia das Mães, Páscoa, nada, nunca mais foi feliz como ela... nunca mais, esses dias assim foi feliz como era quando eu estava com eles. E é isso... muita gente olha assim para mim e diz que eu sou uma pessoa guerreira. Tem momento que eu dou risada, converso com as pessoas, sou simpática com as pessoas como eu sempre fui. Mas Deus e eu é que sabe como eu vivo alguns momentos, e é isso. Eu acredito, Bruno que, se eu tivesse com meus dois filhos, eu seria uma pessoa feliz, eu acredito nisso.

*Que hoje, quando eu vejo uns meninos da idade deles... o pessoal elogia muito meu filho, de vinte e três anos, falam que ele é muito bom e trabalhador...e eu digo, **como ele, era para mim ter três**, e eu tenho um só...**era para mim ter três, e hoje eu só tenho dois**, nossa, é um vazio muito grande. Semana passada, meu filho pediu o nome das irmãs completo, eu quis saber por que, e ele não quis dizer. Aí, nesse dia, ele chegou em casa e eu perguntei: - **Bruno... Júnior por que você queria o nome delas?** Ele disse que fizeram agora um seguro de vida e é norma da empresa. Eu não entendi porque no nome das meninas. E ele disse que, se caso acontecer alguma coisa comigo, a senhora, você vai ter direito à indenização. Eu disse para, eu não quero ouvir isso não.*

Aí é isso, ele é um menino muito bom e dedicado. As meninas também, o pessoal elogia muito elas. Mas, sabe, por mais que eu esteja feliz com eles, nunca é uma felicidade completa, falta meus dois filhos.

Eu vivo com uma pessoa que está lá em casa, ele chegou do trabalho e disse que sabia da morte do filho da vizinha, e eu disse que fui lá, e ele me disse: “Agora todo mundo que morre você tem que ir lá?” Que pessoa egoísta, que não pensa em ninguém, que horror!

Meus filhos se divertiam, eu era muito feliz, apesar da vida que eu tinha com o pai deles, eu era feliz com meus três filhos, que na época eram só três. Ontem fui na casa de uma amiga e ela me disse que o caso dos meus filhos ainda passa na televisão... isso me fez muito mal. Porque depois de tanto tempo eles ainda ficam mostrando? Eu acho isso errado.

É isso que eu tenho para falar... eu moro longe do meu pai, e se eu pudesse, eu morava perto dele. Eu ligo para ele todo dia. Ele é muito carinhoso comigo no telefone. Quando eu não estou bem, não sei se são meus irmãos que falam para ele, eu falo que estou bem e ele não acredita, diz que também sofre pela perda dos netos dele... ele reza por mim e me ajuda. Meus irmãos também sofrem com a perda dos meus filhos.

Queria morar perto do meu pai, para mim cuidar dele... é isso.